

# iscte

INSTITUTO  
UNIVERSITÁRIO  
DE LISBOA

---

Entre o Mar e a Terra - Costa da Caparica  
Memória e Religião: Limites e Contradições Espaciais.

Rodrigo Miguel Marcos Silvestre

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadora:

Professora Doutora Arquiteta Ana Gabriela Bastos Gonçalves,  
Professora Auxiliar,  
ISCTE-IUL – Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2021



TECNOLOGIAS  
E ARQUITETURA

---

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Entre o Mar e a Terra - Costa da Caparica  
Memória e Religião: Limites e Contradições Espaciais.

Rodrigo Miguel Marcos Silvestre

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadora:

Professora Doutora Arquiteta Ana Gabriela Bastos Gonçalves,  
Professora Auxiliar,  
ISCTE-IUL – Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2021

**ENTRE O MAR E A TERRA | Costa da Caparica**  
Memória e Religião: Limites e Contradições Espaciais

**Projeto Final de Arquitetura 2020/2021**

Rodrigo Miguel Marcos Silvestre

Orientadora: Professora Doutora Arquiteta Ana Gabriela Bastos Gonçalves,  
Professora Auxiliar

**ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa**



## Resumo/ Abstract

A Costa da Caparica é uma cidade que muitos conhecem pelas suas maravilhosas praias a pouca distância da capital portuguesa. O que muitos desconhecem é a sua essência e a história da sua fundação.

A presente investigação reúne informações acerca do aparecimento da primeira população que assentou no território, na sua formação e no seu desenvolvimento. Nos dias de hoje, a Costa da Caparica encontra várias falhas no que toca à manutenção da sua extensa variedade de qualidades naturais, assim como na preservação de algumas memórias, que foram essenciais para a criação da identidade deste lugar.

O trabalho divide-se em duas partes. Uma primeira dedicada à evolução histórica do local e uma proposta de um plano geral realizado por um grupo de investigação que visa a correção de alguns problemas na estruturação urbana que têm vindo a afetar a cidade, sobretudo a partir dos anos 60, em que virou destino turístico de acesso facilitado. A segunda parte foca-se sobretudo no estudo da memória associada à religião, que teve sempre um papel importante no território. A fé esteve desde sempre ligada aos pescadores e à forma como as crenças e os rituais amenizavam a dor daqueles a quem os conhecidos partiam. Assim, é sugerida uma proposta de expansão e requalificação do espaço do cemitério, como também a construção de um novo crematório. Este planeamento visa a valorização das características desvalorizadas e corrompidas da Costa da Caparica, assim como o estabelecimento de limites para o avanço da cidade em relação aos elementos naturais.

Costa da Caparica is a city that many know for its wonderful beaches within walking distance of the Portuguese capital. What many do not know is its essence and the history of its foundation.

This research gathers information about the emergence of the first population based in the territory, its formation and its development. Today, Costa da Caparica finds several flaws in maintaining its extensive variety of natural qualities, as well as in preserving some memories, which were essential for the creation of the identity of this place.

The work is divided into two parts. A first dedicated to the historical evolution of the site and a proposal for a general plan carried out by a research group that aims at correcting some problems in urban structuring that have been affecting the city, especially from the 1960s, in which it became a tourist destination with facilitated access. The second part focuses mainly on the study of memory associated with religion, which has always played an important role in the territory. Faith has always been linked to fishermen and how beliefs and rituals alleviated the pain of those to whom acquaintances departed. Thus, it is suggested a proposal for expansion and requalification of the cemetery space, as well as the construction of a new crematorium. This planning aims at valuing the devalued characteristics and corrupted of the Costa da Caparica, as well as the establishment of limits for the advancement of the city in relation to the natural elements.

**Palavras-chave:** Costa da Caparica, Limite, Memória, Arquitetura Religiosa, Arquitetura para além da vida

**Keywords:** Costa da Caparica, Limit, Memory, Religious architecture, After life architecture



## Índice

I. Introdução	7
II. Costa da Caparica: Introdução ao território	
II.I Evolução histórica	11
II.II Plano geral do grupo de investigação	17
III. A Proposta	
III.I Introdução à Memória e Religião da Costa da Caparica	29
III.II Projetos de referência	41
III.III Expansão do Cemitério da Costa da Caparica e um novo Crematório	51
IV. Considerações finais	77
V. Bibliografia	81



001 Gravura da Costa antiga

## I. Introdução

No ano de 1558, Lourenço Pires de Távora manda edificar no cimo da Arriba Fóssil do concelho de Almada, um convento de frades franciscanos, denominado Convento dos Capuchos. <sup>(1)</sup>

Em 1816 assentam-se, na Costa da Caparica, os primeiros aglomerados de pescadores provenientes do norte e sul do país que encontram neste território a sua forma de viver. Esta população, desde cedo ligada ao mar e aos dissabores que esta força da natureza lhes traz, encontra na religião e na fé, força e esperança para aguentarem todas as adversidades vividas em comunhão com o seu sustento de vida. Constrói-se uma pequena igreja e mais tarde, em 1883, o cemitério. Estes elementos religiosos têm, desde o início, uma grande importância na estruturação do território e da própria mentalidade da povoação.

A Igreja Velha e o Cemitério acabam por ser absorvidos pelo crescimento da cidade, sobretudo a partir dos anos 60, década da construção da Ponte 25 de Abril. Assim, dá-se início ao auge da época turística balnear vivida nesta zona. Começando aqui o conflito entre a Arquitetura da Memória e a Arquitetura do Turismo.

Nos finais do século XX, edifica-se a nova Igreja Paroquial para conseguir, de uma forma mais adequada, dar resposta às necessidades da população dos tempos que decorriam. Este novo edifício localizado na linha limite entre a cidade e a mancha de campos agrícolas, pretende também, traçar novos limites para o crescimento da cidade, que se tornam ilegíveis e desmembrados, não tendo qualquer relação entre a cidade e o campo.

O cemitério localiza-se na zona mais próxima à arriba, evocando a ideia de afastar o mais possível os corpos enterrados do mar, devido às cheias e ao mar tempestuoso do território. Este sentido de proteção e afastamento das pessoas que já partiram do mar, estende-se até hoje. Existiram, a partir dos anos 30 do séc.XX, vários planos urbanos de reestruturação da cidade e em alguns deles propunha-se a realocação do cemitério, o que acabou por nunca ir para a frente, em grande parte pela vontade de respeitar a memória e as tradições dos que ali estão, em grande parte dos pescadores.

Até à construção da IC20, atual porta principal de entrada na Costa da Caparica, descia-se o caminho que ligava (e ainda liga) a cidade ao Convento dos Capuchos e o ponto de receção da cidade era junto ao antigo Mercado na Praça da Liberdade. Após a construção da via, que rasga a arriba e aproveita o declive de um antigo caminho pedonal, esta torna-se na nova receção da Costa, com uma grande afluência de passagem. O cemitério localiza-se no limite norte desta infraestrutura, apesar de passar despercebido, pela diferença de cotas e pelo ambiente de refúgio criado pela arriba e pela vegetação que se densifica nesta fronteira entre a zona do cemitério, o passeio e a estrada. Atualmente encontra-se quase no limite máximo de ocupação e é urgente uma nova requalificação do sítio.

Os objetivos deste trabalho passam por encontrar uma forma de reestruturar a cidade reavendo as suas memórias e a sua paisagem, pensando também no desenho de novos limites e de novas relações entre o natural e o construído e entre o passado e o futuro. O desenvolvimento desta proposta passa pelo estudo da memória, tradições e histórias vividas neste lugar.

A intervenção visa o reajuste e reestruturação do espaço do Cemitério, passando pela sua amplia-

(1) (pt.wikipedia.org, s.d.) retirado de [https://pt.wikipedia.org/wiki/Convento\\_dos\\_Capuchos\\_\(Caparica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Convento_dos_Capuchos_(Caparica))

ção e pela proposta de novos programas complementares a este local de culto, como a construção de um Crematório para a Costa da Caparica, fazendo melhor a transição entre este retiro e o resto da cidade, redesenhando também um novo percurso de chegada pedonal.

Esta recolha de informação passou pela consulta do arquivo fotográfico e do arquivo municipal com o objetivo de se compreender o passado e elementos que pudessem estruturar e fundamentar o trabalho. Foi importante, para além de estudar os projetos de referência a história relacionada com o tema, de que forma é que os lugares da morte evoluíram e estão a evoluir, numa cidade e na mentalidade das pessoas.

O presente trabalho organiza-se em duas partes. A primeira é um enquadramento do território e uma proposta de plano para a cidade. A segunda desenvolve-se em torno de uma proposta para a ampliação e revitalização do atual cemitério que reforça as ideias do plano de grupo, e para o qual foi necessário o estudo de algumas obras para a realização de uma proposta mais fundamentada:

#### Cemitério San Cataldo em Itália, Aldo Rossi

A escolha deste caso de estudo deve-se pela forma como o arquiteto repensa num novo ideal de cemitério, numa nova forma de organizar os mortos e relacionando-se ainda assim com a pré-existência.

#### Woodland Cemetery em Estocolmo, Asplund

É importante perceber como é que um cemitério é também um parque e um espaço público. A fusão do verde e da paisagem com um lugar de repouso proporcionam uma atmosfera melancólica e de esperança. Assim, analisa-se a maneira de pensar numa Arquitetura de transição.

A Costa da Caparica é um território que ao longo dos tempos tem recebido várias propostas de reorganização urbana por parte de variados Planos Urbanos. Várias vezes surgiu a ideia de transferir o cemitério para outro local, mas a fé e as crenças da população, assim como as memórias do local não têm permitido. O projecto de ampliação do cemitério que aqui se apresenta tenta reunir os ideais dos dois cemitérios de referência com uma paisagem de extrema delicadeza que se pretende reabilitar e a memória do lugar.





002 Planta Topográfica 1816

## II. Costa da Caparica: Introdução ao território

### II.1 Evolução Histórica

Costa da Caparica é a denominação da parte litoral delimitada pela Foz do Tejo até ao Cabo Espichel. Antigamente chamada de Costa do Mar, tem uma extensão de cerca de 25 quilómetros.

Terras pantanosas e escoamentos de água naturais definiam este território. Em 1816 já se fixavam as primeiras povoações neste local e eram evidentes duas valas naturais de drenagem que, marcavam o território e que desaguavam toda a água doce proveniente das terras e do escoamento da arriba para o Rio Tejo (002). Assim se separavam as terras férteis da costa limitadas pela água doce, dos areais extensos delimitados pelo mar salgado do Oceano Atlântico, nos quais se desenvolviam atividades piscatórias de gentes provenientes do norte e sul de Portugal, mais concretamente da zona de Aveiro e Olhão.

As primeiras povoações provenientes de Ílhavo trouxeram para a Costa da Caparica a sua tradição da arte xávega, na qual se utilizam pequenos barcos denominados Meia Lua que facilitavam a entrada no mar (003). Com a utilização de animais bovinos que puxavam as embarcações até terra, mais concretamente até às casas ou cabanas dos pescadores. Contudo face ao ambiente tempestuoso do Inverno e à redução da quantidade de peixe no mar, os habitantes viram-se obrigados a envolverem-se na agricultura, tornando-a numa segunda atividade.

Anteriormente os terrenos agrícolas existiam apenas no cimo da arriba onde os solos não eram arenosos e pouco férteis, sendo assim compatíveis com a agricultura. Na tentativa de melhorar os solos na base da arriba, as cascas de caranguejo e algumas espécies de peixe pescado serviram para primordialmente fertilizarem os solos. Atualmente estes terrenos são parte de uma das



003 Barco Meia Lua



004 Os campos e a arriba

maiores manchas de Solos de Elevado Valor Ecológico, tendo o estatuto de Reserva Agrícola Nacional. Em 1882 foram abertas mais valas de drenagem e feita a florestação dos terrenos adjacentes aos campos agrícolas que secou o pântano repleto de juncais que existia entre a Trafaria e a Costa da Caparica, criando condições para o cultivo de vinhas e hortaliças. Esta ação teve consequências demográficas no território exclusivamente de pescadores, crescendo-se famílias de agricultores.

Analisando o mapa da Costa da Caparica de 1816 com a atualidade, denota-se a sobreposição de uma das línguas da antiga vala de drenagem natural com uma das ruas primitivas da Costa da Caparica e de maior importância, que hoje em dia ainda liga a antiga Igreja da Nossa Senhora da Conceição ao Mercado, sendo também uma das exceções à malha ortogonal da cidade (005).

Em 1879 é construído o Poço da Bomba na Costa da Caparica, utilizado inicialmente como fonte de água de apoio à população local e aos campos agrícolas. Hoje em dia serve as necessidades da povoação do Bairro ilegal do Lelo Martins, que carece de água para as suas necessidades básicas (006).

A Avenida paralela à linha do mar que divide o território da Costa da Caparica no sentido norte-sul, hoje Av. Afonso de Albuquerque prolongada pela Av. D. Sebastião, é um caminho pré-existente. Assim, em 1878 é então construída a vala de drenagem que percorre todo este troço, iniciando-se perto do mercado, fazendo ligação com o chafariz, até à Trafaria onde se intersesta com o rio.

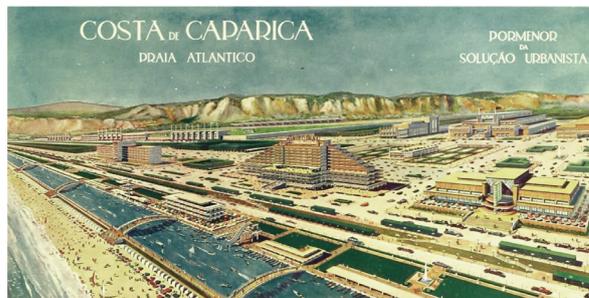
Em 1930, Cassiano Branco propõe um projeto de revitalização utópico para a Costa da Caparica como ideia de cosmopolitismo. Apesar da proposta de edifícios de carácter megalómano, Cassiano reforça o elemento água e abre um



005 Rua ancestral assinalada que liga a Igreja Velha ao Mercado



006 Poço da Bomba



007 Plano Urbano Cassiano Branco, 1930



008 Alameda de Santo António com vala descoberta à direita



009 Fotografia da Ponte sem tabuleiro, 1965

canal que separa o construído da praia e onde nele próprio se desenrolam atividades, evocando assim a memória do sítio e a relevância que o mesmo tem e tinha no território (007).

Até aos anos 60, a vala e a estrada faziam a divisão entre a cidade e os campos agrícolas, criando limites. O próprio percurso pedonal era feito separadamente dos veículos pela vala que limitava os percursos acompanhada de um corredor verde pontuado por alguns locais de repouso (008).

Anos mais tarde começa-se a construir para lá da barreira criada por todos estes elementos, sendo que a construção da ponte 25 de Abril em 1966 reforçou o crescimento excessivo de uma localidade que não estava preparada para tal.

A zona denominada de Campos Agrícolas (terras da Costa) delimita-se agora, a Norte pelo Bairro de Santo António, a Sul pela linha de água que dá lugar à descida das vacas e delimitada pela vegetação de árvores, atualmente ocupada em parte de forma excessiva pelo parque de campismo sul. A Este pelo declive da arriba fóssil e a Oeste pelo limite nascente da Vala dos Frades e pelas Avenidas que iniciam no cruzamento da IC20 com a Avenida Afonso de Albuquerque para sul.

As valas de drenagem começaram a ser cobertas no ano de 1995, terminando passado dois anos. Este trabalho teve como objetivo principal o encerramento da rede de esgotos de drenagem pluvial que até então se fazia através das valas, mas que primitivamente não teria esse fim, sendo apenas uma vala de drenagem de água doce para secagem dos terrenos pantanosos. A ocultação desta vala de drenagem dá origem à Alameda Atlântica, atualmente denominada de Avenida Afonso de Albuquerque. A estrada passa a ter duas vias em cada faixa de rodagem pontuada com uma série de rotundas que distribuem os

veículos para os parques de campismo e praias a Oeste e o Bairro de Santo António, maioritariamente habitacional a Este. Na zona da mata de São João existem ainda valas que permaneceram abertas, desde o atual Parque Urbano até à Trafaria, rodeadas de vegetação e acompanhadas de um percurso utilizado por pessoas para caminhadas ou passeios de bicicleta.

Hoje em dia, a cidade e os espaços urbanos foram cortados pela força desta Avenida e acaba por não haver um limite entre o edificado e os campos agrícolas, causando um conflito entre eles. As valas e dos terrenos pantanosos já são hoje pouco visíveis no território, no entanto, ao andar pela cidade, e pelos campos agrícolas, encontramos vários poços e pontos de água, que são testemunho de um terreno abundante de água. E quando olhamos para a cartografia do local podemos encontrar na toponímia da cidade a Rua do Juncal, que revela aos mais curiosos as origens deste território.

A Costa da Caparica é hoje uma cidade dispersa, com múltiplos núcleos urbanos e um grande valor paisagístico. Embora a cidade tenha tido bastantes planos de edificação ao longo da sua história, poucos foram avante e por isso carece de um plano urbano que consolide toda a área urbana atualmente dispersa de forma a delimitar o seu crescimento e a sua relação com a própria paisagem envolvente de uma forma benigna e sustentável. <sup>(2)</sup>

(2) Este texto foi elaborado em colaboração com Carlota Claro, no âmbito do trabalho de grupo realizado.

*Costa da Caparica*



**PORTUGAL**

010 Vista aérea Costa da Caparica, 1980

## II.II Plano Geral do grupo de investigação

*<<O percurso é nobre e extenso na sua dimensão temporal, é a Costa, nossa Costa, querida e amada por muitos, mas que, por incúria e desleixo de uns e má vontade de outros, se tem perdido na voragem dos tempos.>> <sup>(3)</sup>*

O novo plano que se vem a propor para a revitalização de uma cidade, toma como ponto de partida o trazer das memórias e a requalificação das vivências da Costa da Caparica.

### Ruturas

Após um estudo feito sobre o território da, hoje em dia cidade, Costa da Caparica, foi possível perceber a sua evolução, as suas qualidades naturais, demográficas e algumas de carácter urbano, bem como alguns pontos que não têm vindo a ser tão respeitados e muitas vezes ignorados. São algumas destas problemáticas que uma proposta urbana elaborada por este grupo de investigação pretende resolver, tentando sempre conjugar um pensamento futuro do território e as memórias ali vividas e representadas nas diversas atividades quotidianas de quem habita esta cidade.

A praia é o que leva os não habitantes à Costa da Caparica, tornando-se um destino turístico com grande afluência. Contudo, a sazonalidade acaba por ter consequências no desenvolvimento da estrutura de uma cidade, oscilando a nível populacional entre o verão e o inverno. Uma cidade que não dá resposta a aglomerados na estação quente e que acaba por ser esquecida na esta-

(3) Apud NEVES, António José – A nossa Costa: Costa de Caparica, p. 6.



011 Praia Costa da Caparica

ção fria. A construção da ponte em 1966 torna-se o gatilho para o crescimento da Costa, que de certo modo acaba por não ser controlado, carecendo de um plano urbano pensado e estruturado capaz de responder às suas necessidades. A Costa da Caparica, sendo um território periférico à grande cidade de Lisboa, não cumpre com um certo tipo de pré-requisitos no que toca aos moldes arquitetónicos adotados, encontrando-se assim variados elementos e obras de carácter modernista e que acompanham as várias épocas da arquitetura. Este património acaba também por ser afetado pela evolução desmedida da cidade resultando numa desapropriação e descaraterização de alguns valores arquitetónicos.

A cidade carece de unidade no que toca à conexão entre alguns dos núcleos urbanos. Começando a norte, a Mata de São João, o Bairro de Santo António que contém em grande maioria habitação coletiva, a área circundante à Rua Agro Ferreira caracterizada por moradias dos anos 50/60, o centro onde se encontram o antigo mercado e a Praça da Liberdade, o Bairro dos Pescadores projetado pelo arquiteto Faria da Costa, o Bairro



012 O cimo da arriba



013 A duna, as cabanas dos pescadores e o mar

do Campo da Bola de origem clandestina e as construções a nascente da Avenida Afonso de Albuquerque em fronteira com os campos agrícolas. As separações e fronteiras existentes na cidade transportam-se e influenciam também as desconexões sociais, transparecendo a falta de inserção de parte da população e a própria separação dos meios onde habitam. Os limites físicos e sociais acabam por ter um papel deteriorante nesta cidade. Assim, denota-se também a desvalorização dos elementos naturais que caracterizam o lugar, o mar, as matas, as terras férteis e a arriba.

#### Método

Dividimos o território em três parcelas paralelas ao mar: o mar, a cidade e a terra. Como o nome indica, a Costa da Caparica é definida pela sua extensão costeira e pela forma longitudinal e paralela que a cidade se desenvolve em relação ao mar, confrontando-se com a forte presença da arriba fóssil do lado oposto. Em tempos existiria apenas o mar, o oceano e a terra delimitada pela falésia. A cidade assenta entre ambos, lidando e criando relações com os variados elementos naturais presentes no local. Assim, o parcelamento do território ajuda a perceber como poderão ocorrer estas ligações, focando-se sempre nos elementos independentes de cada porção.

#### Proposta/ Plano elaborado pelo grupo de investigação

A intervenção feita na primeira parcela, o Mar, visa a proteção do sistema dunar e da memória da linha do transpraia<sup>(4)</sup>. É assim então estabelecido um novo percurso para o transpraia vindo de

norte, da Trafaria, e acompanhando toda a costa até às praias sul, distribuindo os habitantes e os banhistas pelas diversas praias. Propõe-se a valorização do verde e da vegetação nos parques de estacionamento norte que fazem a transição entre a cidade e a praia. No que toca ao pensamento do percurso de chegada à praia é também aproveitada a grande estrutura já existente, o paredão, para ser ocupado de programa e ter uma maior comunicação com o nível abaixo, lado contrário ao mar. Assim, no caminho percorrido até ao areal, as pessoas passam por novos espaços de comércio, de restauração ou até escolas de surf. A Praça 1º de Maio, é o término da avenida perpendicular ao mar de mesmo nome, e torna-se assim, na principal chegada à zona balnear. A ideia é que esta praça tenha capacidade de receber os visitantes, assim como, fazer a comunicação com a paragem do transpraia, com o comércio envolvente e com o grande acontecimento, a subida à praia. A “Praça das Tábuas”<sup>(5)</sup>, praça central no mesmo nível que a areia, que se conecta com uma das ruas principais e primordiais da Costa da Caparica, a rua dos Pescadores, é desenhada seguindo o conceito de trazer o pinhal até à praia, com a abundância de vegetação alta e com um pavimento de carácter arenoso, com alguns equipamentos de apoio à utilização do espaço. Os estacionamentos a sul são redesenhados, realçando assim o pinhal preexistente e permitindo a densidade correta de plantações para as proteções das dunas. Estas acabam por

(4) Inaugurado nos anos 60 do sec. XX o transpraia é um comboio que anda sobre as dunas e faz a frente de praias a sul da Caparica. Liga o centro da cidade à Fonte da Telha.

(5) A Praça das Tábuas, é a denominação atribuída pela população a um espaço aberto na Avenida Humberto Delgado, junto da frente de praias, que foi pavimentada com chulipas na intervenção do programa Polis e que rapidamente ficou degradada.



014 O campo, a cidade e o mar

ser redefinidas, de modo a fixarem as areias das praias, com o apoio de vegetação própria e com o novo desenho dos parques de estacionamento e o recuo do transpraia e dos parques de campismo relativamente à linha do mar.

A parcela dois denominada de Cidade, tem um papel importante na conexão entre as outras duas parcelas e acaba por ser definida pela própria malha urbana construída e confrontada com novas construções ao longo de décadas. O objetivo da intervenção passa pela proposta de um novo centro para a Costa da Caparica e a preservação e reabilitação do antigo, assim como, uma melhor ligação de núcleos urbanos. Depois de ser feita uma análise aos espaços públicos devolutos na cidade, é proposto a reabilitação e revitalização de algumas praças existentes e de centros comerciais que desenham um novo espaço público ao nível térreo, permitindo uma maior conexão entre vários pontos, transpondo as barreiras existentes. Assim, faz-se também a interligação do antigo centro a um novo centro onde se insere um novo mercado e um novo complexo desportivo de forma a reestruturar o antigo Bairro do Campo da Bola, para além de uma torre miradouro que assinala o término da morfologia urbana e que faz a ligação com a cota da praia.

Por fim, a parcela mais afastada do mar, a parcela três, a Terra, que lida diretamente e que se confronta com a proteção e valorização dos campos agrícolas e da arriba. A cidade construída foi avançando em relação às terras, não havendo um limite que impedisse este crescimento e que organizasse o fim da cidade para o lado nascente. Propõe-se assim a criação de uma nova avenida, Avenida Lelo Martins <sup>(6)</sup>, acompanhada de uma vala de drenagem que cria esta relação, memória e limite entre o campo e a cidade, evocando também a antiga vala, coberta em 1995, que acompanhava a Avenida Afonso de Albuquerque

e que criava o limite do crescimento da cidade até aos anos 60. Esta vala acaba por recolher a água dos campos vindas de linhas de água, muitas delas desde a arriba, e pode também ser utilizada para a própria atividade agrícola. Após uma análise à morfologia e ao caráter dos campos agrícolas, de forma a dar sentido aos pontos e linhas de água neles existentes, tentou-se perceber qual a relação que a vala poderia ter nas duas margens, na cidade e nos campos agrícolas. Ao longo das hortas existem duas zonas de retenção de água, que foram importantes para o desenho da proposta de dois espaços onde a cidade e o campo se intersectam, junto à nova Avenida Lelo Martins. Consequentemente, a vala avança para os campos nas duas zonas de retenção de água, conectando alguns pontos de água preexistentes. Existe assim um desvio no percurso, que ganha uma maior relação com as hortas e com a própria paisagem, promovendo a venda direta de produtos.

Um dos principais focos no desenvolvimento do trabalho é a entrada na Costa da Caparica pela IC20, as denominadas portas da cidade. É idealizada uma possível estação terminal de metro e de autocarros, assim como um espaço público capaz de unificar o local e de tornar mais evidente a ligação ao bairro de Santo António e à própria Escola Básica 2, 3 da Costa da Caparica. Esta intervenção tem como objetivo fazer a comunicação entre a cidade, espaço urbano e interface.

(6) Avenida Lelo Martins, foi a denominação encontrada para a nova avenida que prolonga a Av. do Oceano para sul e que faz o limite dos campos agrícolas. Esta designação deve-se a esta avenida estar desenhada junto dos campos agrícolas onde se encontra o bairro clandestino de Lelo Martins, que se pretende realojar com esta intervenção.

Mais a sul faz-se uma intervenção num dos principais pontos verticais da cidade, as Torres das Argolas. Para além de se valorizar o espaço público no nível térreo com vegetação, também se reforçou os atravessamentos no embasamento das torres. No atual parque de autocarros propõe-se três torreões, com estacionamento subterrâneo, o que permite a continuação do espaço liberto do chão, conectado com o das torres.

No alinhamento das torres criam-se dois dos principais percursos transversais nos campos agrícolas que permitem a subida à arriba, uma por escadas, aproveitando a topografia criada por uma linha de água, e outra por um elevador, fazendo a ligação com o Miradouro e o Convento dos Capuchos. No cimo da falésia fazem-se também percursos longitudinais que permitam a caminhada paralela ao mar, e que continuando para norte se liga ao Forte de Alpena.

As delimitações da cidade a norte e a sul acabam por ser feitas pelos parques de campismo. Principalmente a sul, os campismos tomaram posse do lugar e transformaram a experiência de acampar na natureza numa verdadeira aglomeração desmedida de bungalows e caravanas adaptados a uma vivência quotidiana. Pensou-se numa desmaterialização do construído da cidade através da desdensificação dos parques de campismo com a natureza, terminando numa área completamente verde. Esta redução de espaços para habitar levou à intenção de se estender a vivência deste espaço para perto dos campos agrícolas. Assim sendo consegue-se invocar a memória do que seriam estes retiros de comunhão com a natureza e o último parque a sul torna-se apto para um tipo de campismo mais efémero e menos impositivo, utilizando-se tendas.

A proposta deste grupo de investigação acaba por valorizar e dar força aos eixos perpendiculares ao mar, que cosem a malha urbana e inter-

ligam os três momentos desta cidade, a planície campestre, a densidade edificada e a zona balnear costeira. Dar ênfase a estes percursos e a estas ligações permite uma maior comunicação entre diferentes espaços e a conexão de elementos, independentemente da distância entre eles.







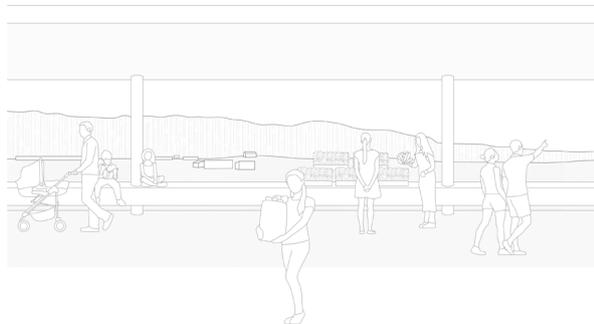
1. Requalificação da Bateria de Alpena
2. Expansão do Cemitério e um novo Crematório
3. Terminal intermodal da Costa da Caparica
4. Complexo turístico da Costa d'Ouro
5. Reabilitação do espaço da antiga Casa da Coroa
6. Requalificação do Mercado
7. Quartel de bombeiros da Costa da Caparica
8. Centro comunitário da Costa da Caparica
9. Centro de interpretação da Arte Xávega
10. Novo Mercado
11. Conjunto habitacional das Terras de Lelo Martins
12. Centro de investigação e espaço museológico
13. Novas instalações do Clube Desportivo dos Pescadores da Costa da Caparica
14. Requalificação dos parques de campismo da zona sul

- A. Convento dos Capuchos
- B. Cemitério
- C. Igreja Nossa Senhora da Conceição
- D. Centro Paroquial Nossa Senhora da Conceição





016 Perspetiva banco ao longo da nova Avenida



017 Perspetiva Ponto de Venda





018 Procissão em Honra de N.S. da Conceição, 1962-66

## III. A Proposta

### III.I Introdução à Memória e Religião da Costa da Caparica

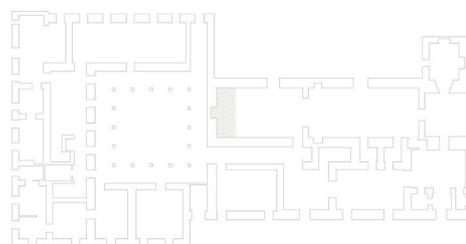
O topo da falésia foi o sítio ideal para o assentamento da comunidade de Frades do Capucho. Foi em 1558 que Fernando Pires de Távora fundou o Convento dos Capuchos, com a sua Igreja de Nossa Senhora da Piedade. Na estruturação destes espaços que se demonstra transversal às várias construções provenientes de diferentes províncias capuchas, existiam características dominantes nos diversos espaços conventuais. Os elementos definidores desta organização espacial seriam a igreja de planta retangular e o claustro quadrangular, no qual se distribuía a maioria dos restantes espaços. A igreja conventual teria de ser definida por uma única nave, onde ao fundo existiria o altar da capela-mor, para além de apenas dois altares laterais. No corpo da igreja deveriam existir apenas dois confessionários, embutidos na parede, apenas com acesso por um corredor paralelo à igreja, de forma a prevenir a entrada de estranhos na comunidade. <sup>(7)</sup>

Os Frades dos Capuchos que viviam sob a arribada, num dos pontos onde é, hoje em dia, permitido o vislumbre da cidade da Costa da Caparica, estão diretamente relacionados com este território costeiro. Assim sendo, foi junto da praia que construíram a sua casa de repouso. Denominado de Convento do Menino Jesus, este era o local onde os frades faziam os seus retiros para reunião e meditação. Mais tarde passou a funcionar como escola (Colégio do Menino Jesus) e ainda centro religioso. Na verdade, pensa-se que nunca chegou a ser convento, contrariamente ao que lhe chamam. O edifício foi-se lentamente degradando e acabou por desaparecer completamente depois da expulsão dos Frades Capuchos de Portugal em 1834, data em que os conventos caíram em abandono. <sup>(8)</sup>



32 COSTA DA CAPARICA (Almada) – Convento dos Capuchos

019 Convento dos Capuchos, Costa da Caparica



020 Planta Convento dos Capuchos

(7) FONTES, João Luís Inglês, CAEIRO, Nuno – O Convento dos Capuchos : Vida, Memória, Identidade. Almada: Almada Câmara Municipal, Novembro 2013

(8) HYGGS, Raul – A Nossa Costa. Costa da Caparica. Junta de Freguesia da Costa da Caparica. 2001



021 Fotografia de 1900 de uma Caparica ainda em terrenos arenosos, com as cabanas dos pescadores, e ao fundo, o Convento Do Menino Jesus (esquerda) e a Igreja Velha (direita)



022 Igreja de Nossa Senhora da Conceição, 1946

(9) Apud MENDES, Rui Manuel Mesquita - Monte de Caparica. 28 de Outubro de 2020

(10) Ibidem.

(11) Ibidem.

(12) Ibidem.

A religião é um elemento fundamental nesta cidade desde os tempos remotos, refletida através da fé dos pescadores e dos seus familiares. As procissões pelo areal, que muitas vezes se estendiam do Farol do Bugio ao Cabo Espichel em forma de peregrinação, são um marco importante no desenvolvimento do caráter do local (018).

Não se sabe ao certo a data de construção da primitiva Capela da Costa da Caparica. Contudo, pensa-se que terá sido edificada numa estrutura de madeira e colmo pelos primeiros pescadores a assentarem-se no território em 1780, data assinalada no cruzeiro existente no adro do cemitério. Na verdade, a sua construção terá sido feita entre 1770 e 1785. Os primeiros vestígios da orla costeira da Caparica a ser habitada de forma premente datam de 1770 e em 1785 já é referida num livro de actas da Câmara Municipal de Almada a capela, <<mandado colocar Edital na Porta da Irmida da praya da Costa>>. <sup>(9)</sup>

Esta capela de estrutura humilde é substituída por uma Igreja de alvenaria de pedra anos mais tarde, permanecendo até hoje como um dos edifícios notáveis e históricos da cidade. Este edifício, localiza-se com frente para a Avenida 1º de Maio, rua que atualmente segue o eixo de chegada da IC20, tornando-se a principal ligação para o interior da cidade e de chegada ao mar. Hoje chamada Igreja velha, mas denominada de Igreja de Nossa Senhora da Conceição já estaria edificada em 1794, segundo um dos livros de registo da Paróquia do Monte da Caparica em que o Reitor Encomendado da Caparica, Carlos Domingues, afirma <<por despacho de vinte e quatro de Novembro de mil e settecentos e noventa e quatro do Eminentíssimo Senhor Cardeal Patriarcha (...) em o dia 7 de Dezembro do mesmo anno fui benzer a nova Ermida erecta no dito sítio da Costa e pelo mesmo despacho dá o dito Eminetíssimo Senhor poder ao Parocho desta freguesia de Nossa Senhora do Monte da Caparica para na

*dita Ermida ter toda a Intendência e inspecção e para nella Cantar as Missas e preceder as todas as funcções Sagradas que nelas se fizerem e que melhor conste pelo requerimento dos moradores da Costa>> .<sup>(10)</sup>*

Na Carta Topográfica de 1816 de José Maria das Neves Costa, a Igreja da Costa da Caparica aparece assinalada como um dos poucos edifícios de alvenaria do local. Esta nova construção da igreja é também de novo referenciada no Livro Chorographia Moderna do Reino de Portugal por João Maria Baptista em 1876. O autor escreve: <<Lugar ou povoação da Costa, que fica uma légua para S.S.O. da Trafaria, pela grande volta da estrada, compõe-se de habitações de colmo, porém sólidas e commodas. De pedra só há a Egreja, bello Templo construído no século XVIII, e uma casa onde habitou D. João VI quando ali foi, como igualmente foram a senhora D. Maria II e el-rei o sr. D. Pedro V, em diferentes épocas, visitar aquella singular povoação quasi exclusivamente de pescadores>><sup>(11)</sup>. Assim, conclui-se que João Maria Batista se referia à Igreja de Nossa Senhora da Conceição e à Casa da Coroa, atualmente demolida.

A Capela veio a receber vários restauros ao longo dos anos, como em 1874, ano em que o Prior Felisberto Dias Fontes Barbosa a benzeu depois de restaurada e no mesmo dia sucedeu-se uma festa com o fim de celebrar o feito. Entre 1880 e 1882 foi ampliada e sofreu obras de reedificação como inscrito no sino <<Manoel Antonio Da Silva Filhos - Lisboa Anno de 1881>>.<sup>(12)</sup>

Todos os meios disponibilizados para a construção e manutenção dos vários elementos religiosos da Costa da Caparica eram reunidos pelos locais ou até por amantes do território, como o caso de João Inácio da Costa que se disponibilizou a patrocinar as obras da igreja em 1880 e que deixa no seu testamento, em 1884, dinheiro

para a realização de futuras obras. Contudo, a 29 de dezembro de 1849 realizou-se uma escritura de obrigação dos Mestres das redes da Costa da Caparica a fixarem uma renda para o culto cristão de modo a preservar o património dos seus antepassados, sendo dado por cada rede um quinhão e por cada cabaz de dez peixes, dez reis.

Depois da reunião de algumas esmolas, entre 1847 e 1848 (ano inscrito no portão de ferro localizado na entrada do primeiro núcleo do cemitério) é construído o cemitério. Até então os falecidos eram enterrados à volta da igreja e os Mestres dentro da mesma. Esta prática era recorrente na maioria dos locais até ao século XIV, período da peste negra que fez encher os espaços em torno das igrejas e que levou à construção de espaços dedicados apenas à organização de um grande número de mortos. Na Costa da Caparica, esta transição apenas aconteceu no século XIX, devido ao crescimento do número de residentes e consequentemente das mortes que ocorriam, e assim o espaço em torno da igreja já não era suficiente.

O cemitério foi construído estrategicamente no ponto mais afastado da costa, ou seja, mesmo junto à arriba, mas no eixo perpendicular que começa no mar e que passa pela Igreja e orientando-se paralelo à antiga estrada de acesso ao povoamento. Assim, é de notar o pensamento da população em relação à proteção dos corpos do mar tempestuoso que muitas vezes avançava para terra e destruiu algumas edificações, além de ser causador de alguns desastres marítimos dos quais resultavam vítimas mortais.

O cemitério da Costa inicialmente até 1935 não tinha capela. Epifânio Augusto Gonçalves reuniu um grupo de senhoras com o objetivo de promoverem uma subscrição entre os habitantes locais e levou a que os pescadores participassem com um quinhão da sua faina. Assim que os donativos



023 Destruição do Restaurante Carolina do Aires pelo avanço do mar

recolhidos foram suficientes edificou-se a capela. Foi no ano de 1935 que se deu a inauguração da mesma, a cargo do Padre Baltazar que, depois de a ter benzido, celebrou a primeira missa pelas almas dos que ali estavam. Hoje está sepultado no corredor central do primeiro núcleo do cemitério, alinhado com o primeiro portão de ferro com a inscrição da data de 1848 e orientado com os pés para o mesmo.

Em frente à “Antiga Capela” numa caixa de pedra ornamentada e com o seu nome inscrito nas lajes que a constituem, está sepultado o Padre Mário Rodrigues Lopes. Localiza-se com a cabeça virada para a capela e com os pés orientados para o portão de ferro de entrada. É também neste espaço, que se situa no eixo de entrada e distribuição para os restantes percursos do cemitério, que se realiza a última missa antes do adeus eterno e do enterro do corpo de quem partiu.

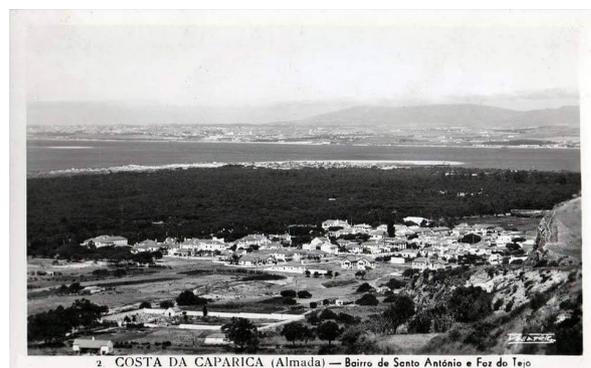
Nos finais do século XX, foi construída a nova Igreja da Costa da Caparica inserida num edifício multifuncional, o Centro Paroquial Nossa Senhora da Conceição, que contém no seu programa a nova igreja, quatro capelas mortuárias e um núcleo que oferece serviços sociais, como uma creche, espaços para a população mais idosa e um salão multiusos. Esta construção veio dar resposta às necessidades da população, sendo que as missas se realizam regularmente no espaço da igreja e os funerais no espaço das capelas mortuárias. O Centro Paroquial é o edifício que mais avança em relação ao limite dos campos agrícolas. Contudo, este espaço acaba por não ter nenhuma relação com este elemento de valor paisagístico e protegido do território. O mesmo acontece em relação à cidade. O edifício está localizado numa rua sem saída e desconectada, assim como distante dos principais núcleos urbanos.

A Costa da Caparica é definida por dois limites, o

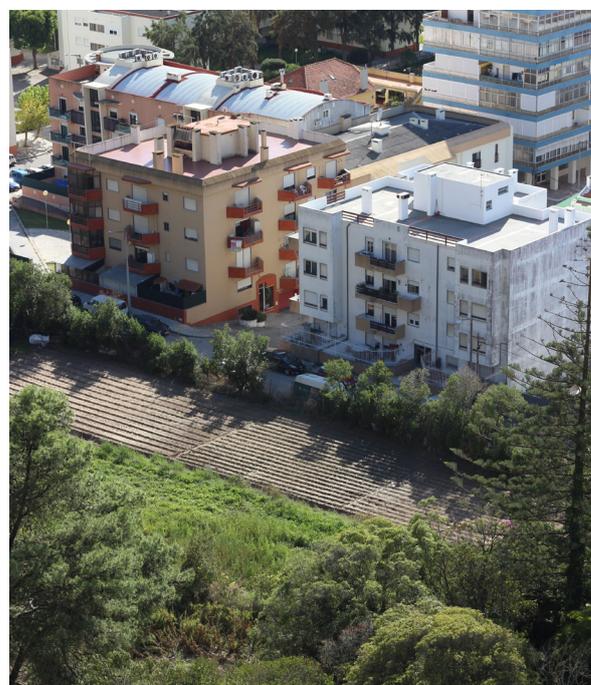
mar e a arriba. Os pescadores morriam no mar e para além disso, muitas vezes a maré subia descontroladamente pelos terrenos arenosos e inundava ou destruía algumas partes da cidade mais costeira (023). Dezembro de 1929 ficou marcado por uma tragédia ocorrida no mar, onde onze pescadores morreram, já a regressarem para terra. Dos vários barcos que partiram de manhã para a pesca, um deles, denominado "Pensativo" virou e com ele vinte e um homens foram parar ao mar, sobrevivendo apenas dez. Os pescadores foram enterrados no Cemitério da Costa da Caparica sendo que uma das sepulturas encontra-se sem corpo por nunca ter sido encontrado. Hoje em dia ainda é possível presenciar-se o conjunto de campas que fazem jus à memória destes homens que o mar fez partir.

Assim sendo, o afastamento do mar pelo perigo e pela causa, muitas vezes, do falecimento de alguns membros da população, fez com que o cemitério se fosse construir o mais próximo possível da arriba fóssil, uma das fronteiras e a maior barreira de proteção deste espaço de culto. A Paisagem Protegida da Arriba Fóssil da Costa da Caparica tem como seus limites a Costa da Caparica e a Lagoa de Albufeira, estendendo-se ao longo de 13 quilómetros e chegando a atingir os 90 metros de altura. A Arriba é caracterizada pela sua extraordinária morfologia e pela diversidade florística e faunística. Ao longo deste elemento que qualifica a cidade da Costa, destacam-se a Mata Nacional dos Medos, mandada semear pelo rei D. João V e a Mata das Dunas da Trafaria e da Costa da Caparica.

No espaço envolvente ao cemitério existe ainda uma réstia de hortas que faziam o seguimento para norte dos campos agrícolas que ainda hoje existem com abundância a sul. O cultivo da terra iniciou-se no extenso juncal que ligava a arriba à praia, pelos pescadores no final do século XVIII, no período em que o mar não garantia a sua sub-



024 Bairro de Santo António, com vista do cemitério, anos 60



025 Bairro de Santo António, com as últimas parcelas de terrenos agrícolas a norte



026 IC20, anos 60



027 Rasgo na arriba para passagem da IC20, 1967

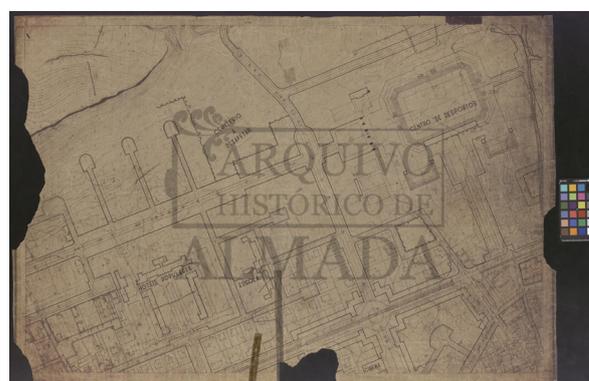
sistência através da pesca. Nos finais do século XX, era um dos principais motores de abastecimento do Mercado da Ribeira em Lisboa. Hoje em dia, têm um papel fundamental no que toca ao adiamento do avanço da cidade em relação à arriba, funcionando mesmo como a base onde esta assenta e consegue não ser obstruída.

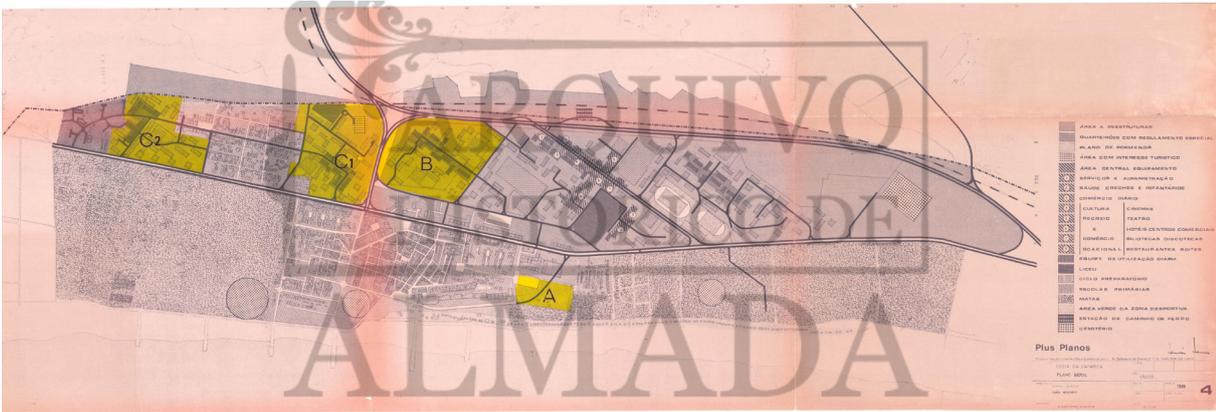
A norte, o espaço do cemitério está completamente desconectado com o meio urbano e de certa forma, foi o principal extremo até onde o Bairro de Santo António cresceu. O Bairro de Santo António é, hoje em dia, um dos poucos núcleos que contém uma organização e pensamento prévio a nível de estruturação urbana. Apesar da disparidade de escalas dos edifícios e de ter tido um crescimento de forma desmedida principalmente em relação à arriba, possui uma métrica de ruas perpendiculares e paralelas à Avenida Afonso de Albuquerque e funciona com esquema de interior de quarteirão verde. Esta ideia de cidade jardim permaneceu apenas a norte e cria uma relação natural com a Mata de Santo António. Por volta dos anos 30, na estrada que ligava a Trafaria à Costa começou a desenvolver-se, entre as acácias e os pinheiros, o dito Bairro de Santo António. Inicialmente com habitações próprias, algumas com um carácter fora do vulgar, visto ser uma região em redor da grande cidade onde a linha arquitetónica era menos controlada, em que cada casa ficaria rodeada de um jardim e quintal, com o aproveitamento das árvores já existentes. Assim, ao desenvolver-se o Bairro a nascente das Matas dos Serviços Florestais, constituía-se o seu prolongamento apenas dividido pela estrada. Os terrenos utilizados para a construção destas casas eram anteriormente campos agrícolas, que depois de areais se tornaram férteis, estando preparados para a continuação da plantação de árvores e hortas, utilizando também a água abundante presente neste solo. Esta idealização de Bairro e a relação entre construção e natureza,

seria uma indicação sugestiva para o desenvolvimento da Costa da Caparica. No entanto, nos anos 60, depois da construção da ponte, cada vez mais visitantes procuravam uma casa de segunda habitação nesta zona. O Bairro começou então a desenvolver-se em prédios de 3 a 5 andares, e mesmo mantendo a ideia de quintais e jardins, as construções destruíram o que restava dos campos agrícolas junto à arriba, aproximando-se excessivamente deste elemento natural de grande presença.

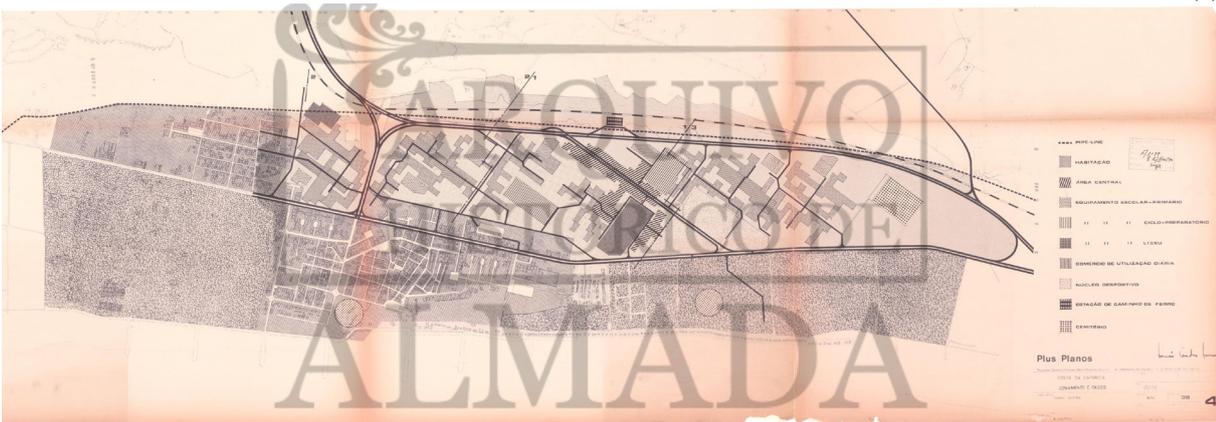
Até 1960/64, período em que foi construída a via de chegada mais direta à Costa da Caparica, era utilizada a antiga estrada de acesso ao Convento dos Capuchos, única forma de se ultrapassar a arriba. Esta nova infraestrutura foi aberta onde já existia um pequeno declive para onde os dois lados da falésia convergiam. Antigamente subia-se por esta abertura natural através de um caminho pedonal, onde existia também uma nascente chamada Fonte da Pipa. Assinalada em várias cartas topográficas antigas, esta fonte era utilizada pela população para o abastecimento de água. Quando se construiu a IC20 acabou por se cobrir o local onde se recolhia a água desta nascente. Contudo, a água continua a correr até aos dias de hoje.

Na constituição de uma cidade, os espaços, normalmente organizam-se segundo uma hierarquia social ou de acordo com a sua funcionalidade. Os novos cemitérios estão, na maior parte das vezes, localizados no final de uma localidade. A vida quotidiana da população é organizada e vivida nos diferentes espaços que um território oferece. Primeiro nasce-se, vai-se para a escola, arranja-se um trabalho, uma casa e no final desta linha de tempo, morre-se. O cemitério torna-se no espaço de estadia permanente, e é o fim na cronologia da cidade. Contudo, estes espaços de culto já construídos a partir do século XVIII, aparecem no meio da malha urbana, onde acabaram





030 Plano Urbano Tomás Taveira (1)



031 Plano Urbano Tomás Taveira (2)

por ser engolidos pelo crescimento natural das metrópoles. O cemitério da Costa da Caparica, que em tempos estava no fim do território, é hoje o primeiro espaço público que se atravessa para chegar ao centro urbano, localizado mesmo após a arriba. A antiga estrada de acesso à cidade já tinha como primeira referência o cemitério, mas foi depois da construção da IC20 que esta relação se tornou mais evidente. Assim, apesar de passar despercebido a quem entra na Costa, é de referir que o cemitério se localiza na porta da cidade.

A Costa da Caparica é um território que ao longo dos tempos tem recebido várias propostas de reorganização urbana por parte de variados Planos Urbanos. Várias vezes surgiu a ideia de transferir o cemitério para outro local, mas a fé e as crenças da população, assim como as memórias do local não têm permitido.

O Plano de João Faria da Costa, de 1946, segue os princípios da cidade jardim americana, em que as vias são retas e os espaços livres têm uma grande importância para o novo desenho urbano. Faria da Costa propõe a deslocação do cemitério para o exterior do núcleo urbano, transformando o espaço sobrance, num parque público (029).

No seguimento desta leitura de reestruturação da cidade, Tomás Taveira propõe também, em 1974 outro Plano Urbano. Este plano define-se principalmente pelo planeamento e ordenamento do lado nascente em relação à Avenida Afonso de Albuquerque, desenhando uma avenida que delimita a cidade em relação aos campos agrícolas e organizando em edifícios de cota mais elevada a parte de trás da cidade, de maneira a libertar o nível térreo. O arquiteto propõe também a transladação do cemitério para o fim da cidade a sul, tornado vazio o espaço anterior (030 e 031).

Em 1935 é criada uma lei que impõe a instalação dos cemitérios no exterior dos aglomerados urba-



032 Cemitério dos Prazeres, Lisboa



033 Woodland Cemetery, Estocolmo



034 Cemitério Norte de Manila, Filipinas (1)



035 Cemitério Norte de Manila, Filipinas (2)

nos. As propostas presentes nos referidos planos seguem também esta ideia, numa tentativa de retirar o cemitério do centro urbano.

Em Portugal os espaços de culto e cemitérios têm ainda um sistema muito tradicional na sua estrutura e organização dos mortos. Normalmente estes apresentam-se como elementos murados em qualquer cidade ou localidade, reforçando por vezes um espaço verde ou jardim, mas fechado à população. Contrariamente ao que se passa no norte da Europa ou mesmo na América em que tomam a função de jardim ou parque público, onde a própria vegetação toma um papel muito menos superficial e torna-se num elemento estruturante na arquitetura destes cemitérios.

Na cidade de Lisboa, os cemitérios apesar de (ainda) não funcionarem como espaços verdes públicos ou mesmo jardins, apresentam-se como manchas verdes e espaços vazios onde a cidade respira. Estes núcleos fechados são espaços do silêncio e *obscuros*, mas muitas vezes devido à topografia da cidade e da localização ancestral e estratégica destes espaços de culto, acabam por ter uma grande presença visual na malha urbana (032). O Cemitério dos Prazeres, a par com o Cemitério do Alto de São João, foi necessário construir devido às doenças epidémicas do séc. XVIII. Este cemitério está localizado numa das melhores encostas da cidade de Lisboa, orientado a sul. Foi aqui assente, pois eram terrenos onde já existia uma capela e onde em crises epidémicas já se enterravam os corpos dos mortos. Os primeiros jazigos a serem construídos neste cemitério apresentaram-se despidos de simbolismos católicos. Contudo, o Cemitério dos Prazeres foi bem aceite entre a população lisboeta, contrariamente ao que acontecia em alguns outros espaços de culto. O cemitério foi-se sempre desenvolvendo com traçados regulares, conforme a geometria do espaço preexistente e de elementos estruturantes da sua arquitetura, como a

capela e o espaço de entrada.

O desenvolvimento dos espaços da morte é totalmente influenciado pela hierarquia social em que estão inseridos, pela religião, pela cultura e até pela vivência social com que se deparam. Tomemos o exemplo do Cemitério Norte de Manila nas Filipinas. É muito difícil para a população local, muitas vezes com condições de vida miseráveis, conseguir habitação numa das cidades mais povoadas do mundo. Assim, é no espaço do cemitério que vivem seis mil pessoas (valor estimado em 2012) com as suas famílias, numa comunidade que por muitas vezes utiliza também este espaço como sustento de vida. A maior parte da população aqui residente, trabalha nos funerais e na manutenção deste cemitério que faz por dia, em média, oitenta funerais.

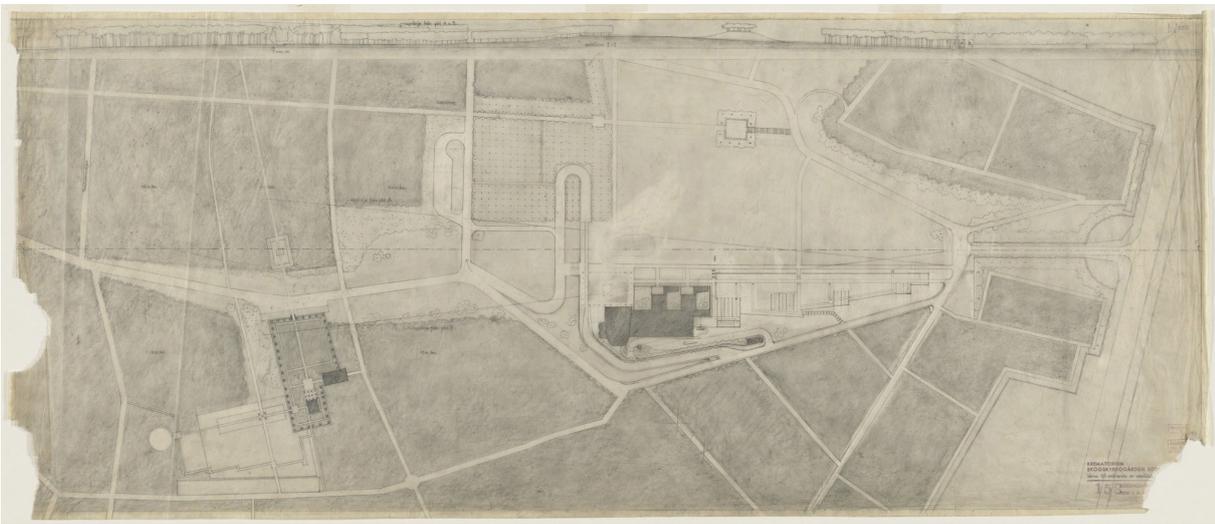
É evidente que o pensamento que se tem sobre estes espaços e o papel que os cemitérios têm na vida quotidiana de cada população pode variar consoante o sítio onde se insere. De espaços encerrados e melancólicos, a parques urbanos ou até mesmo espaços habitacionais, a criação e a subsistência dos recintos da morte devem-se a uma necessidade coletiva de culto, social e de dar resposta à organização espacial dos corpos dos que partiram, visando a única certeza que se tem na vida. Esta idealização dos locais de culto veio a sofrer algumas alterações, quer por meio da sua formalização enquanto espaço num determinado território, quer mesmo pela evolução das crenças e ideologias por parte do ser humano.

O espaço do cemitério é necessário e importante no que toca à memória coletiva de uma cidade ou região, ou seja, é importante integrá-lo na estrutura urbana. Contudo, há uma forte tendência em afastar e reforçar a renegação da morte e consequentemente isolar estes locais de culto como se fossem “*ilhas mortuárias desconectadas*”<sup>(13)</sup>.



036 Cemitério San Michele, Veneza

(13) OLIVEIRA, Maria Manuel Lobo Pinto de – In memoriam, na cidade. Universidade do Minho – Departamento Autónomo de Arquitectura, 2007. Tese de doutoramento, p. 327 (adaptado).



037 Planta Woodland Cemetery, 1937



038 Perspetiva entrada Woodland Cemetery, 1937

### III.II Projetos de referência

Em Portugal a Arquitetura do Culto e o desenho dos cemitérios têm vindo a desenvolver-se tardiamente, comparativamente a outros locais do mundo e mesmo da Europa. Assim, a pouca informação relativamente à inovação e ao desenvolvimento destes espaços, levou-me a investigar dois projetos de referência europeus, essenciais para o desenvolvimento e estruturação da ampliação do Cemitério da Costa da Caparica.

*<<Quando deparamos com um monte de terra na floresta, com quase 2 metros de altura por 1 de largura, levantado forma de pirâmide por acção de uma pá, ficamos sérios e alguma coisa dentro de nós diz: alguém está enterrado aqui. Isto é arquitectura>>.*<sup>(14)</sup>

(14) Adolf Loos, <<Architektur>>, Der Sturm (15 de Dezembro de 1910) / <<Architecture>>, in The Architecture of Adolf Loos, ed. Yehuda Safran e Wilfried Wang, Londres, Arts Council of Great Britain, 1985, p.108.



039 Cruzeiro e pórtico de entrada do Crematório

### Arquitetura de Transição, Cemitério Skogskyrkogården, Estocolmo, Suécia

O primeiro projeto que vou abordar situa-se na cidade de Estocolmo, sendo um cemitério desenhado por dois arquitetos: Erik Gunnar Asplund e Sigurd Lewerentz. Esta obra é um complexo funerário com vários elementos religiosos e de culto, localizado junto a um vasto bosque, sendo um dos maiores espaços verdes da cidade. Assim, devido a esta proximidade denomina-se Woodland Cemetery. O projeto foi desenvolvido entre 1915 e 1940, e mais recentemente, em 2013, sofreu alterações com a construção de um novo crematório.

A floresta é o elemento principal deste projeto. A proposta para este sítio aparece, ao invés de um ideal de cemitério tradicional em que a simbólica do espaço se prende ao desenho de valores religiosos tradicionais, com uma relação mais próxima entre a natureza e a morte. Mesmo com as intervenções e todos os elementos construídos ao longo deste percurso pelo parque, a floresta é sempre a protagonista. Os caminhos que se percorrem têm sempre como primeira abordagem o deslumbramento dos elementos naturais e a espiritualidade associada às árvores, à água e à própria topografia.

Os arquitetos não pretenderam esconder a estrutura, mas criam um limite entre a floresta e a clareira. Assim, com a densidade das árvores, o projeto molda-se também ao lugar, quer por detalhes construtivos que apelam à estrutura da natureza, por desenharem a separação entre o cheio de árvores e o vazio ajardinado ou até mesmo por se difundirem na floresta. A primeira grande construção que se vê no percurso que começa na entrada do cemitério é o pórtico caracterizado pelos pilares alinhados que anunciam o Crematório. Esta zona coberta com a abertura na parte



040 Vista aérea do Woodland Cemetery

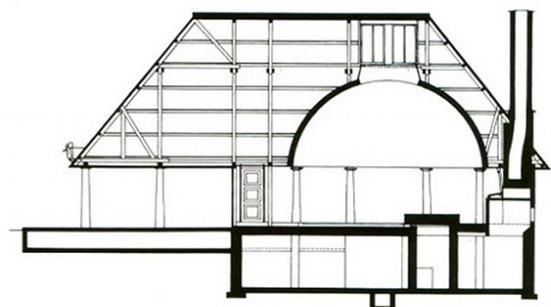
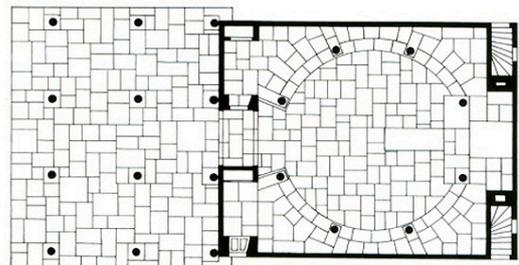
superior e a própria estátua, que aponta para o céu, criam um momento de tensão e uma relação entre claro e escuro que antecedem a entrada na Capela do Crematório. O recinto coberto comunica com o interior do espaço, através de uma grelha metálica que mantém a permeabilidade, ao mesmo tempo que cria uma barreira visual.

The Woodland Chapel, ou traduzindo à letra, a Capela do Bosque é a capela mais pequena do cemitério, e a primeira a ser construída. Foi concluída em 1922 a cargo do arquiteto Asplund. Esta capela é apenas um dos elementos que constituem o conjunto do cemitério, mas acaba por se tornar num refúgio no meio da floresta, desenhada sobretudo à escala humana e do corpo humano. A capela é cercada por um muro onde se entra a partir de um pórtico que emoldura a Capela e as árvores, dando a ideia que se está a entrar para a floresta.

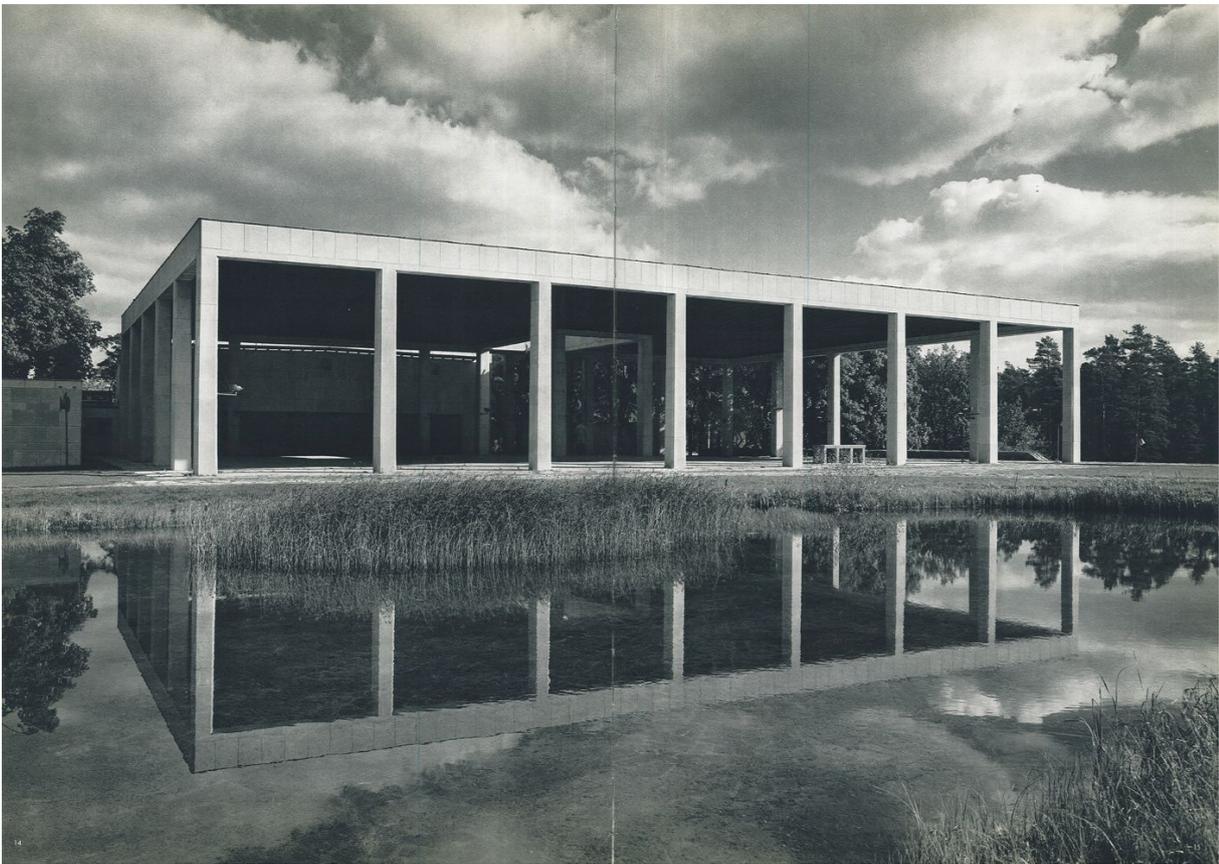
O ritmo das colunas do alpendre de entrada funde-se e cria uma percepção visual idêntica à dos troncos das árvores da floresta. Em corte, este espaço coberto tem a mesma escala e dimensão que o interior da capela. Assim, este espaço de receção e de pré-entrada acaba por preparar as pessoas para a mudança de ambiente, transitando-as de uma atmosfera livre, sem limites com as árvores em seu redor, para um ambiente pressionado pela cobertura onde já só se regista do exterior a parte inferior das árvores, e por fim, para o interior da capela. No interior, a percepção do ambiente exterior é completamente neutralizada. O espaço é caracterizado principalmente pela sua centralidade, não só pela planta quadrangular mas também pela cobertura em semiesfera centrada com o ponto central do quadrado. No interior as colunas continuam a existir, mas desta vez desenham o círculo, também no pavimento, através de oito pontos equidistantes ao centro. O corpo velado é o foco principal deste cenário.



041 Capela do Bosque e a sua envolvente



042 Planta e Corte Capela do Bosque



043 Entrada do Crematório

Os vários elementos que compõem o cemitério e que vão aparecendo ao longo do percurso são sempre constituídos por um momento de chegada. A entrada nunca está diretamente relacionada com o caminho adjacente.

A neoclássica Capela da Ressurreição, desenhada por Lewerentz aparece também no meio da vegetação através de um desvio que se faz a partir de um dos caminhos principais. A entrada faz-se pela lateral da capela, através de um pórtico suportado por doze colunas. No seu interior, o ambiente mais contido e introspetivo é proporcionado pela única abertura de luz existente. Esta janela a uma cota mais elevada faz uma ligação transcendente entre o falecido e a única abertura, relacionada com o céu.

Este caso de estudo é bastante pertinente no que toca ao pensamento dos espaços de transição e sobretudo no vazio que se desenha aquando de um projeto que se desenvolve em volta do culto e da espiritualidade. Ajuda-nos a entender a importância do vazio na arquitetura, mas principalmente neste tipo de espaços com este caráter, de modo a permitir ao visitante a preparação adequada para a entrada no espaço e um momento de reflexão que permite uma conexão interior e com o além.



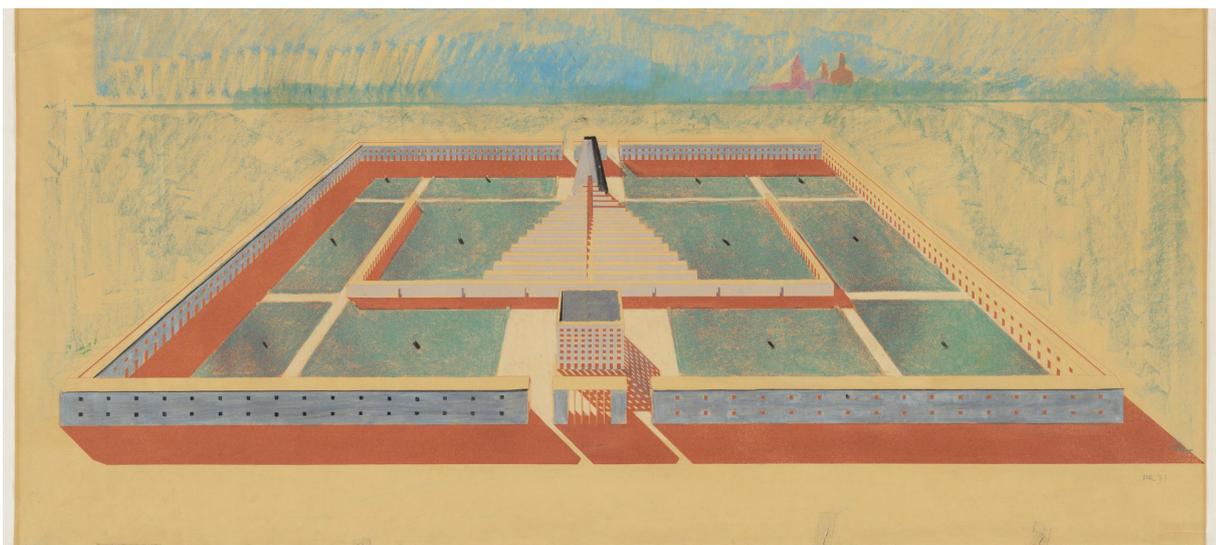
044 Entrada da Capela da Ressurreição



045 Interior da Capela da Ressurreição



046 Ortofotomapa do Cemitério de San Cataldo, Modena



047 Perspetiva aérea da intervenção de Aldo Rossi

### **Expandir, Repensar e os Simbolismos, Expansão do Cemitério de San Cataldo, Modena, Itália**

Este segundo projeto é uma referência no que toca aos simbolismos em arquitetura.

O cemitério de San Cataldo, projetado por Aldo Rossi surge da necessidade de ampliação do cemitério já existente na periferia da cidade de Modena. O cemitério já construído, desenhado por Cesare Costa, desenvolvia-se num modelo neoclássico e constituiu uma referência formal e histórica na cidade. A organização espacial utilizada no cemitério preexistente foi um princípio para o desenho da nova proposta. Contudo, esta duplicação foi ajustada às novas circunstâncias, necessidades e vivências. Quando se inicia um projeto de expansão, é importante perceber o que existe, as práticas utilizadas na época e respeitá-las. Desta forma, é possível uma conexão formal e funcional entre uma obra do passado e uma obra do presente que servirá o futuro. Rossi propõe um outro tipo de pensamento no que consta à organização dos corpos, dos ossos e até dos memoriais, mas a estrutura tipo do limite, do espaço vazio central e dos seus percursos surge como réplica do primeiro núcleo. Assim, o antigo cemitério e o novo tornam-se num conjunto.

A proposta para a expansão do cemitério é definida por uma estrutura que desenha o seu limite, por um cubo, por um cone e por um conjunto de paralelepípedos que formam uma espinha triangular que os conecta. O desenvolvimento do perímetro encerra e protege da via pública estes elementos centrais que tomam a função de santuário, vala comum e ossário, respetivamente.

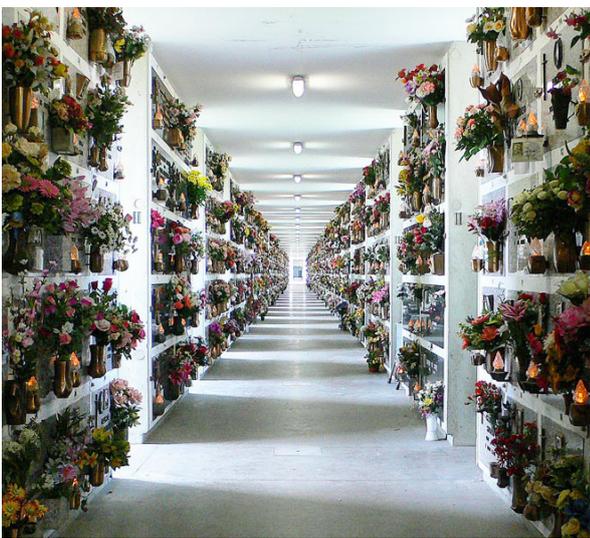
Depois de algumas alterações que tiverem de ser feitas ao projeto inicial, a fim de passarem às seguintes fases do concurso do projeto, o cubo

já não funcionaria de santuário, mas de ossários com os nichos para os ossos. Com esta mudança programática, a zona triangular passaria a albergar os túmulos. O cone seria utilizado como vala comum, para onde iriam os “miseráveis”. Este elemento de destaque seria o mais alto de todo o cemitério e um ponto de referência também na cidade, onde Rossi invertia a dita importância daquelas pessoas na sociedade com a sua representação na arquitetura. Atualmente só existe o primeiro elemento em forma de cubo, sendo que os outros dois não chegaram a ser construídos. Assim, não é possível uma leitura correta e completa da proposta feita pelo arquiteto Aldo Rossi para este local.

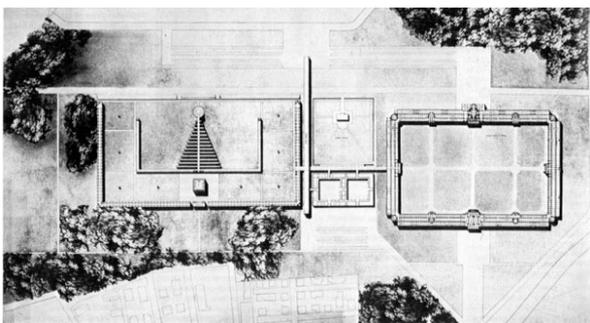
Rossi não fez distinção no seu projeto daquilo que seria uma arquitetura dos mortos, para a arquitetura dos vivos. Por exemplo, os jazigos aparentam ser pequenas cabanas, evocando também os túmulos da antiguidade. O Cemitério de San Cataldo procurava trazer para a arquitetura este caráter passageiro e mortal, tal como o da vida humana.

O novo acrescento do cemitério funcionaria também como uma extensão do tecido urbano da cidade de Modena. Deste modo, foi projetado à imagem formal do Cemitério de Cesare Costa e fica associado a uma construção já existente, de uma época e conseqüentemente à história da cidade.

Aldo Rossi projeta este espaço por volta de 1971 que se acrescenta a uma obra do século XIX. Em duas obras que se desenvolvem em dois períodos distintos, algumas ideologias evoluem e o desenho na arquitetura proposta altera-se. Na preexistência de Costa, e à semelhança da maioria dos cemitérios que seguem a tipologia tradicional, as sepulturas indicavam o estatuto social dos falecidos através da sua materialidade e dos seus ornamentos, criando uma diferenciação so-



048 Sepulturas no interior da estrutura



049 Desenho do antigo núcleo e do novo acrescento

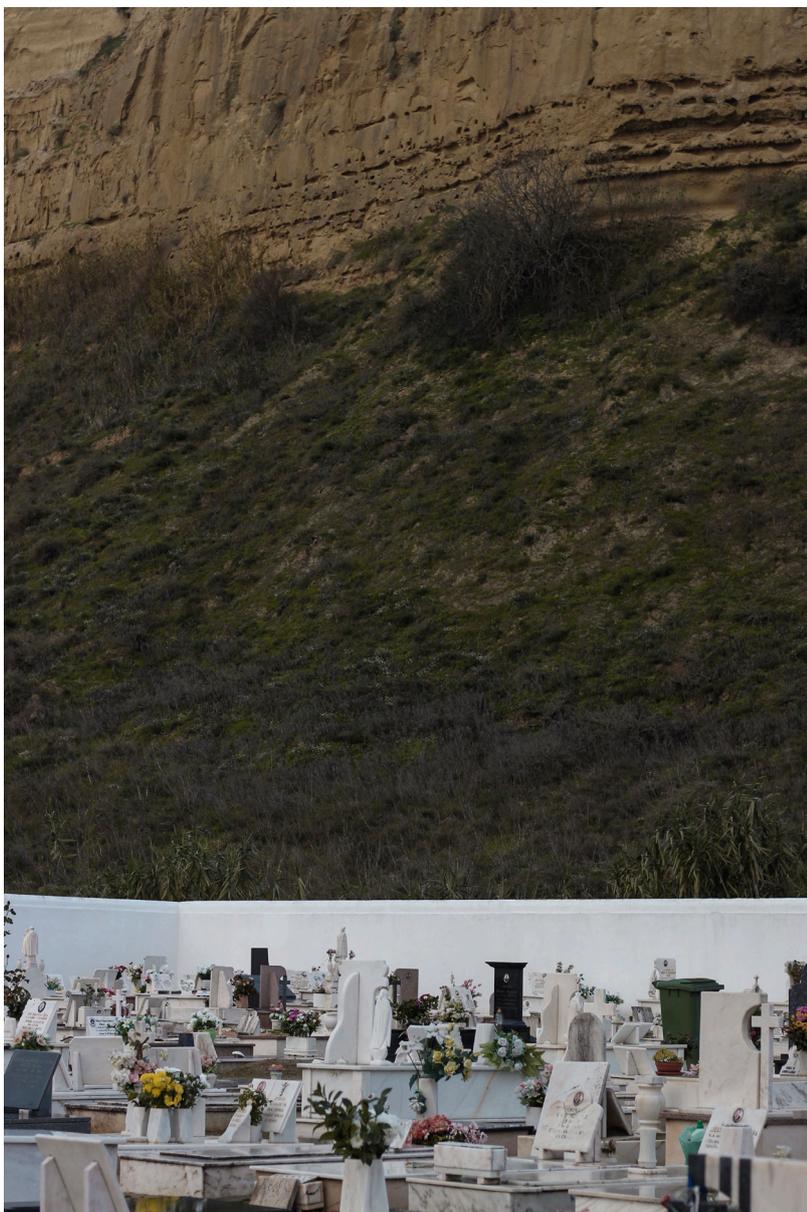
cial até depois da morte. No novo cemitério, Rossi utilizou a mesma organização tipológica, mas com um caráter mais rígido e despretensioso.

O que acontece é que o modelo do cemitério antigo, tal como numa obra de reabilitação, é estudado e entendido, de maneira a perceber-se a estrutura e a organização espacial. Num novo acrescento ou numa obra que faz o seguimento da anterior, já não se pode fazer uma réplica ou utilizar estilos construtivos próprios de uma época, ou seja, são as reflexões espaciais e formais tomadas no cemitério de Costa que permitem a continuidade e relação com o novo cemitério.

*<<As ruínas de uma cidade constituem um ponto de partida para a invenção, mas apenas no momento em que se podem ligar com um sistema preciso, baseado em hipóteses lúcidas que adquiram e desenvolvam a sua própria validade, podem construir algo real. Esta construção do real é um acto mediado pela arquitetura na sua relação com as coisas e com a cidade, com as ideias e com a história.>> <sup>(15)</sup>*

(15) Aldo Rossi, <<Preface to the Second Italian Edition>>, in *The Architecture of the City*, p.166.





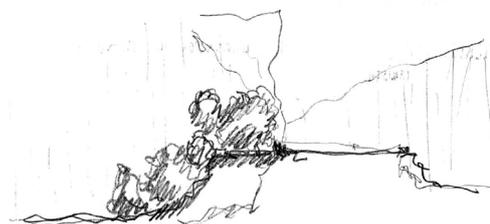
050 O cemitério e a arriba

### III.III Expansão do Cemitério e um novo Crematório

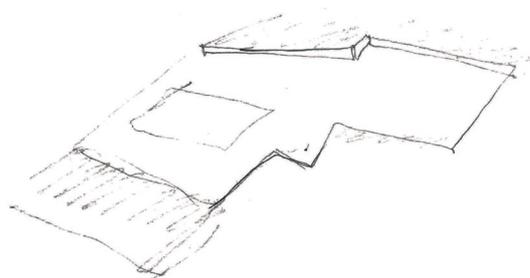
A reestruturação urbana da Costa da Caparica passou pelo desenvolvimento de espaços ou de estratégias que definissem o crescimento da cidade, a preservação dos elementos naturais, assim como das memórias e tradições, mas acima de tudo que este território fragmentado pelo tempo e pelo crescimento desmedido progredisse como unidade. A nova Avenida Lelo Martins vem desenhar este limite das edificações em relação aos Campos Agrícolas, iniciando-se no nó de entrada da Costa, onde é proposto um novo Terminal Intermodal, e acaba junto aos Parques de Campismo Sul, facilitando assim o acesso às praias também a sul. Ao longo desta avenida é proposta a abertura de uma Vala de drenagem que recolhe a água proveniente dos campos e que termina também junto à entrada da Costa da Caparica. Este é um ponto de grande afluência que recebe todos aqueles que atravessam a abertura na arriba pela IC20. O que muitos não se apercebem é que à direita desta descida que nos abre o horizonte para a cidade marcada pela Torre das Argolas e como plano de fundo o mar, existe o cemitério da Costa.

Numa proposta antiga, a Vala de drenagem acabava junto do cemitério. Surgiu assim a necessidade de marcar de alguma forma aquele espaço de maneira a haver uma leitura contínua da vala e da proposta da Avenida Lelo Martins que se liga com a Avenida do Oceano no Bairro de Santo António.

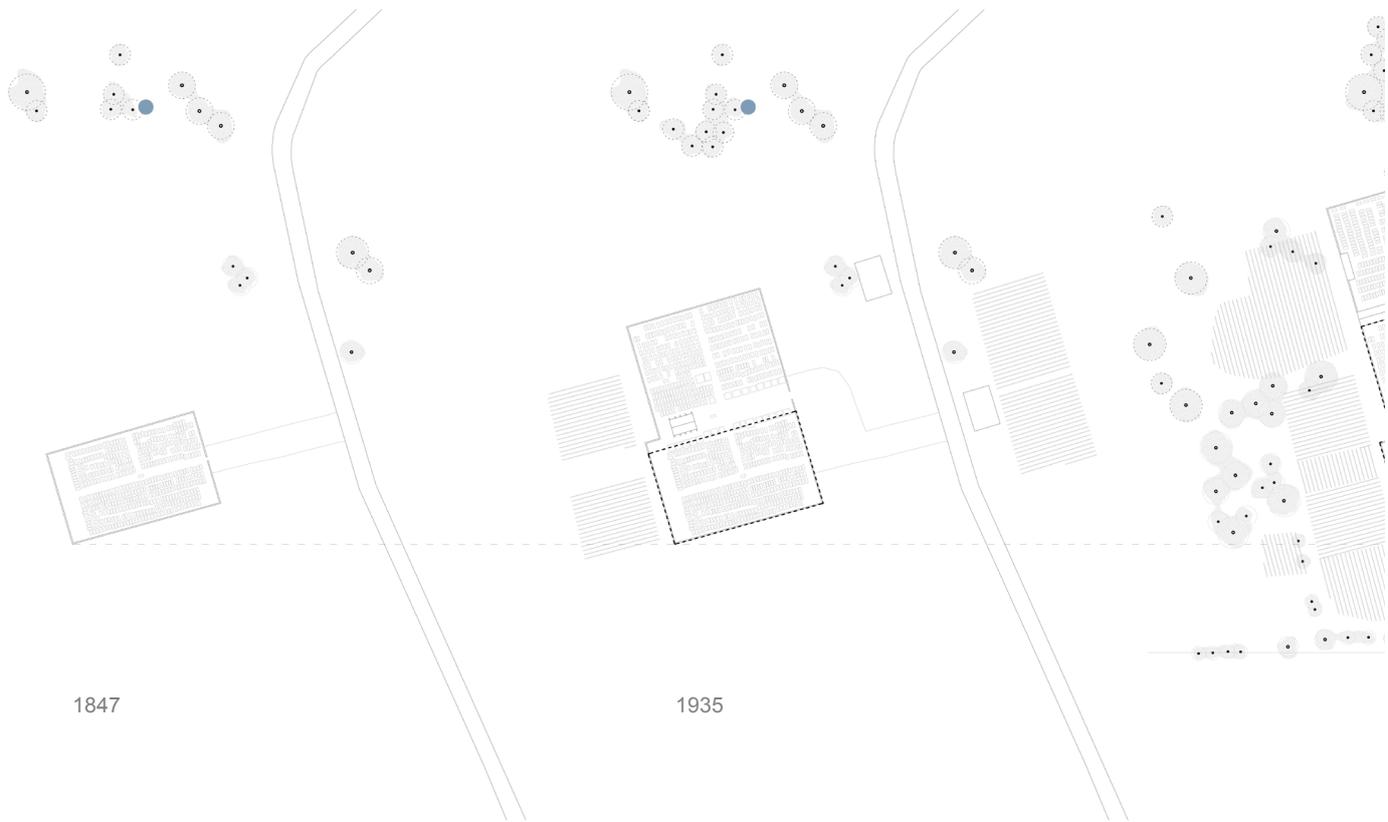
O cemitério da Costa da Caparica está atualmente com a capacidade de ocupação máxima. Ao longo dos anos tem existido sempre esta problemática que é resolvida com sucessivos acrescentos que vão moldando e expandido também a forma do cemitério.



051 Esquiza da topografia e vegetação

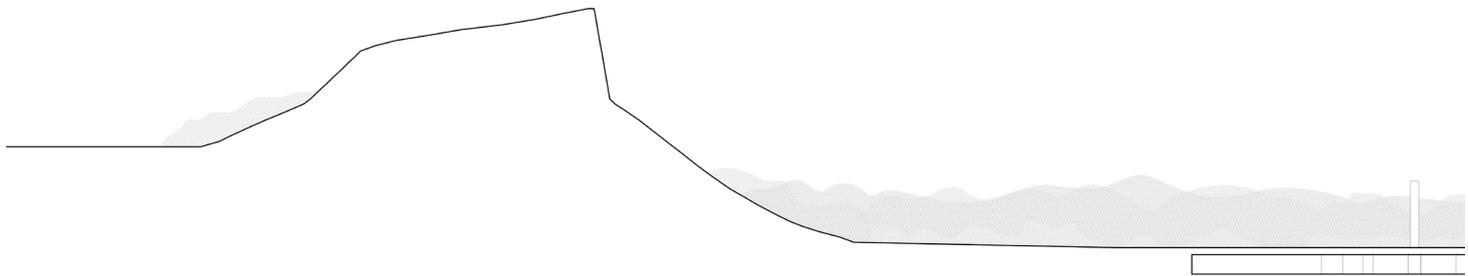


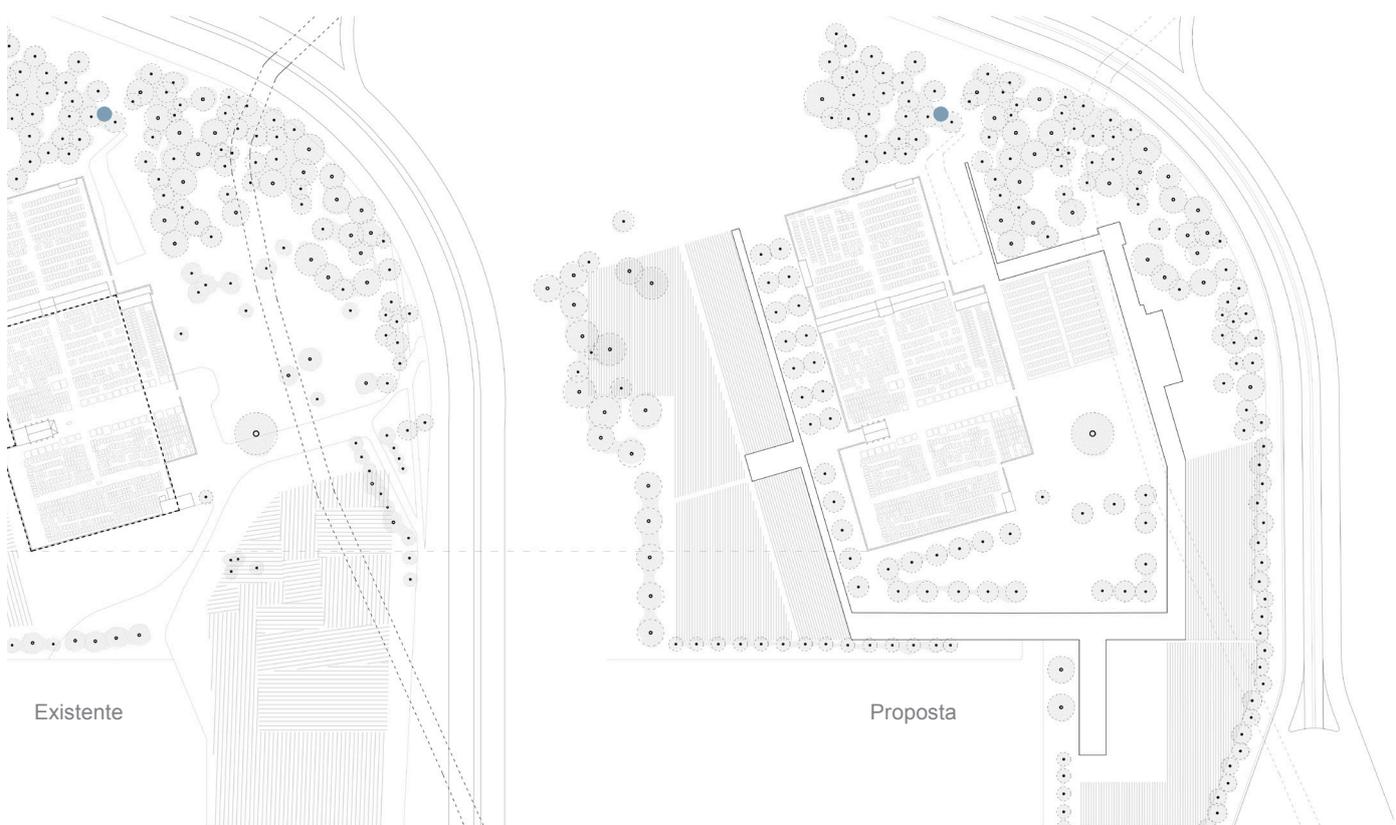
052 Esquiza do conceito



1847

1935





053 Plantas de evolução dos vários acrescentos e Corte esquemático pela arriba com a proposta



054 Cemitério da Costa da Caparica

A natureza invadiu e cresceu naturalmente ao longo da linha do passeio, criando uma barreira natural em relação ao cemitério. O conceito desenvolve-se nesta reflexão acerca do encerramento ou refúgio dos lugares da morte em relação ao resto da cidade. Assim, o projeto surge como um novo muro, um novo limite que separa o exterior e o interior e que desenha o perímetro da nova expansão do cemitério.

Ao longo dos tempos, os vários acrescentos foram redesenhando o muro do núcleo existente. Propõe-se então um novo anel mais contemporâneo que possa albergar e conter outras funcionalidades, aumentando a sua espessura conforme a necessidade do espaço.

Foi importante pensar na topografia como reforço do conceito. Surgiu a ideia de se moldarem campos de flores, que por sua vez dão continuidade aos campos agrícolas localizados a sul, para o lado norte, que organizados em socalcos ajudassem a construir o refúgio e a proteção do núcleo interior, criando também uma paisagem de transição no lado exterior da cidade.

Depois de uma visita ao local, foi descoberto um depósito de água a céu aberto que entubava água corrente, proveniente de uma nascente marcada em cartas topográficas antigas, denominada Fonte da Pipa. Depois da construção da IC20, a fonte deixou de existir porque foi coberta. Contudo a água continua a correr até aos dias de hoje (056).

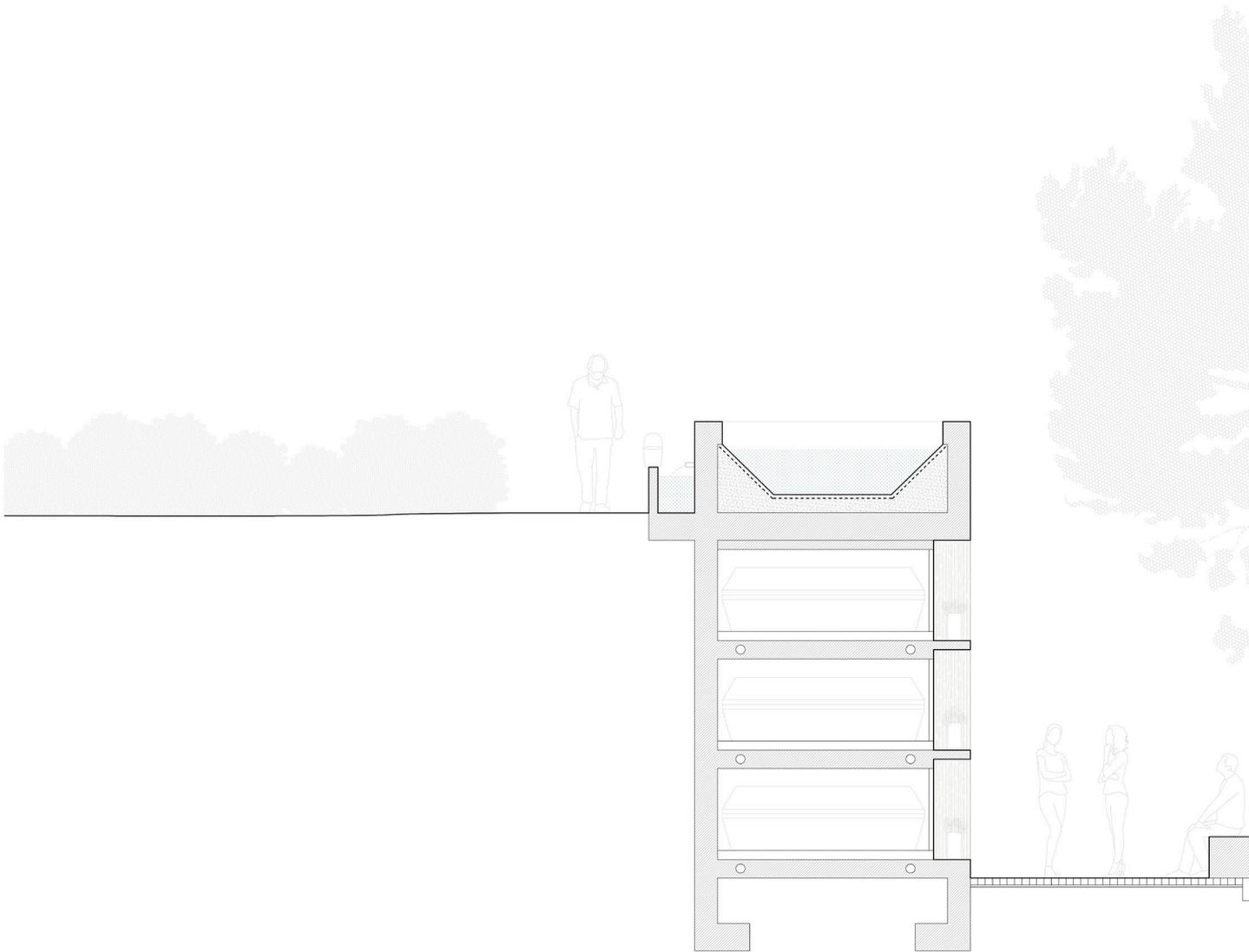
A estrutura murada é usada como pretexto de condução da água a uma cota elevada em relação ao cemitério, tornando-se numa acéquia que faz a distribuição desta água para a rega dos campos de flores envolventes. Em determinados pontos, a água desce ao nível do complexo funerário de forma a ser utilizada na lavagem de peças fúnebres ou da colocação de água nas jarras de flores.



055 Vista aérea do cemitério, visto pela IC20



056 Depósito de drenagem de água existente

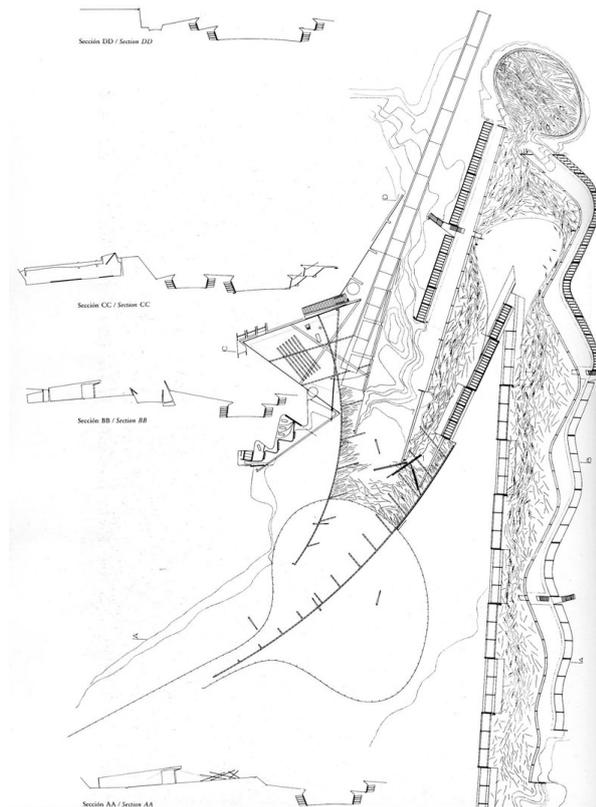




057 Corte Estrutura de Distribuição de Água e Sepulturas



058 Orgnaização das sepulturas no Cemitério de Igualada



059 Planta e Cortes Cemitério de Igualada

A fim de criar esta relação entre a morte e a água, os campos e o cemitério, foi importante pensar na estrutura de distribuição de água e na estrutura de organização dos mortos como partes integrantes do projeto.

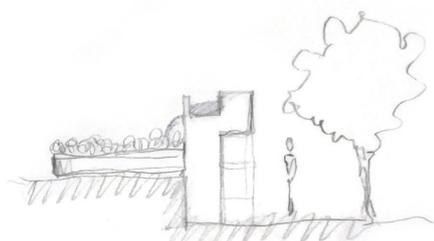
Os arquitetos Enric Miralles e Carme Pinos projetaram o Cemitério de Igualada, perto da cidade de Barcelona, em Espanha. O cemitério desenvolve-se numa estrutura que organiza os corpos verticalmente. O desenho do cheio retém o programa enquanto o vazio desenha o percurso que funciona como um parque. No corte do esquemático (059) é perceptível esta modelagem da topografia que combina o espaço percorridível, com as urnas e com o território existente. O cemitério não aparece como um elemento rígido e autónomo perante a envolvente, mas como uma continuação da paisagem.

A organização das urnas na Expansão do Cemitério da Costa da Caparica toma como ponto de partida um desenho que permite um maior número de corpos numa menor área utilizada. Foi importante perceber a relação entre o percurso da água numa cota superior e os espaços urnários na cota inferior, no mesmo nível que o antigo cemitério.

A ideia para o Cemitério da Costa da Caparica sempre foi afastá-lo o mais possível do mar e do elemento água. A água está, muitas vezes, associada aos afogamentos e aos naufrágios dos pescadores. Assim sendo, a ideia é que a água tenha um papel fundamental na estruturação do cemitério, mas que não entre numa relação direta com os corpos. Existem exemplos na arquitetura da memória e do culto que contrariam este conceito. Tomemos primeiramente o exemplo do Cemitério Brion de Carlo Scarpa em que a água é um elemento presente em todo o percurso, tendo uma relação direta com o próprio visitante, localizada sempre no nível térreo. Já no Cemitério de



060 Cemitério Finisterra



061 Esquício para o estudo da organização dos mortos e da água



062 Cemitério Brion

*a.cé.qui.a*

*açude, regueiro, aqueduto*

*Do árabe as-sáqiya, regato; «canal para irrigar campos»<sup>(16)</sup>*

Finisterra, do arquiteto Cesar Portela, as sepulturas estão localizadas numa ilustre encosta onde qualquer vivo gostaria de viver, mas são os mortos que encontram o seu descanso eterno neste lado da montanha virada para o mar. Quereriam os pescadores da Costa da Caparica, que faleceram no mar, esta relação de intimidade eterna com a força da natureza que os fez partir? Reforça-se então a elevação da água quer dos corpos falecidos, quer de quem os visita, conectando-os apenas em alguns momentos de funcionalidade ou de contemplação para o visitante

O percurso da água termina num grande tanque que se localiza à entrada do cemitério que, para além de recolher toda a água sobrando da rega dos campos, serve de espaço de contemplação evocando a memória dos pescadores. A água segue entubada para a vala coberta, existente ao longo da Avenida Afonso de Albuquerque.

Hoje em dia, a zona onde está implantado o cemitério acaba por ser o espaço a norte da IC20, mais afastado da arriba e dos únicos pontos onde a arriba ainda consegue respirar e ser observada com o distanciamento que a permite ver na totalidade.

O muro que se constrói à volta do Antigo Cemitério sai da Arriba, como se fosse uma continuação da rocha que visa a criação deste abrigo para os mortos. A materialidade desta estrutura em betão pigmentado tem como objetivo assemelhar-se à cor e à textura da argila da Arriba Fóssil.

Ao longo dos tempos e sobretudo em Portugal, os cemitérios têm uma imagem característica enquanto elemento murado de cor branca, fechado para a cidade, onde se entra por um portão, normalmente de ferro.

O limite definido para a cidade, que neste caso, se confronta com o lado sul do Bairro de Santo António, trabalha a volumetria da estrutura com

(16) Porto Editora – acéquia no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/acéquia>

várias peças que se encontram espaçadas em alguns momentos, criando passagens para o interior do cemitério e para o próprio volume.

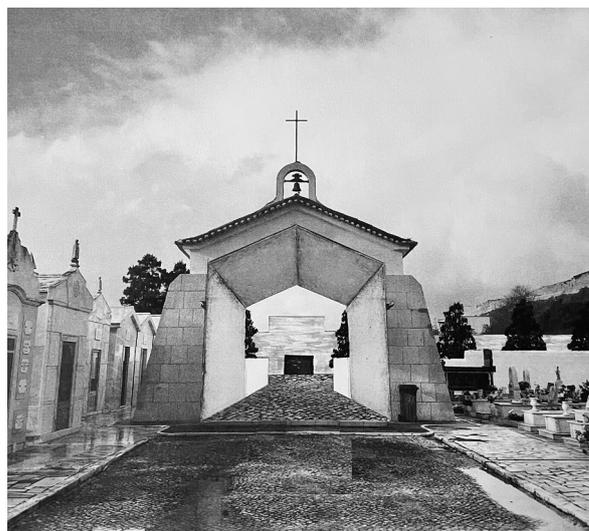
A relação mais direta, feita com a via pública, é utilizada para conteúdos programáticos que possam servir a cidade, e ao mesmo tempo criarem uma relação com o cemitério. Propõe-se assim, uma Agência Funerária, onde se recebe e prepara os mortos e uma Florista, onde as flores plantadas nos campos envolventes são recolhidas e vendidas, tanto para guarnecerem as urnas como para a população do resto da cidade.

Mais para sul está um volume que recua em relação à rua e que avança em relação ao campo de flores. Este espaço para além de receber a comunidade e transitar os vivos para o mundo dos mortos, funciona como um Memorial aos Pescadores ligando a arquitetura com a água.

A antiga Capela do Cemitério está localizada num dos principais eixos do cemitério, onde normalmente se realiza a última missa antes de se enterrar o corpo. Ao longo dos anos foram construídos na sua traseira anexos que vieram descaracterizar a capela, assim como um alpendre que sombreia a porta principal. A ideia na nova proposta é relacionar os dois grandes momentos da nova expansão com o eixo e com este elemento religioso que marca o antigo núcleo do cemitério. Assim, a Nova Capela constrói-se atrás da antiga, de maneira a manter-se a orientação do altar e de evitar o sepultamento dos mortos atrás do mesmo. O Crematório situa-se na extremidade oposta, alinhado também com o eixo. A antiga Capela transforma-se num novo pórtico de entrada para o antigo núcleo, deixando de haver a traseira do cemitério. Os anexos são retirados, assim como o alpendre. Mantém-se a estrutura demarcada dos contrafortes e as paredes laterais, libertando-se a parede frontal e antiga parede traseira (064).



063 Capela do Cemitério da Costa da Caparica



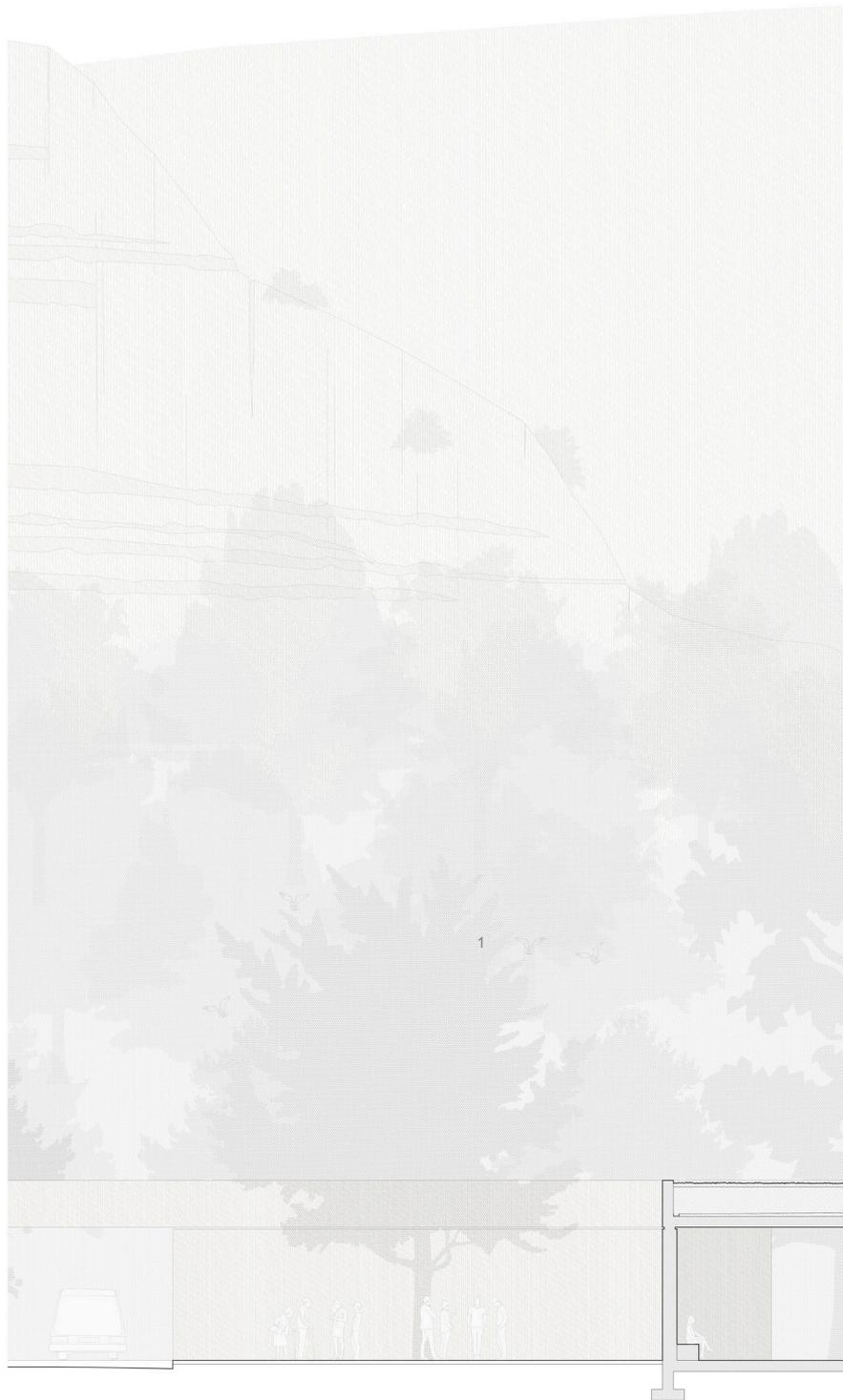
064 Proposta para o novo Pórtico de entrada no antigo núcleo



065 O muro do cemitério e a materialidade da arriba



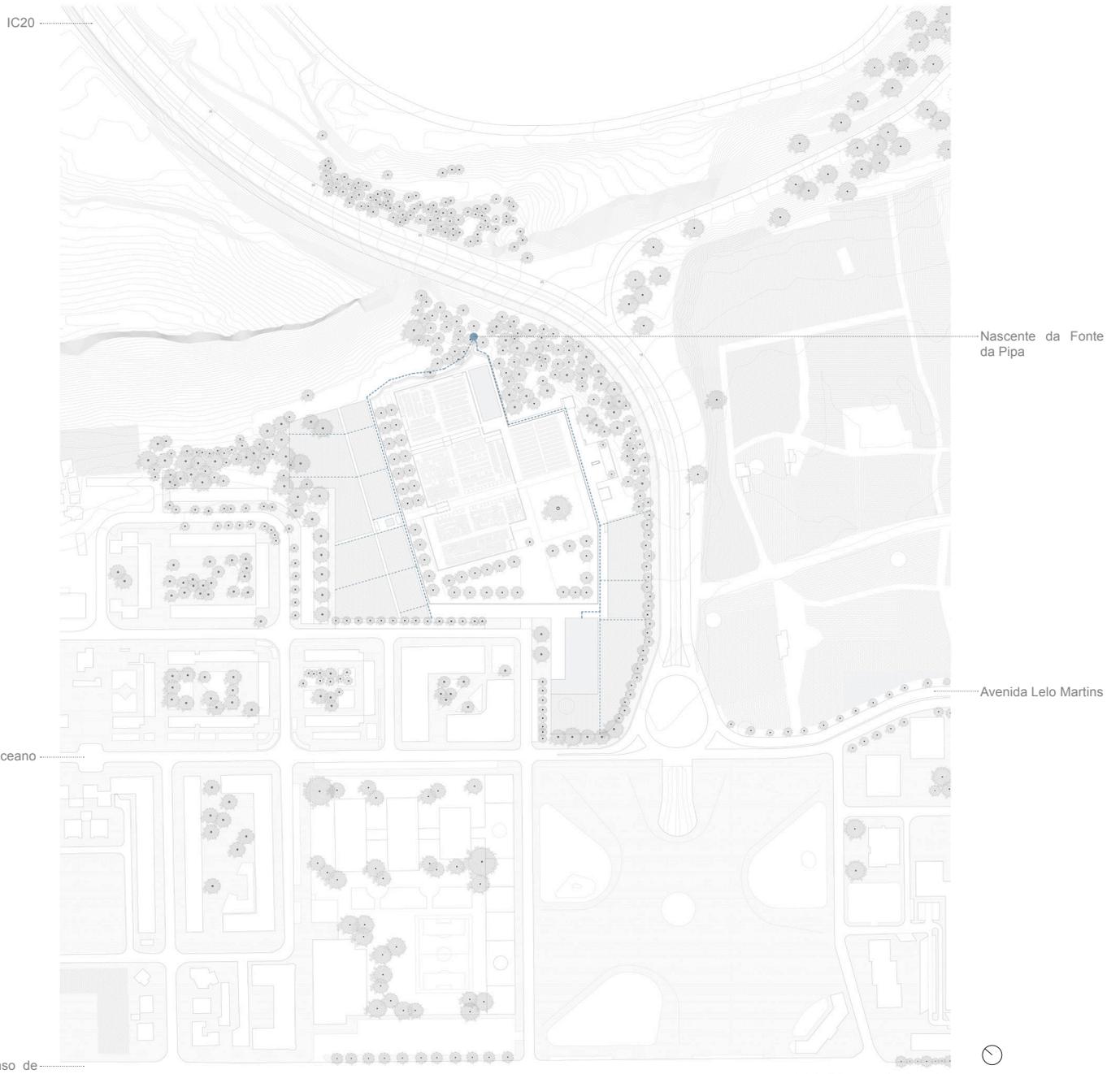
066 Pormenor da pedra dos jazigos de família existentes





1. Carvalho
2. Eucalipto (preexistente)
3. Pinheiro silvestre

067 Entrada/ Memorial aos Pescadores



068 Planta de Implantação



A nova Capela do Cemitério pontua o momento em que o desenho do novo limite avança em relação aos campos de flores para norte. Era importante para a consolidação do novo acrescento a construção de uma nova Capela, que seguisse a leitura da intervenção e que respondesse a outras necessidades que a antiga não permitia. A ideia consiste em incorporar este elemento de grande relevância no cemitério na estruturação e no desenho do percurso e da distribuição da água. Para além de na cobertura da Capela existir um depósito de água coberto, esta desenha também um espelho de água a céu aberto que cria uma relação com o seu interior. Neste espaço transcendente o mais importante seria o corpo do falecido (em caso de missa com corpo presente) ou as almas dos que já partiram. Assim, a questão da centralidade ganha um papel importante na organização espacial do interior da capela. O lanternim e o momento em que se eleva o pé direito, em conjunto com o pavimento em madeira que desenha um padrão que converge para o centro, transportam os utilizadores do espaço para uma atmosfera contemplativa.

Os espaços de transição são essenciais para o desenho de todo o cemitério. O momento de entrada nesta capela que escava o terreno envolvente, define-se por um pé direito reduzido, que nos enclausura e encaminha para um pátio que antecede o espaço interior. Na parte traseira da capela é proposto um outro pátio que funciona como entrada direta para o padre ou para alguém que necessite de a preparar. Assim sendo, a receção de luz proveniente destes dois pátios acontece através de grelhas metálicas que permitem a permeabilidade entre todo o corte longitudinal da capela. O altar organiza-se centrado à grelha do lado norte que desenha uma cruz a cheio na sua composição quadrangular.

Foram recolhidas e redesenhadas as plantas de todos os elementos religiosos da região (Painel

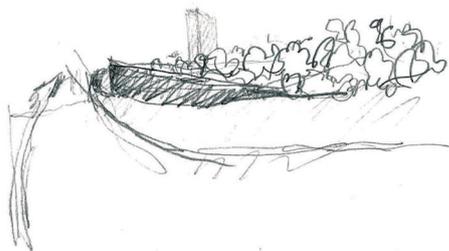
1) e verificou-se uma orientação comum dos altares a norte. Assim, a nova capela é construída atrás da antiga, também com esta orientação. De facto, nenhuma sepultura se encontra atrás do altar da Capela do Cemitério. O desenho da nova capela e do novo acrescento continua a seguir esta premissa.

No caso de os mortos serem sepultados num caixão, a proposta insere no muro que se constrói nas laterais da capela, fazendo a continuação do seu alçado, gavetões em três níveis com as dimensões que permitem esta forma de organização dos falecidos.

Contudo, a utilização do crematório como forma de tratamento do corpo após a morte tem sido uma opção cada vez mais utilizada e mais aceite socialmente, sobretudo a partir do século XX. Assim, a importância que este objeto tem na sociedade devia também refletir-se na sua composição arquitetónica. Os crematórios acabam por, ainda hoje em dia, tornar-se apenas em espaços que cumprem a sua função utilizando procedimentos técnicos, despidos de qualquer tipo de simbolismos, metafísica ou transcendência. Apesar de se afastar de qualquer tipo de religião, o processo de queima do corpo e da transformação do mesmo em cinzas, acaba por ser um acontecimento mais profundo, sentimental e menos racional do que apenas um trabalho mecânico. É necessário ter conhecimento de que estes espaços irão ser cada vez mais utilizados, e, por isso mesmo, é indispensável adequar as necessidades dos crematórios às cerimónias que decorrem neles, torná-los menos crus e pensar no crematório como parte integrante de um ritual da morte. São inúmeros os casos em que estes espaços estão anexos aos cemitérios ou no seu interior, no entanto, raramente apresentam uma relação segura e formal com o restante espaço cemiterial como é o caso das capelas que são construções normalmente centrais e estruturantes na sua or-



069 Relação da rua com o crematório (à direita), Bélgica



070 Esquício da vista do passeio ao longo da IC20

ganização.

No Cemitério da Costa da Caparica, o novo Crematório toma um papel fundamental, senão o mais relevante na estruturação do novo acrescento e do antigo cemitério.

A chaminé é um elemento que ganha uma grande presença neste espaço, sendo assim também um marco tanto no interior do cemitério como no exterior. Este elemento vertical destaca-se no meio da vegetação para quem atravessa a arriba e chega à Costa da Caparica, assinalando a entrada da cidade (070). A sala dos fornos é o espaço central do novo crematório, estando ligada à chaminé e alinhada no eixo principal que faz com que esteja orientada para a capela. Na verdade, este é o último lugar onde o corpo ainda é algo material e era importante criar uma relação com a antiga e a nova capela, neste momento onde o fumo sobe para o céu e o corpo se desfaz em cinzas. Esta sala está ligada a duas capelas organizadas nas duas laterais, onde se pode prestar uma última homenagem e ter um último momento de despedida. Cada capela emparelha-se também a uma sala de espera, onde os amigos e familiares podem esperar e ter um momento de reflexão enquanto o corpo arde ou repousar de uma forma não tão direta com o defunto. O depósito das cinzas localiza-se no pátio traseiro ao crematório, num roseiral centrado com a sala dos fornos e com a chaminé, assim como com o principal eixo do cemitério e com a capela, assinalando o fim do percurso e desta sequência de elementos.

O crematório torna-se num elemento avançado em relação ao limite agora criado para o cemitério, seguindo a leitura de toda a proposta.

Um projeto de referência para o estudo do programa e da relação com a cidade, é a adição de um crematório ao já existente Cemitério de Hoog Kortrijk (inaugurado em 2000) na Bélgica de autoria do arquiteto Souto de Moura. Esta cidade

belga situa-se num vale, sendo os limites topográficos, os principais limites da cidade. O cemitério localiza-se entre um polo universitário e uma estrada secundária, que estando sobreposta a uma linha de fecho, surge como um dos limites naturais da cidade. O cemitério foi desenhado de forma a dar resposta a esta conexão entre os vários pontos envolventes do seu perímetro, participando assim na urbanidade envolvente e sendo um exemplo de como espaços com este carácter podem ser pensados de forma a estarem integrados com o desenho urbano. Utilizar o cemitério como espaço aberto demonstra um pensamento mais aberto na sua inclusão em relação à cidade, sem desvalorizar o seu simbolismo enquanto momento ritual e de homenagem. Em 2005, surge a necessidade de acrescentar um crematório ao recinto do cemitério. O projeto de Eduardo Souto de Moura tem como princípio a integração deste novo conteúdo programático na paisagem sem comprometer a leitura do espaço existente e a relação que este tinha com o resto da cidade. Assim, o desenho parte de trabalhar o limite da estrada secundária que marca a cota mais alta do terreno. O arquiteto toma partido da diferença de cotas e integra o novo crematório junto à estrada, criando uma nova topografia e integrando-o na paisagem. A chaminé destaca-se pela sua verticalidade em relação à rua, tornando-se num objeto que desvenda o projeto (069).

Voltando à Caparica, relativamente ao desenho do espaço verde, este surge pela continuação da malha e da estrutura já utilizada no antigo núcleo do cemitério e pelo percurso das pessoas.

À entrada do cemitério existe um grande espaço liberto, demarcado por um cruzeiro. A ideia é utilizar o cruzeiro já existente, neste recinto, de maneira a assinalar o espaço de culto. No desenho do vazio foi importante também criar uma relação com a própria vegetação com o objetivo de recuperar as espécies naturais do território (071 e



071 Pinhal da Colónia de Férias da FNAC

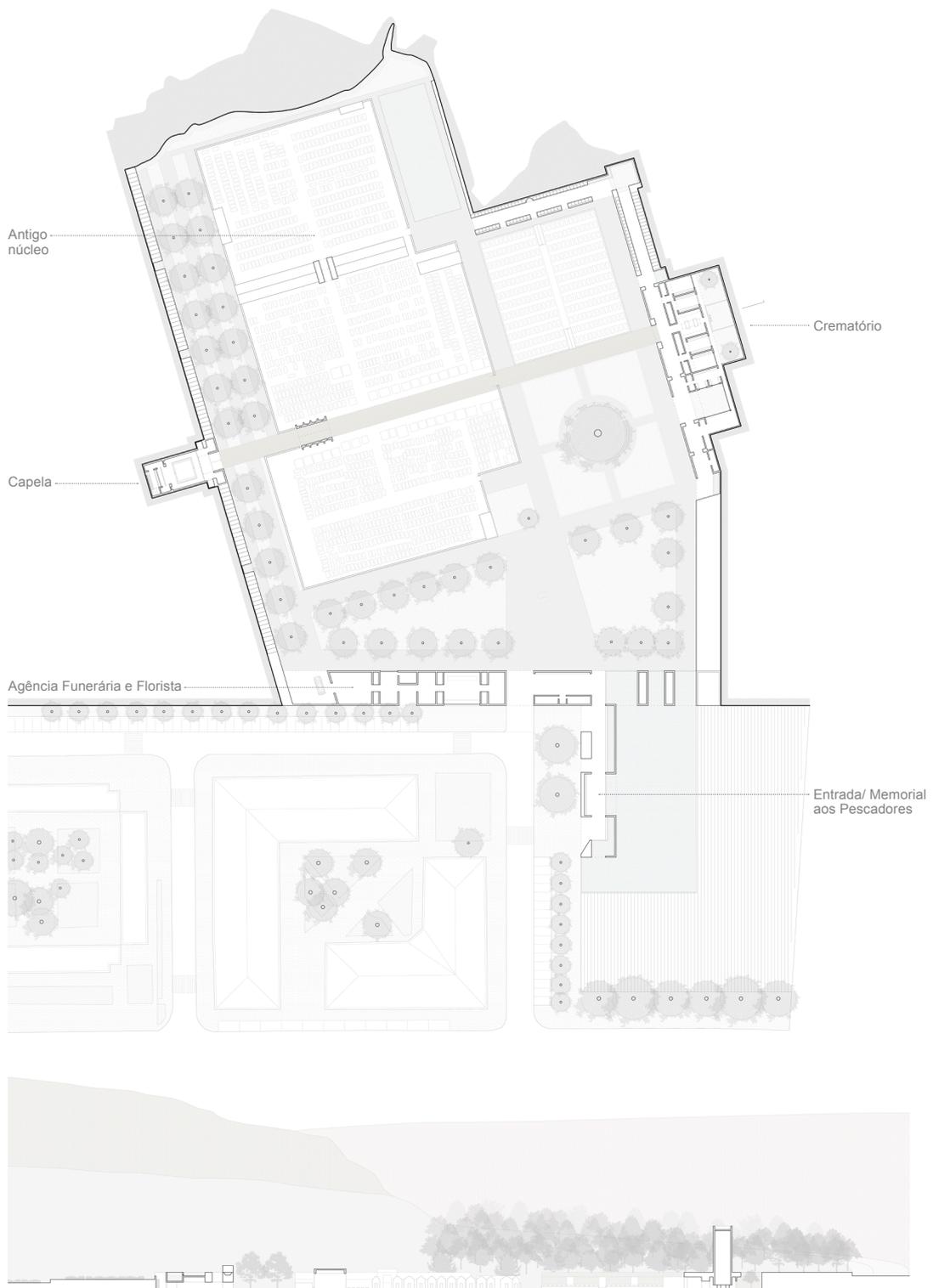


072 Estrada do Parque Florestal com eucaliptos e pinheiros

072). Propõe-se então a plantação de pinheiros silvestres e a manutenção de alguns eucaliptos preexistentes. A árvore com maior destaque no espaço cemiterial acaba mesmo por ser um eucalipto que alcança quase 20 metros de altura e que para além de ser um marco na paisagem do atual cemitério, torna-se num elemento estruturante na definição formal da nova proposta. É proposto também um banco em betão circular que circunda esta árvore.

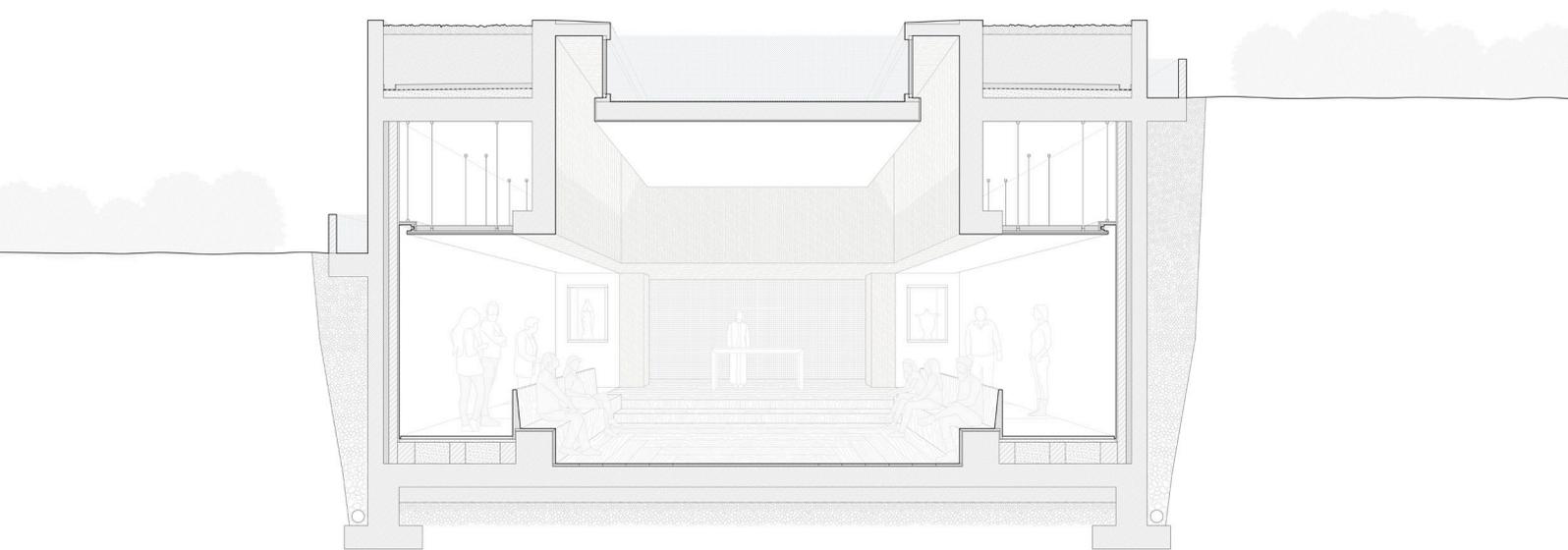
Os percursos em calçada e os espaços ajardinados desenham o vazio. Na verdade, estes espaços ajardinados podem ser futuramente utilizados para a organização de mais campas, caso necessário.

A proposta vem, para além de organizar e reinserir o Cemitério da Costa da Caparica na cidade, hierarquizar os diferentes espaços que se inserem no complexo cemiterial. As diferentes funcionalidades são estruturadas de maneira a que o cemitério possa fazer parte de uma vivência mais relacionada com a cidade, começando assim a fazer-se a transição e a adaptação de um objeto fechado e muito autónomo para uma intervenção que visa a valorização do território e das suas memórias, da mesma forma que tem uma maior presença enquanto espaço público.



073 Planta geral da intervenção e Corte transversal

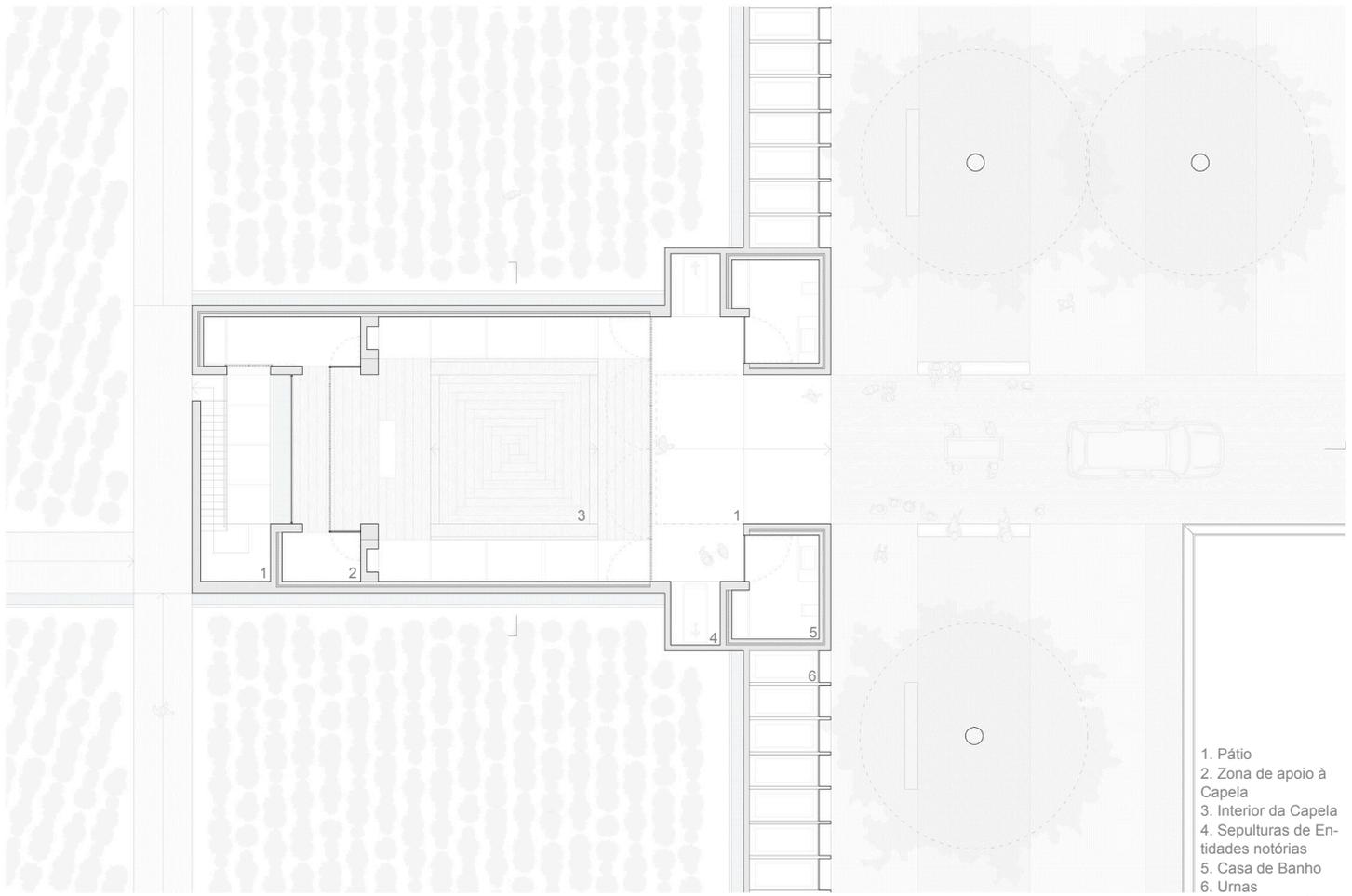




074 Perspetiva interior da Capela



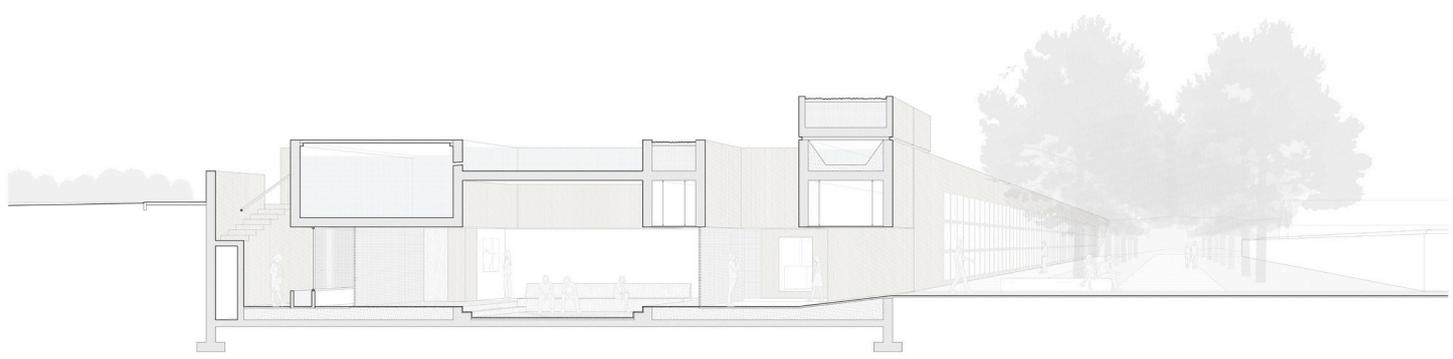
075 Alçado Capela



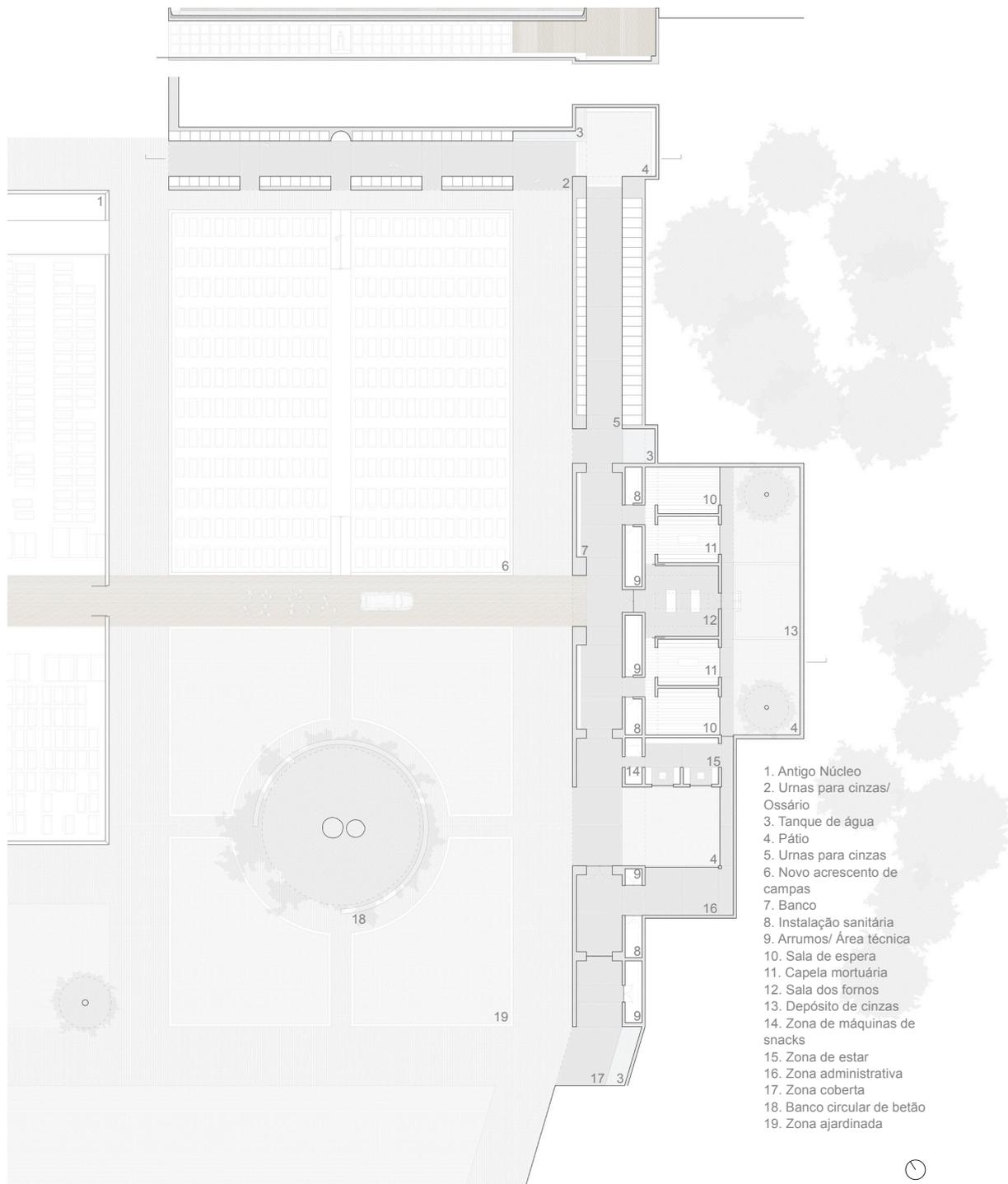
- 1. Pátio
- 2. Zona de apoio à Capela
- 3. Interior da Capela
- 4. Sepulturas de Entidades notórias
- 5. Casa de Banho
- 6. Urnas



076 Planta Capela



077 Corte perspetivado da Capela



1. Antigo Núcleo
2. Urnas para cinzas/ Ossário
3. Tanque de água
4. Pátio
5. Urnas para cinzas
6. Novo acrescento de campas
7. Banco
8. Instalação sanitária
9. Arrumos/ Área técnica
10. Sala de espera
11. Capela mortuária
12. Sala dos fornos
13. Depósito de cinzas
14. Zona de máquinas de snacks
15. Zona de estar
16. Zona administrativa
17. Zona coberta
18. Banco circular de betão
19. Zona ajardinada

078 Corte Urnas e Planta Crematório



079 Corte perspectivado Crematório



## IV. Considerações Finais

Este trabalho desenvolveu-se sobre a cidade da Costa da Caparica e foi sobretudo uma reflexão relativamente a este território.

O processo para o desenvolvimento de qualquer proposta a assentar no território tem de ter, como prioridade e primeiro pensamento, o próprio território. A memória do lugar, conjugada com os elementos paisagísticos e naturais são de extrema importância, porque é aquilo que o diferencia de todos os outros.

Uma das principais falhas no crescimento da Costa da Caparica não foi a falta de um planeamento urbano, mas sim da criação de um plano que protegesse a paisagem e a memória do local à medida que o crescimento acelerava. Um plano que criasse limites e objetivos para a cidade como um todo. O desenho urbano influencia as vivências do lugar que é um conjunto de núcleos sociais e uma comunidade. Uma proposta geral como a elaborada por este grupo de investigação é necessária se for elaborada de forma cuidada que permita a evolução da cidade e da própria paisagem.

Na verdade, existem fatores que dificultam este processo e que não permitem ao sítio uma antecipação daquilo que irá acontecer, não estando este munido de ferramentas necessárias para os superar. Em muitos locais do mundo estes acontecimentos são a guerra, desastres naturais, desastres causados pela humanidade, o crescimento intenso do número de habitantes ou outro tipo de ocorrência que mude o rumo ao desenvolvimento de um sítio. No caso da Costa da Caparica, o turismo de massas, principalmente no verão, e a sazonalidade fizeram com que o território se visse obrigado a transformar, e não da melhor maneira.

Relativamente ao plano proposto, o principal objetivo foi consolidar a cidade, tentando solidificar os pontos desvalorizados e encaminhar a

estrutura da cidade para um desenvolvimento mais sustentável e que respeite, de uma maneira mais consciente, as características naturais do lugar. A arriba, os campos agrícolas, a drenagem de água, as matas florestais e a praia tiveram sempre a maior relevância na constituição desta reestruturação. A criação da Avenida Lelo Martins foi o desenho de um limite para a cidade. Não que a cidade não cresça, mas estes elementos estruturantes são necessários e definidores da organização do desenho urbano. Os cheios e vazios, a paisagem de transição, a relação entre o natural e o construído e a costura que se desenvolve, principalmente nesta avenida, que liga a cidade ao campo, são necessários para evitar a continuação da destruição da paisagem natural.

A invocação à memória esteve sempre presente nas várias propostas que se desenvolveram nesta cidade.

Os espaços onde as memórias que existem são as de pessoas queridas aos habitantes de um local são, na maior parte das vezes, esquecidos e deixados para trás no que toca ao desenvolvimento urbano. Um tema bastante sensível, que por vezes carece de um pensamento estruturado. A espacialidade pode também despertar um outro tipo de sensações, mesmo nas horas mais difíceis. Na Costa da Caparica, o Cemitério, apesar de ter sido das primeiras construções a existirem no território, foi absorvido pelo crescimento da cidade e tornou-se assim, num espaço sobrando e completamente desconectado da sua envolvente. É importante pensar nos núcleos cemiteriais como partes integrantes da cidade. A proposta para a expansão do novo cemitério procura utilizar as características físicas e naturais do lugar para conseguir criar a relação ideal entre a proteção e o afastamento deste espaço de culto da vivência da cidade, e um desenho que se consiga inserir naquilo que é a identidade do sítio.

Neste projeto, os limites desenvolvem-se de uma outra maneira visto que o desenho deste novo acréscimo é o próprio limite. Contrariamente ao que acontece na restante cidade, em que se tenta conectar de uma maneira leviana a paisagem natural da paisagem artificial, este perímetro separa o exterior e o interior, aproveitando-se da topografia que o envolve.

Na verdade, a requalificação deste espaço acaba por ser necessária para a leitura e consolidação de toda a proposta de revitalizar a cidade. É de notar a relevância da análise da história e morfologia do sítio, principalmente no que toca ao seu papel fundamental na arquitetura. Por vezes, o território já contém em si respostas que nos ajudam no desenho do projeto e sobretudo que justifiquem a intervenção, valorizando-se a si e à arquitetura.





## V. Bibliografia

### Livros e Publicações:

DOMINGUES, Álvaro – Almada Um território em seis Ecologias. Museu de Almada – Casa da cidade. 2020

GOMES, Luísa Costa – Da Costa, praias e montes da Caparica. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos e Luísa Costa Gomes. Maio 2018

ORTIGÃO, Ramalho – As praias de Portugal. Guia do banhista e do viajante. 1ª ed. Lisboa: QUETZAL Editores. Junho 2014

HYGGS, Raul – A Nossa Costa. Costa da Caparica. Junta de Freguesia da Costa da Caparica. 2001

PUBLISHERS, Lars Müller – Poder / Arquitectura. 1ª ed. Casa da Arquitectura, 2017

LOPES, Diogo Seixas – Melancolia e arquitectura em Aldo Rossi. 2ª ed. Lisboa : Orfeu Negro, Abril 2019

FONTES, João Luís Inglês, CAEIRO, Nuno – O Convento dos Capuchos : Vida, Memória, Identidade. Almada: Almada Câmara Municipal, Novembro 2013

MCCARTER, Robert, PALLASMAA, Juhani – Understanding Architecture. Phaidon Press Limited, 2012

FERREIRA, Manuel d'Agro – A Praia da Costa (Caparica). 2ª ed. Costa da Caparica: Associação Gandaia, 2017

MENDES, Rui Manuel Mesquita - Monte de Caparica. 28 de Outubro de 2020

### Teses e Dissertações:

OLIVEIRA, Maria Manuel Lobo Pinto de – In memoriam, na cidade. Universidade do Minho – Departamento Autónomo de Arquitectura, 2007. Tese de doutoramento

MARQUES, Bruna Cristiana da Silva – João Guilherme Faria da Costa : O caso único da Figueira da Foz. FCTUC – Departamento de Arquitectura, 2015. Dissertação de mestrado

ROCHA, Francisco Manuel Pinto – Morte, Espaço e Arquitectura : Das Ideias às Formas, um Projeto. Universidade do Porto – Faculdade de Arquitectura, 2012/2013. Dissertação de Mestrado

### Webgrafia:

pt.wikipedia.org (s.d.). Obtido de [https://pt.wikipedia.org/wiki/Convento\\_dos\\_Capuchos\\_\(Caparica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Convento_dos_Capuchos_(Caparica))

amusingplanet.com (s.d.). Obtido de <https://www.amusingplanet.com/2013/05/the-living-residents-of-manilas-north.html>

picryl.com (s.d.). Obtido de <https://picryl.com/media/skogskapellet-skogskyrkogarden-sektion-negativ-c437dc>

mitti.se (s.d.). Obtido de <https://www.mitti.se/nyheter/reportage-i-dodens-eld-folj-med-in-i-nya-krematoriet/repqho!k1dJZrj0HwvFWf98qZPkQ/>

arquiscopio.com (s.d.). Obtido de <https://arquiscopio.com/archivo/2012/08/29/la-capilla-en-el-bosque/?lang=pt>

pt.wikipedia.org (s.d.) Obtido de <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sepultamento>

dailyscandinavian.com (s.d.) Obtido de <https://www.dailyscandinavian.com/woodland-cemetery-in-stockholm/>

divisare.com (s.d.) Obtido de <https://divisare.com/projects/386787-gunnar-asplund-federico-covre-woodland-chapel-skogskyrkogarden>

veja.abril.com.br (s.d.) Obtido de <https://veja.abril.com.br/ciencia/o-homo-sapiens-foi-o-primeiro-hominideo-a-enterrar-os-mortos/>

miesarch.com (s.d.) Obtido de <https://www.miesarch.com/work/1248>

visitesposende.com (s.d.) Obtido de <https://www.visitesposende.com/pt/fazer/roteiros/roteiro-arqueologico/cemiterio-medieval-das-barreiras-fao>

pt.euronews.com (s.d.) Obtido de <https://pt.euronews.com/2018/07/26/cemiterio-medieval-descoberto-no-centro-de-lisboa>

pt.wikipedia.org (s.d.) Obtido de [https://pt.wikipedia.org/wiki/Peste\\_Negra](https://pt.wikipedia.org/wiki/Peste_Negra)

Almada virtual (s.d.) Obtido de <https://almada-virtual-museum.blogspot.com>

crematoriumuitzicht.be (s.d.) Obtido de <https://crematoriumuitzicht.be/nl/>

roadtripsaroundtheworld.com (s.d.) Obtido de <https://www.roadtripsaroundtheworld.com/visit-skogskyrkogarden-the-woodland-cemetery/>

archeyes.com (s.d.) Obtido de <https://archeyes.com/woodland-cemetery-in-stockholm-erik-gunnar-asplund-sigurd-lewerentz/>

archiweb.cz (s.d.) Obtido de <https://www.archiweb.cz/en/b/lesni-kaple>

Mar de Caparica (s.d.) Obtido de <https://mar-da-costa.blogspot.com>

edificioslhd.blogspot.com (s.d.) Obtido de <http://edificioslhd.blogspot.com/2009/06/13-el-cementerio-de-modena-italia-aldo.html>

kronoshomes.com (s.d.) Obtido de <https://kronoshomes.com/blog/2021/05/06/arquitectura-al-cubo/>

paradisebackyard.blogspot.com (s.d.) Obtido de <http://paradisebackyard.blogspot.com/2012/04/erik-gunnar-asplund.html>

youtube.com (s.d.) Obtido de <https://www.youtube.com/watch?v=Th5kPODAGd0>

tviplayer.iol.pt (s.d.) Obtido de <https://tviplayer.iol.pt/programa/missa/53c6b3993004dc006243d35d/video/5666ccf10cf2220df09c07e8>

tvi24.iol.pt (s.d.) Obtido de <https://tvi24.iol.pt/videos/sociedade/aldeia-da-luz-tenta-expandir-cemiterio-mas-direitos-de-autor-impedem-plano/6027dfa-90cf27e103fd2259b>

idealwork.com (s.d.) Obtido de <https://www.idealwork.com/carlo-scarpas-brion-tomb-a-masterpiece-of-detail/>

espaçodearquitectura.com (s.d.) Obtido de <https://espaçodearquitectura.com/noticias/capela-de-eduardo-souto-moura-para-vatican-chapels/>

igrejasantamaria.pt (s.d.) Obtido de <https://www.igrejasantamaria.pt/igreja/casa-mortuaria/>

### Imagens:

001. Desenho gravura da Costa antiga. Costa da Caparica (séc. XIX-XX) © António Lopes Martins
002. Carta Topográfica Militar da Península de Setúbal (detalhe), José Maria das Neves Costa, 1816 © IGeoE, retirado de mar-da-costa.blogspot.com
003. Pormenor da praia da Caparica, ed. Fotex, 144 Imagem © Delcampe
004. Os campos e a arriba © Fotografia do autor
005. Ortofotomapa retirado do Google Earth Pro, com a rua ancestral que liga a Igreja da Nossa Senhora da Conceição ao Mercado da Costa da Caparica
006. Praia so Sol, Poço da Bomba Chafariz, Costa da Caparica © José Nunes da Silva
007. Costa de Caparica, Praia Atlântico, pormenor de Solução Urbanística, Arquitecto Cassiano Branco, 1930 © Arquivo Municipal de Lisboa
008. Alameda de Santo António, Costa da Caparica © Passaporte 25
009. Fotografia da Ponte sem tabuleiro, 1965 © Estação Chronográfica
010. Costa da Caparica, vista aérea, 1980 © Delcampe, Bosspostcard
011. Costa da Caparica, Vista parcial da Praia, ed. Passaporte, 19 © Delcampe
012. Costa da Caparica, Vista panorâmica, década de 1930 © Autor desconhecido, retirada de mar-da-costa.blogspot.com
013. Costa de Caparica, década de 50 © Júlio Diniz/MCA JD, retirada de observador.pt
014. O campo, a cidade e o mar © Fotografia do autor
015. Planta do Plano Geral do grupo de investigação
016. Perspetiva banco ao longo da nova Avenida
017. Perspetiva Ponto de Venda
018. Costa da Caparica, Um aspecto das festas à Senhora da Boa Viagem, 1929 © Arquivo Nacional Torre do Tombo
019. Costa da Caparica, Almada, Convento dos Capuchos (após o restauro em 1952), Ed. Passaporte, 32 © Fundação Portimagem
020. Planta piso térreo do Convento dos Capuchos
021. Fotografia de 1900 de uma Caparica ainda em terrenos arenosos, com as cabanas dos pescadores, e ao fundo, o Convento Do Menino Jesus (esquerda) e a Igreja Velha (direita) © Alberto Carlos Lima
022. Costa da Caparica, Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Mário Novais, 1946 © Fundação Calouste Gulbenkian
023. Destruição do primeiro "Carolina dos Aires" (à esquerda e centro) e da linha do comboio de praia (à direita), data desconhecida © Dinis, retirada de researchgate.net
024. Costa da Caparica, Bairro de Santo António e Foz do Tejo, ed. Passaporte, 2, década de 1960 © Delcampe, Oliveira, retirada de almada-virtual-museum.blogspot.com
025. Bairro de Santo António, com as últimas parcelas de terrenos agrícolas a norte © Fotografia do autor
026. IC20 © Autor desconhecido, retirado de Arquivo Fotográfico de Almada
027. IC20, 1967 © Artur Bastos
028. Plano de Urbanização da Costa da Caparica, Faria da Costa, 1947 © Fundação Calouste Gulbenkian

029. Plano de Urbanização da Costa da Caparica, Faria da Costa © Arquivo Histórico de Almada
030. Plano de Urbanização da Costa da Caparica, Tomás Taveira (Planta 1) © Arquivo Histórico de Almada
031. Plano de Urbanização da Costa da Caparica, Tomás Taveira (Planta 2) © Arquivo Histórico de Almada
032. Cemitério dos Prazeres, Lisboa © Fotografia do autor
033. Woodland Cemetery, Estocolmo © Landezine, retirada de landezine.com
034. Manila Cemetery © James Chance
035. Manila Cemetery, 16[2] © Roland A Nagy
036. Cemitério San Michele, Veneza, 2016 © Valéria Cristina P. da Silva, retirada de researchgate.net
037. Erik Gunnar Asplund with Sigurd Lewerentz Woodland Crematorium, Woodland Cemetery, Stockholm, Sweden, Site plan and section, final version 1937 © retirada de MoMA.org
038. Erik Gunnar Asplund Woodland Crematorium, Stockholm, Sweden, Exterior elevation © retirada de MoMA.org
039. Woodland Cemetery © Getty Images, retirada de revistaad.es
040. Aerial view of the Woodland Cemetery © Erik Hugoson
041. La capilla en su entorno © retirada de arquiscopio.com
042. Planta e Corte Capela do Bosque © retirado de arquiscopio.com
043. The Woodland Crematorium © retirada de paradisebackyard.blogspot.com
044. Entrada da Capela da Ressureição © Chen Hao, retirada de divisare.com
045. Interior da Capela da Ressureição © Autor desconhecido, retirada de epichimeric.tumblr.com
046. Ortofotomapa retirado do Google Earth Pro, do Cemitério de San Cataldo em Modena
047. Aldo Rossi, Gianni Braghieri Cemetery of San Cataldo, Modena, Italy, Aerial perspective 1971 © Aldo Rossi, Gianni Braghieri, retirado de MoMA.org
048. Sepulturas no interior da estrutura © Panoramio A.D.A., retirado de archdaily.com.br
049. Cemetery of San Cataldo, General Plan for the new cemetery: on the right, Costa's neoclassical cemetery; in the center, the Jewish cemetery, services, and the new entrance arcade as hinge © retirada de ed. P. ARNELL, T. BICKFORD, Aldo Rossi: Buildings and Projects, Rizzoli, New-York, 1985
050. O cemitério e a arriba © Fotografia do autor
051. Esquízo da topografia e vegetação
052. Esquízo do conceito
053. Plantas de evolução dos vários acrescentos e Corte esquemático pela arriba com a proposta
054. Ortofotomapa retirado do Google Earth Pro, do Cemitério da Costa da Caparica
055. Perspetiva aérea retirado do Google Earth Pro, do Cemitério da Costa da Caparica, visto da IC20
056. Depósito de drenagem de água existente © Fotografia do autor
057. Corte Estrutura de Distribuição de Água e Sepulturas
058. Parque cemitério de Igualada, Enric Miralles 1985-91 © Leon
059. Plan and sections © Enric Miralles, retirado de archdaily.com.br
060. Civil Cemetery, Fistera de César Portela © Au-

- tor desconhecido, retirado de [arquitecturaviva.com](http://arquitecturaviva.com)
061. Esquiço para o estudo da organização dos mortos e da água
062. Carlo Scarpa, Brion Cemetery © Autor desconhecido, retirado de [blog.travelpod.com](http://blog.travelpod.com)
063. Capela do Cemitério da Costa da Caparica © Fotografia do autor
064. Proposta para o novo Pórtico de entrada no antigo núcleo
065. O muro do cemitério e a materialidade da arriba © Fotografia do autor
066. Pormenor da pedra dos jazigos de família existentes © Fotografia do autor
067. Entrada/ Memorial aos Pescadores
068. Planta de Implantação
069. Crematório em Kortrij, Souto de Moura © "Street View", Luis Ferreira Alves, retirada de [eumiesaward.com](http://eumiesaward.com)
070. Esquiço da vista do passeio ao longo da IC20
071. Costa da Caparica, Colónia de Férias da Federação Nacional para a Alegria no Trabalho, Mário Novais, 1946 © Fundação Calouste Gulbenkian, retirada de [almada-virtual-museum.blogspot.com](http://almada-virtual-museum.blogspot.com)
072. A Praia do Sol, Estrada do Parque Florestal, ed. Acção Bíblica/Casa da Bíblia, 114, década de 1930 © Delcampe, retirada de [mar-da-costa.blogspot.com](http://mar-da-costa.blogspot.com)
073. Planta geral da intervenção e Corte transversal
074. Perspetiva interior da Capela
075. Alçado Capela
076. Planta Capela
077. Corte perspectivado da Capela
078. Corte Urnas e Planta Crematório
079. Corte perspectivado Crematório



## **Anexos**

Ao longo do ano e de toda a investigação foram recolhidas outras informações e imagens, ou mesmo realizados alguns desenhos e maquetas, que de certa forma, foram importantes para o desenvolvimento do trabalho.

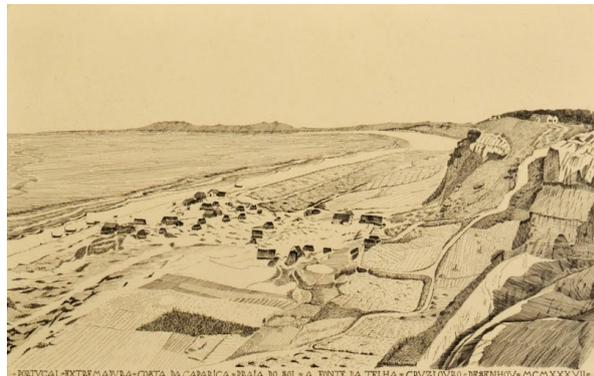
### **Índice de Anexos**

I. Arquivo Fotográfico	88
II. Arquivo Documental	94
III. Registos fotográficos	105
IV. Desenhos e Maquetas	10



Costa da Caparica. Descida do Cabedelo.

Costa da Caparica, Descida do Cabedelo, ed. desc., década de 1920 © Delcampe, retirado de almada-virtual-museum.blogspot.com



Costa da Caparica, Fonte da Telha, Ilustração 1937 © Cruz Louro



Costa da Caparica, vista aérea, 1930 — 1932 © Arquivo Municipal de Lisboa, retirada de almada-virtual-museum.blogspot.com



Mercado, Praia do Sol, 1934 © Delcampe

## I. Arquivo Fotográfico



Costa da Caparica, ed. José Nunes da Silva s/n, década de 1940 © Delcampe, retirada de mar-da-costa.blogspot.com



Trafaria — Valla e estrada da Costa © Delcampe



Costa de Caparica, passagem sobre a vala à entrada da vila, década de 1940 (?) © Delcampe - Oliveira



Praça do Mercado, anos 40-60 séc. XX © Delcampe, retirada de restosdecoleccion.blogspot.com



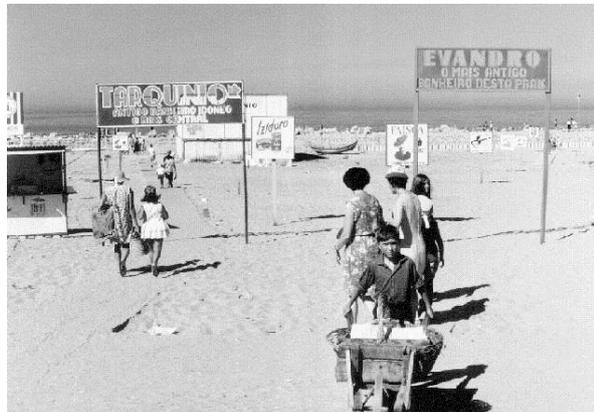
Costa da Caparica, Bairro Novo dos Pescadores © Arquivo Histórico da Marinha



Costa da Caparica, Bairro Novo dos Pescadores © Arquivo Histórico da Marinha



Costa da Caparica, Passadeira de madeira de acesso aos banheiros, anos 50, séc. XX © Autor desconhecido, retirado de [almadalmada.blogspot.com](http://almadalmada.blogspot.com)



Praia do Tarquínio © Sid Kerner, Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa



Costa da Caparica, Vista geral, ed. Passaporte, 01 © Delcampe, retirada de almada-virtual-museum.blogspot.com



Quinta de Santo Antonio e Costa de Caparica (detalhe), ed. desc. © Delcampe - Bosspostcard, retirada de mar-da-costa.blogspot.com



Costa da Caparica, Hotel Praia do Sol, ed. Passaporte, 10, década de 1950 © Delcampe, retirada de almada-virtual-museum.blogspot.com



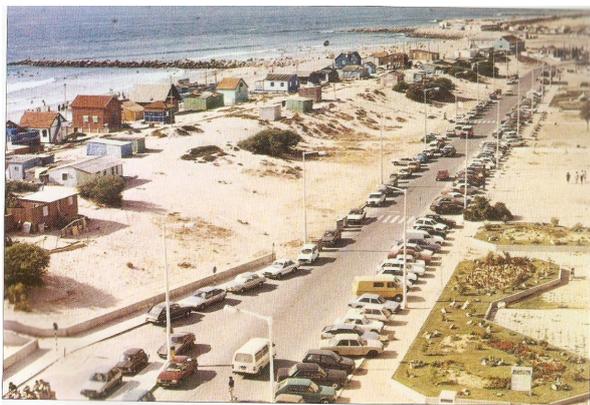
Panorâmica sobre a zona da portagem da Ponte 25 de Abril, 1967 © Artur Inácio Bastos, retirada de Arquivo Municipal de Lisboa



Abertura do IC20, 1964 © Arquivo Municipal de Lisboa



Escola de Equitação, Costa da Caparica, 1975 © retirada de pinterest.pt, publicada por Helena Reduto



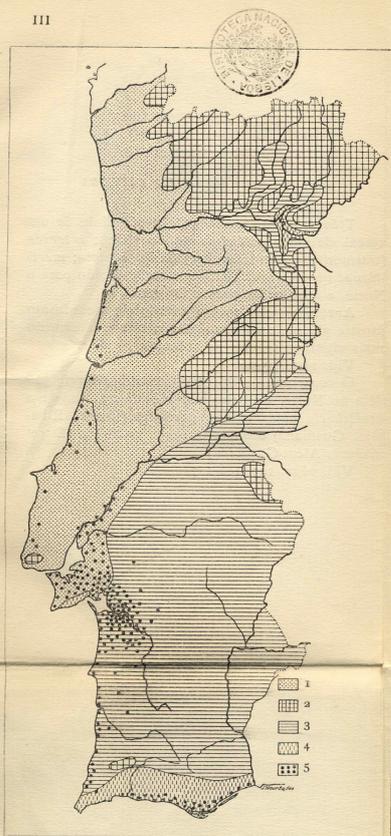
Costa da Caparica © Autor desconhecido, retirada de gandraia.info



Costa da Caparica, O Transpraia, ed. Passaporte, 615 © Delcampe, Oliveira, retirada de mar-da-costa.blogspot.com



Fecho da Vala da Costa da Caparica, anos 90 © retirado de smasalmada.pt



Mapa III — OS ARVOREDOS (escala 1:3.000.000)  
1 — pinheiro bravo; 2 — carvalhos e castanheiros; 3 — azinheira e sobreiro; 4 — arvoredos algarvios; 5 — pinheiro manso.

Mapa III — OS ARVOREDOS

Abstraiu-se da influência da alta montanha, no geral sem árvores, e marcaram-se as grandes áreas de dominância das espécies mais importantes. O pinheiro bravo cobre todo o Oeste atlântico até ao Sado; os arvoredos de folha caduca, especialmente carvalhais e soutos, predominam nas terras altas e interiores e reaparecem com a altitude em raras manchas no Sul (S. Mamede, Sintra, Monchique).

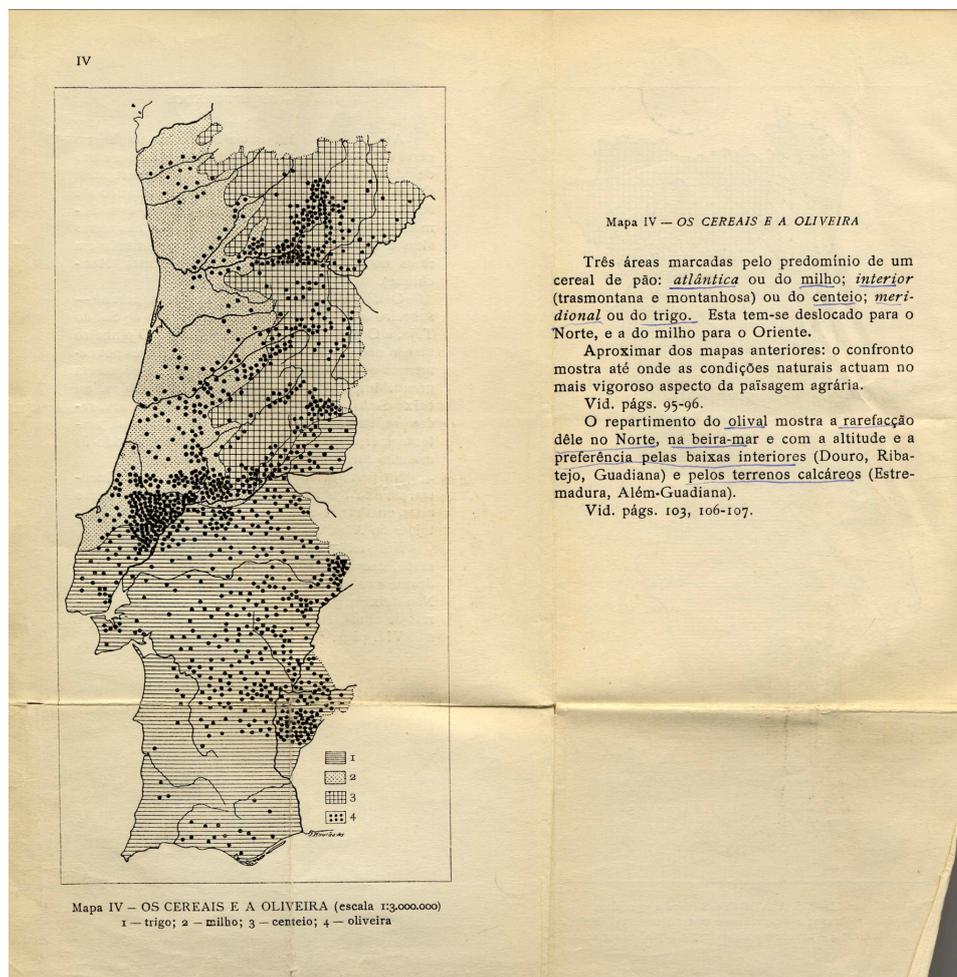
O domínio das *Quercus* de folha perene — sobreiro e azinheira — começa um pouco ao Sul do Tejo, a Oeste, e ao Norte d'êle, a Leste. O pinheiro manso não se afasta muito do litoral; os seus povoaamentos encontram-se ao Sul do Vouga e adquirem grande importância na península da Arrábida, no baixo Sado e no litoral algarvio. Alguns arvoredos mediterrâneos do Algarve reaparecem na vertente meridional na Serra da Arrábida, devido às mesmas condições de abrigo e exposição.

Na parte oriental do Douro e dos seus afluentes, abaixo das árvores de folha caduca das terras altas, encontram-se elementos da vegetação do Alentejo e do Algarve.

Note-se que os arvoredos representados neste mapa, apesar de não serem geralmente cultivados, devem a repartição actual em larga parte ao homem. Não deixam, por isso, de traduzir condições naturais de clima, exposição e altitude.

Vid. págs. 79-81, 157-158.

## II. Arquivo Documental



RIBEIRO, Orlando - Portugal: O mediterrâneo e o atlântico, Mapa IV - Os Cereais e a Oliveira



Ainda perduram velhos hábitos de construir habitações, sobretudo nas costas arenosas, nas quais se utiliza o junco ou estorno, são geralmente pobres habitações de pescadores, que encontramos nas Praias de Faro e Monte Gordo, e no litoral atlântico próximo da Lagoa de St. André, e na Propriedade da Comporta.

Em todos os casos é utilizado o «bacejo» ou «estorno», tanto nas paredes como na cobertura, salvo no caso de Águas de Moura, em que as paredes são de adobe e a cobertura em colmo.

As de Monte Gordo e Praia de Faro representam a redução ao mínimo enquanto as dos outros locais, embora pobres, revelam as possibilidades do material precário, e o partido que se pode tirar dele quando há interesse pela habitação. Nestes casos, uma estrutura de madeira serve de base ao assentamento do bacejo. A sua prisão é feita com arames ou cordel e ripas exteriores, pregadas à estrutura, do que o construtor tira um efeito decorativo, não só pela sua disposição como também pela caiação.

O cuidado posto no arranjo interior, desde o tratamento do tecto e paredes, à sua ornamentação com o escarpante, e a estampa colorida, o postal ilustrado, as recordações da feira, retratos, etc., até ao cuidado do pavimento de terra batida, revela bem o interesse pela habitação. A sua planta é muito simples e constitui-se em duas peças: uma, a da entrada, serve de casa de estar, comer e cozinhar; a outra dependência é o quarto de dormir de toda a família.

A iluminação interior é obtida através de pequenas janelas inseridas nas paredes.

Na evolução destas construções vamos encontrar uma melhoria no tratamento da zona onde cozinham, pois a necessidade obriga-os a construir a chaminé em alvenaria.

CASA BRANCA — ALCÁÇER DO SAL



PRAIA DE FARO — FARO



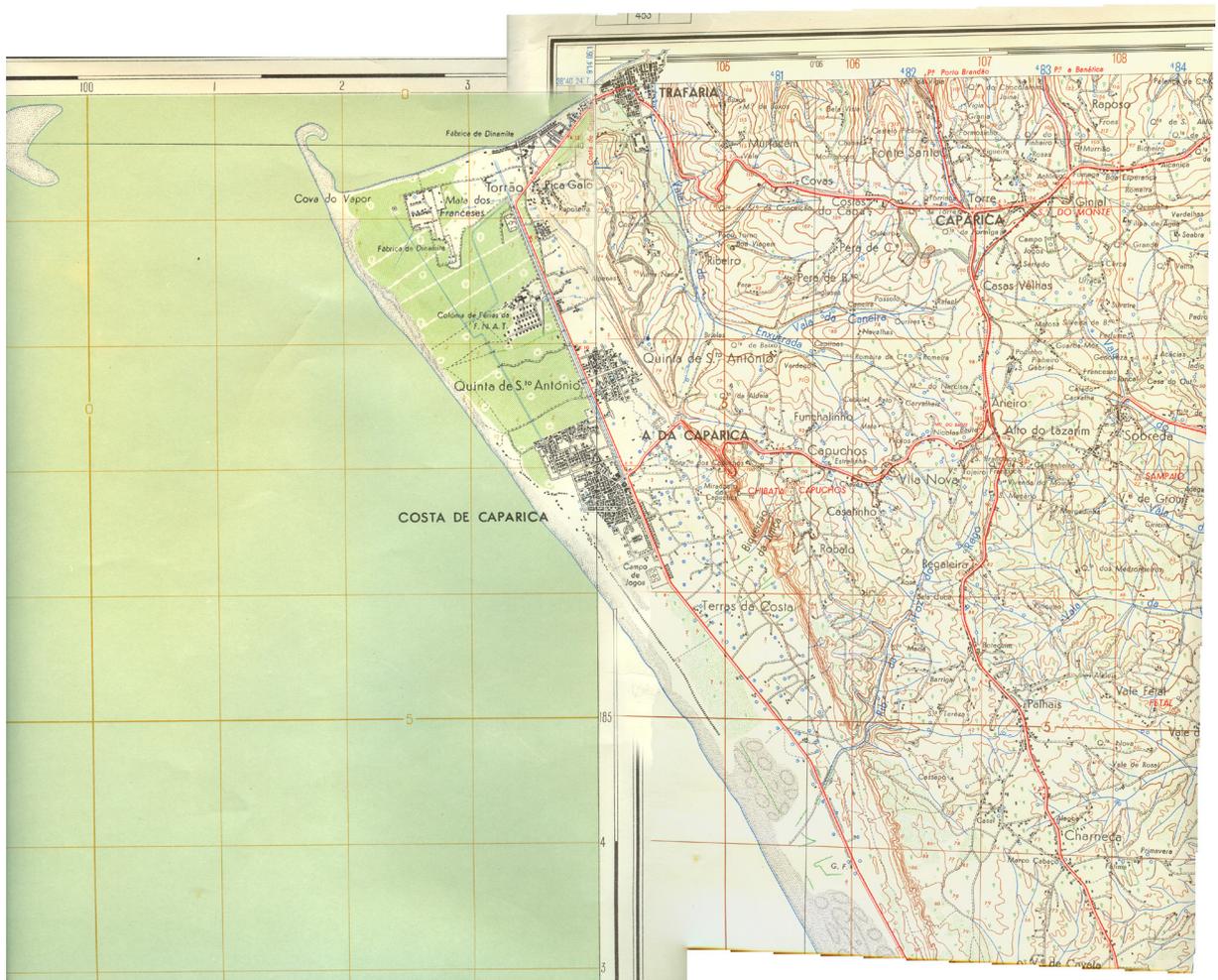
CASA BRANCA — ALCÁÇER DO SAL



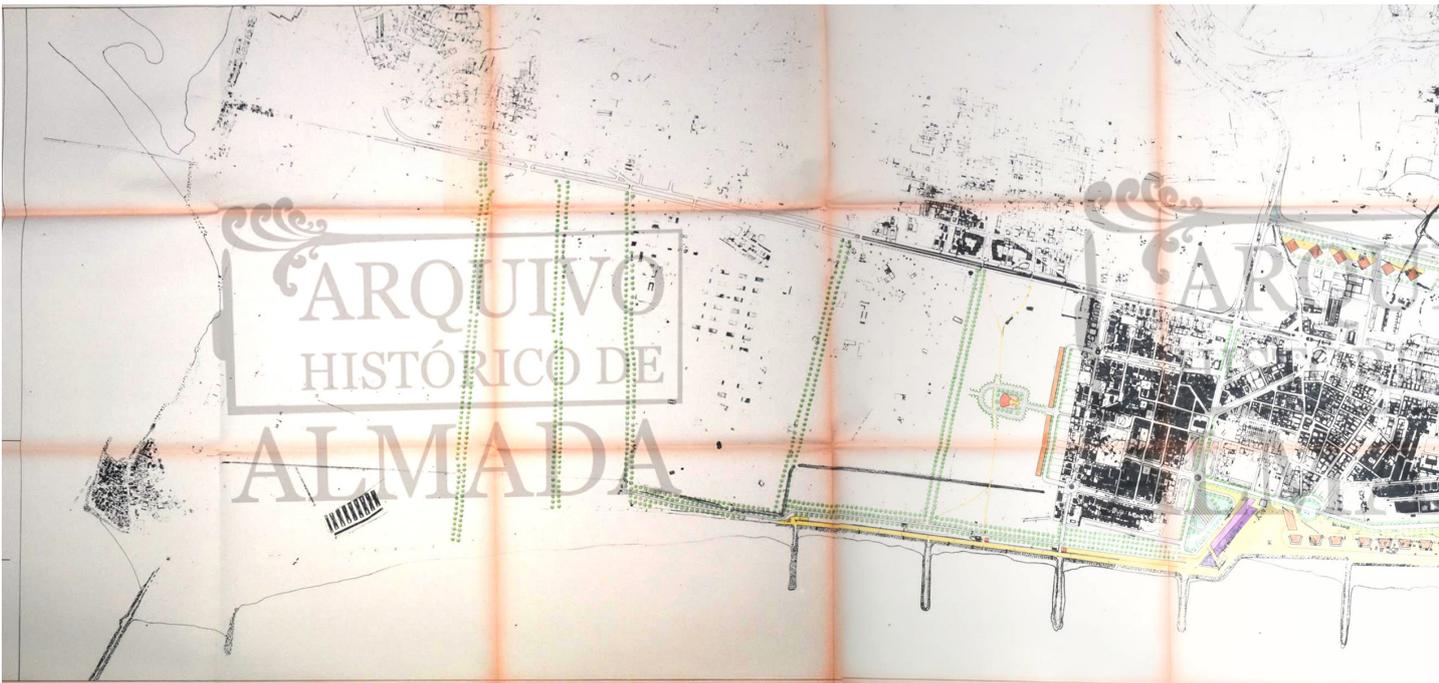
Plan du Port de Lisbonne et de ses Costes Voisines (deta-  
lle), Jacques Nicolas Bellin, 1756 © Bibliothèque nationale  
de France, retirado de almada-virtual-museum.blogspot.com

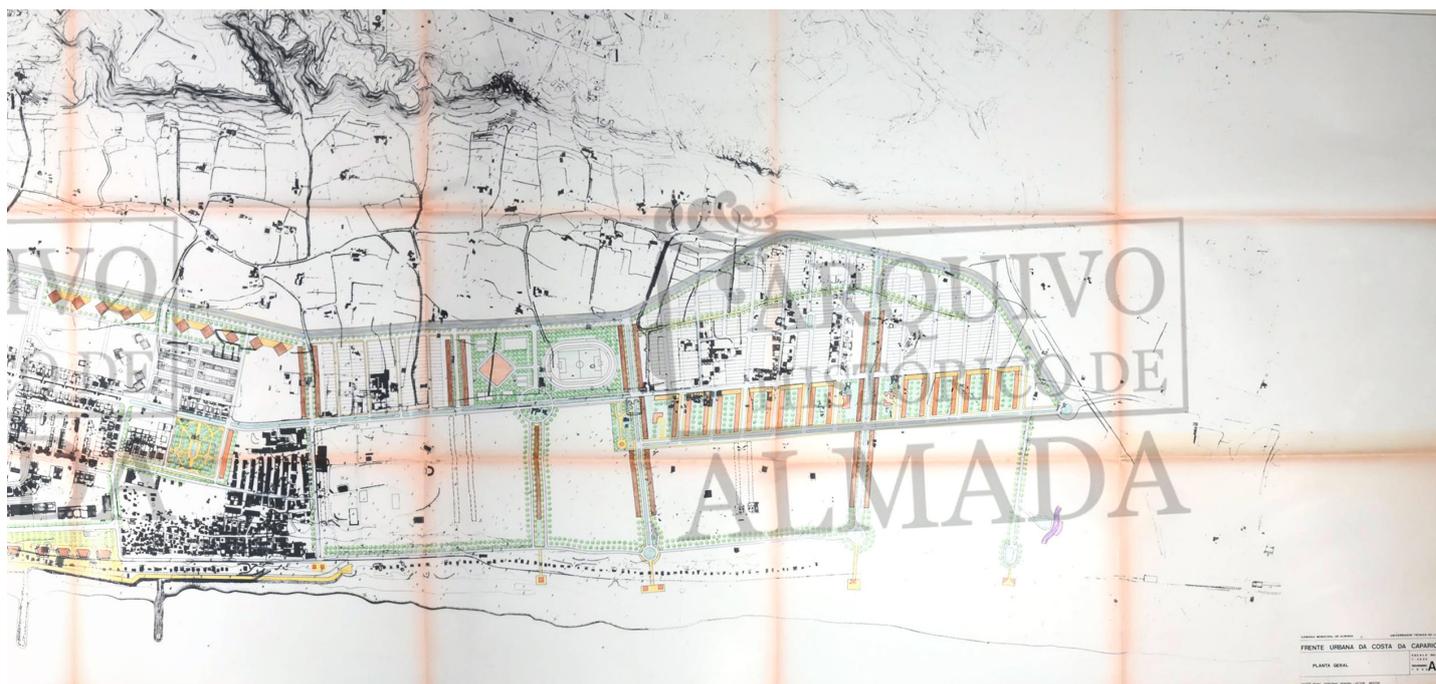


Carta de Lisboa e seus arredores © Biblioteca Nacional de Portugal, retirada de purl.pt



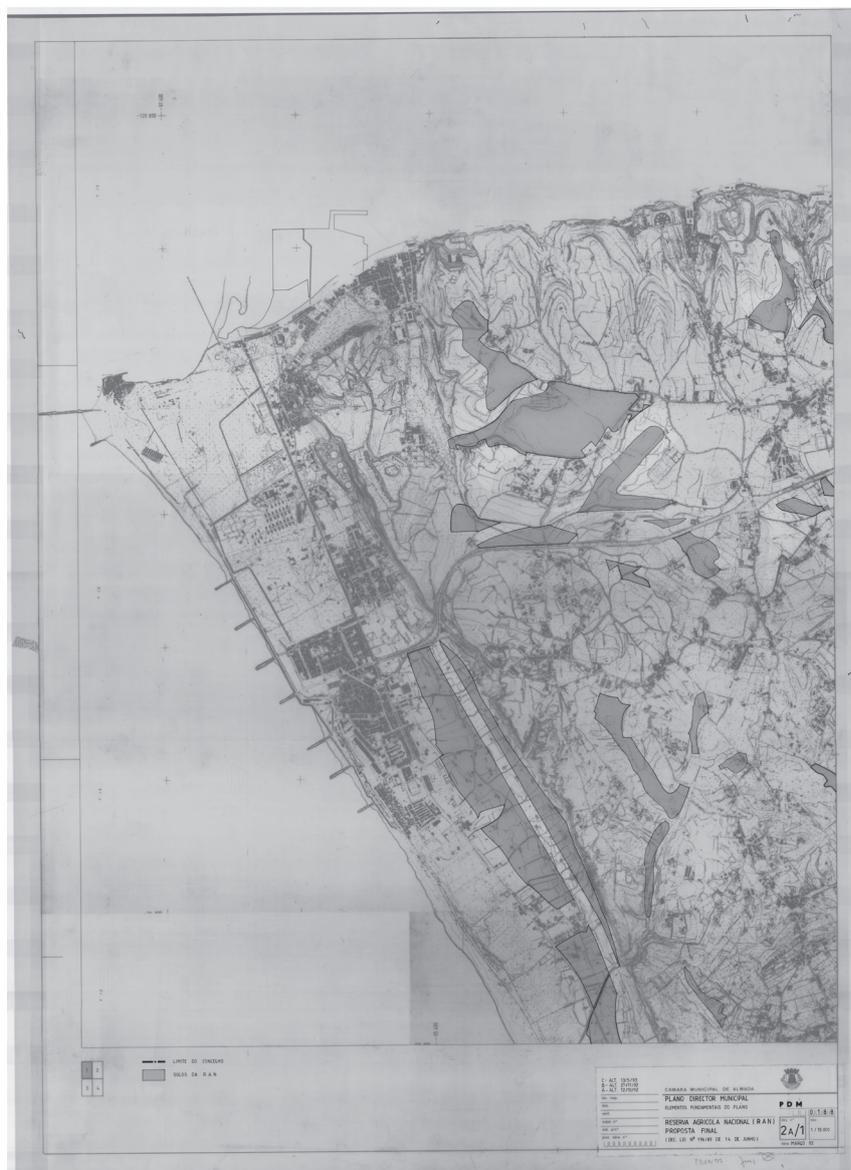
Montagem de dois excertos da Carta Militar de 1961 © Centro de Informação Geospacial do Exército





Montagem do Plano de Urbanização dos Arquitetos Nuno Teotónio Pereira e Vitor Mestre para a Costa da Caparica, 1985 © Arquivo Histórico de Almada





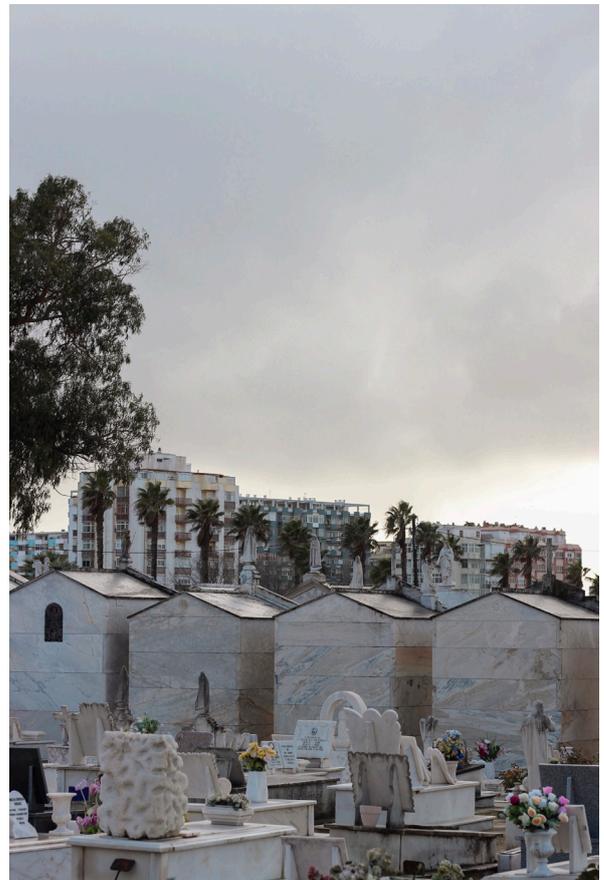
Reserva Agrícola Nacional (RAN), 2 A/1, Março 92 © Câmara Municipal de Almada



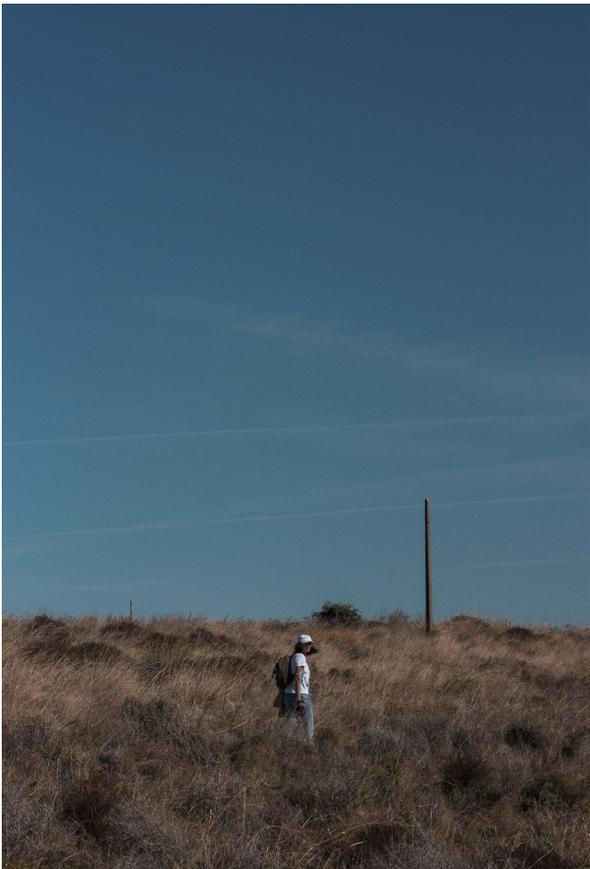
### III. Registos Fotográficos



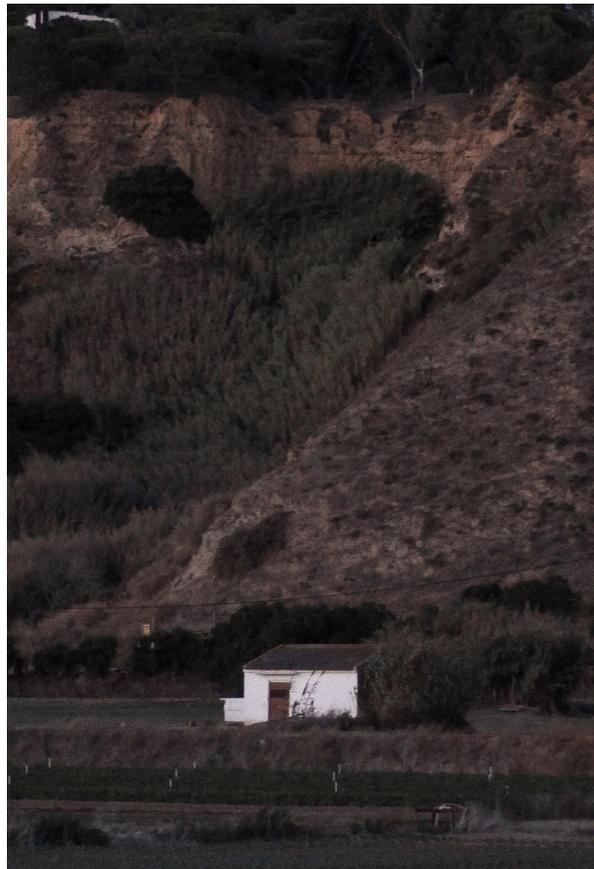
Vista da arriba para a Costa da Caparica e Lisboa © Fotografia do autor



De dentro para fora do cemitério © Fotografia do autor



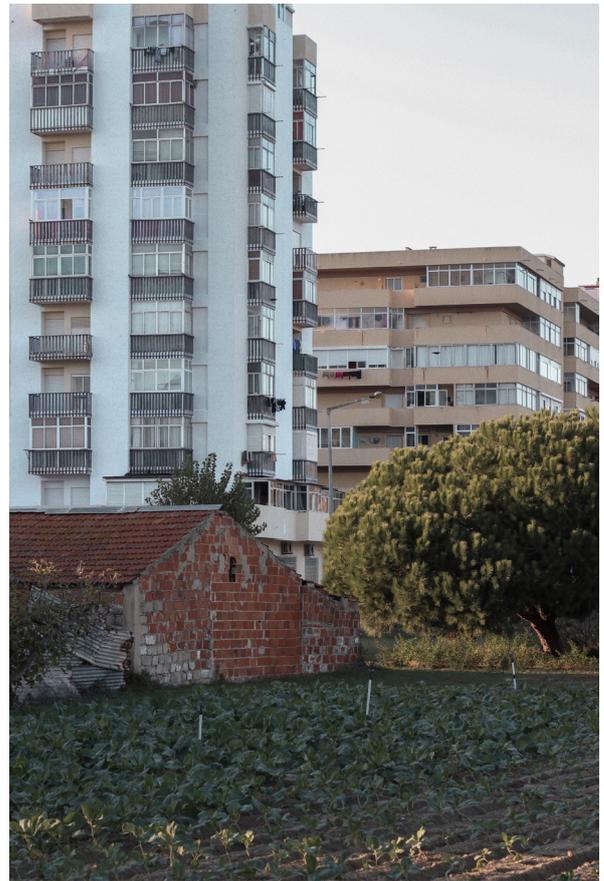
Topo da arriba © Fotografia do autor



O campo e a arriba © Fotografia do autor



Vala de drenagem descoberta © Fotografia do autor



Contraste entre a cidade e o campo © Fotografia do autor



## IV. Desenhos e Maquetas



Ortofotomapa com as matas, a reserva agrícola, os campos agrícolas e as valas de drenagem assinalados



Ortofotomapa com as valas de drenagem da Planta Topográfica de 1816 sobrepostas





Perspetiva com os principais eixos assinalados





Planta com os pontos de água



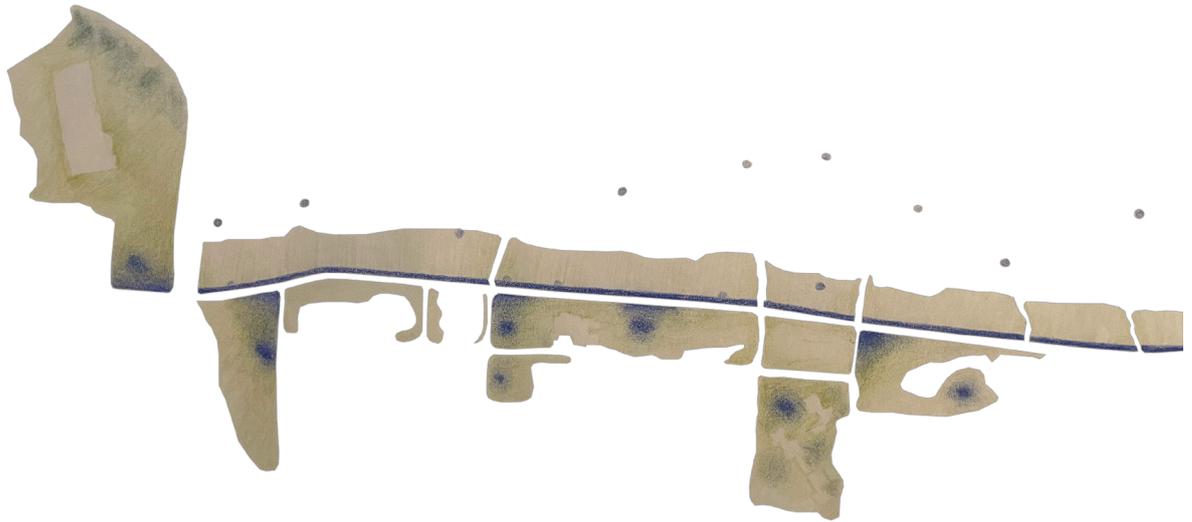
Estudo da morfologia dos campos e pontos de água



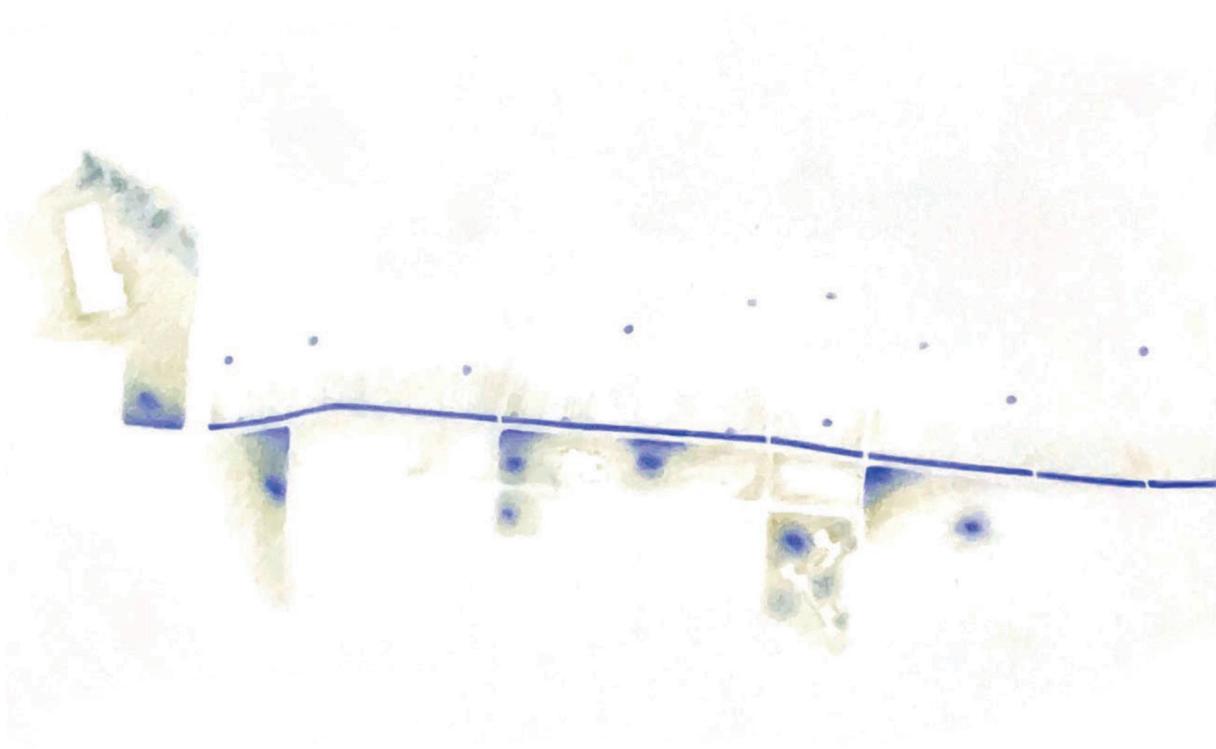
Planta com capos agrícolas e linhas de drenagem de água



Planta da Costa da Caparica com a sobreposição dos pontos de água e dos campos agrícolas



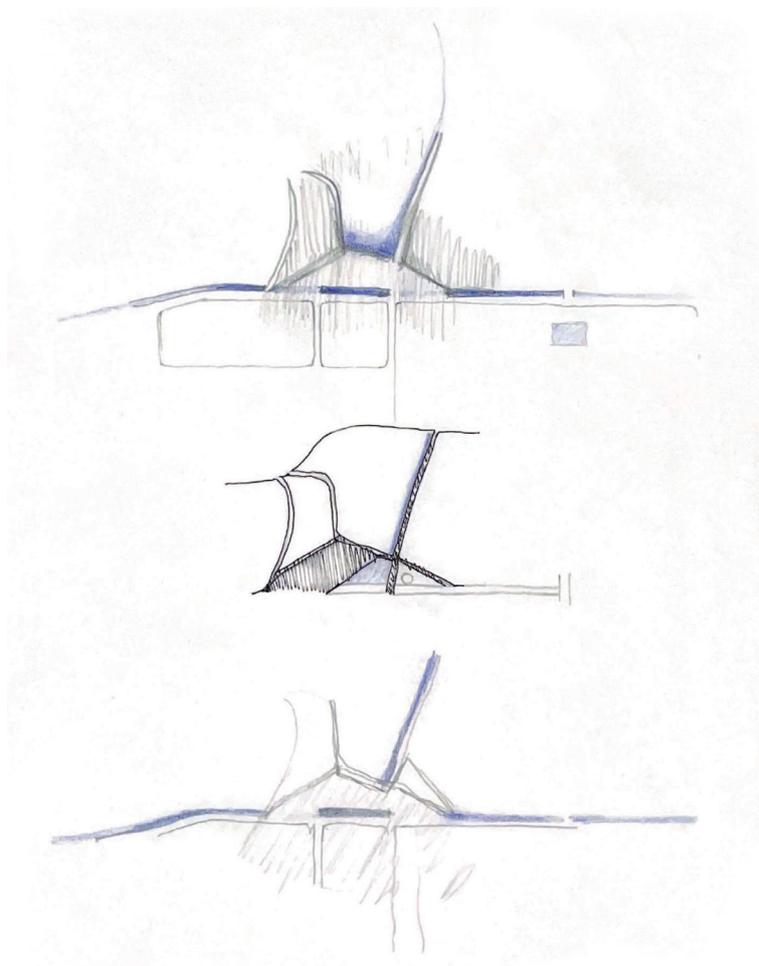
Estudo para a Nova Avenida Lelo Martins



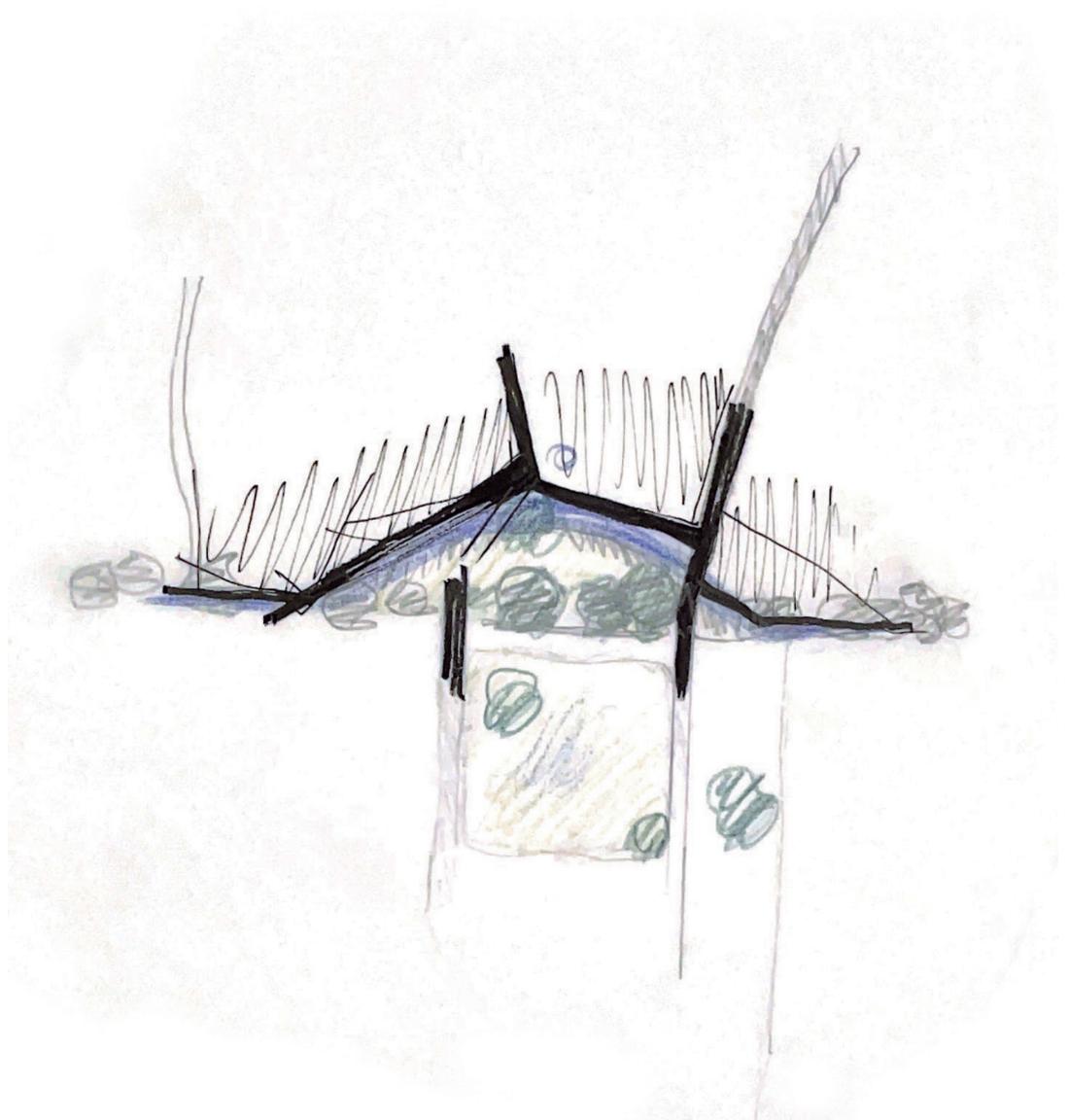
Esquiço da relação do verde com a água da nova Vala



Esquício para o estudo dos Pontos de Venda (3)



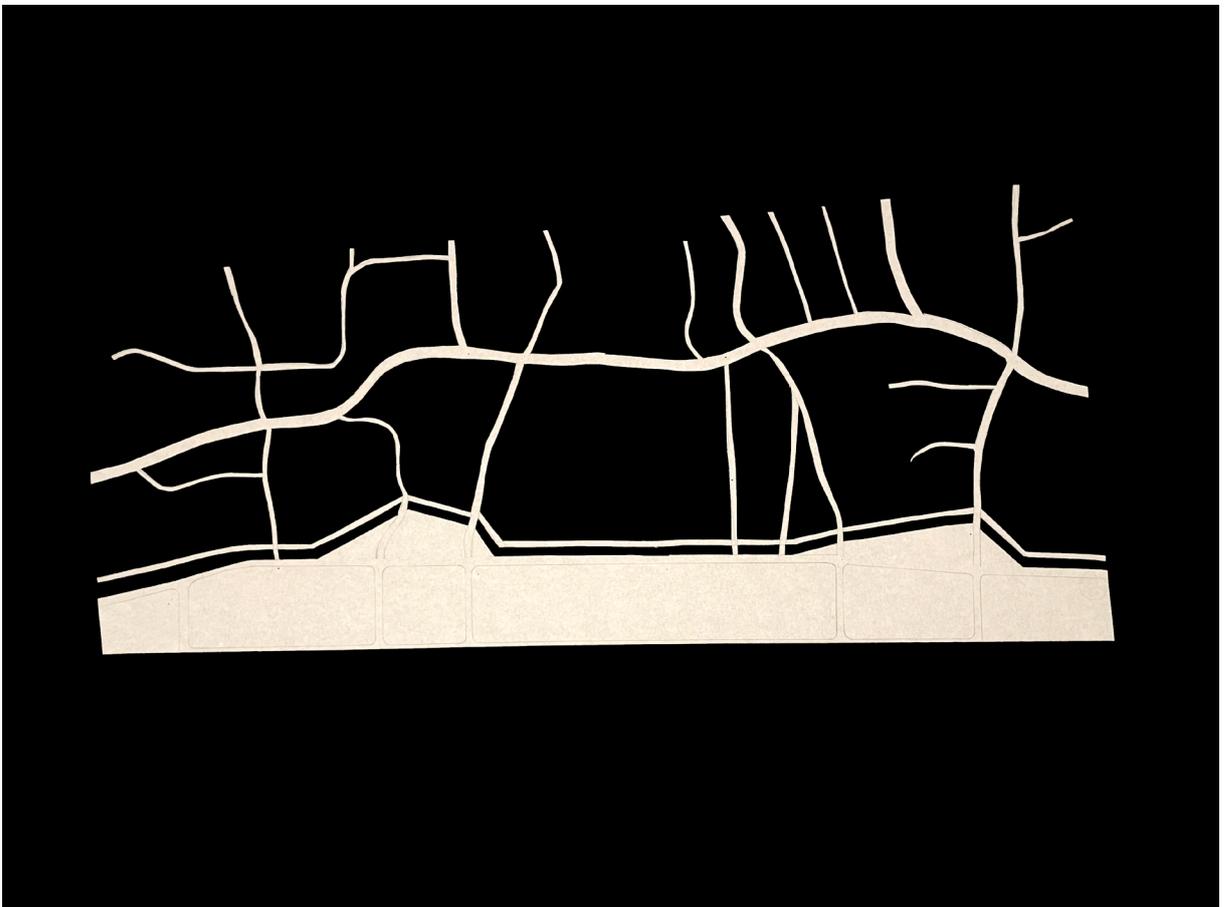
Esquiço para o estudo dos Pontos de Venda (2)



Esquiço para o estudo dos Pontos de Venda



Maqueta esquemática dos Campos agrícolas e da morfologia dos caminhos

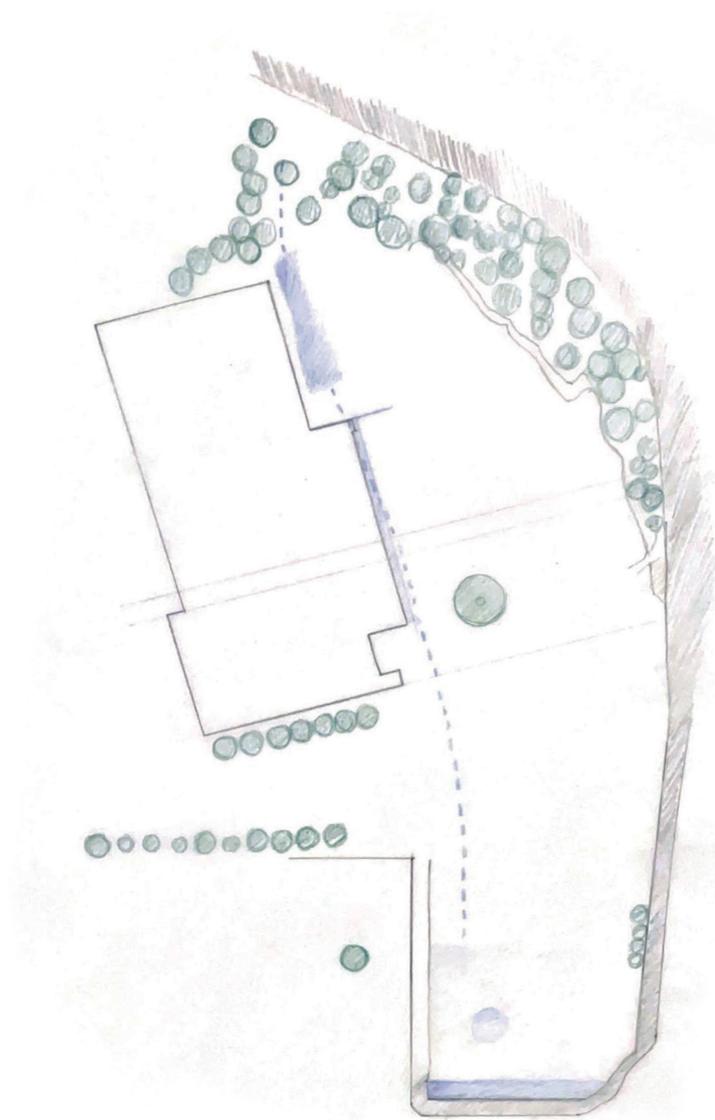


Desenho esquemático da morfologia dos caminhos dos Campos Agrícolas

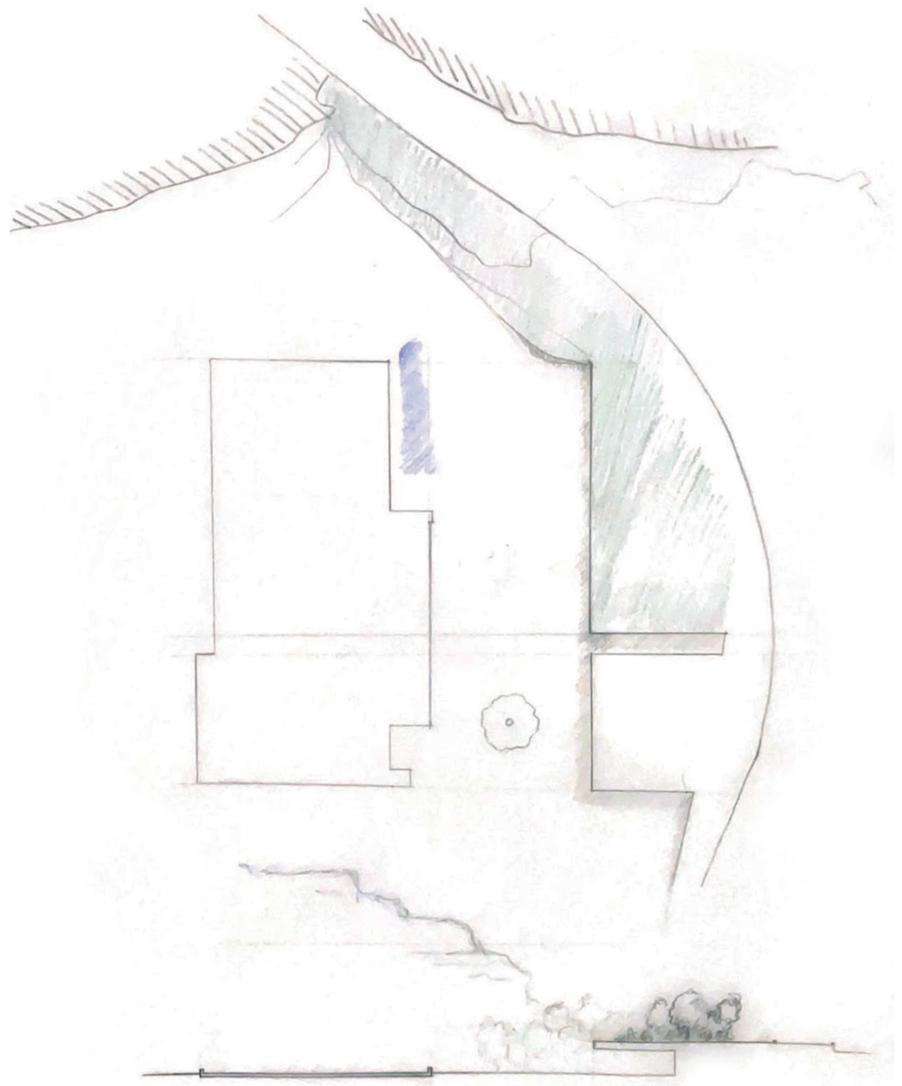


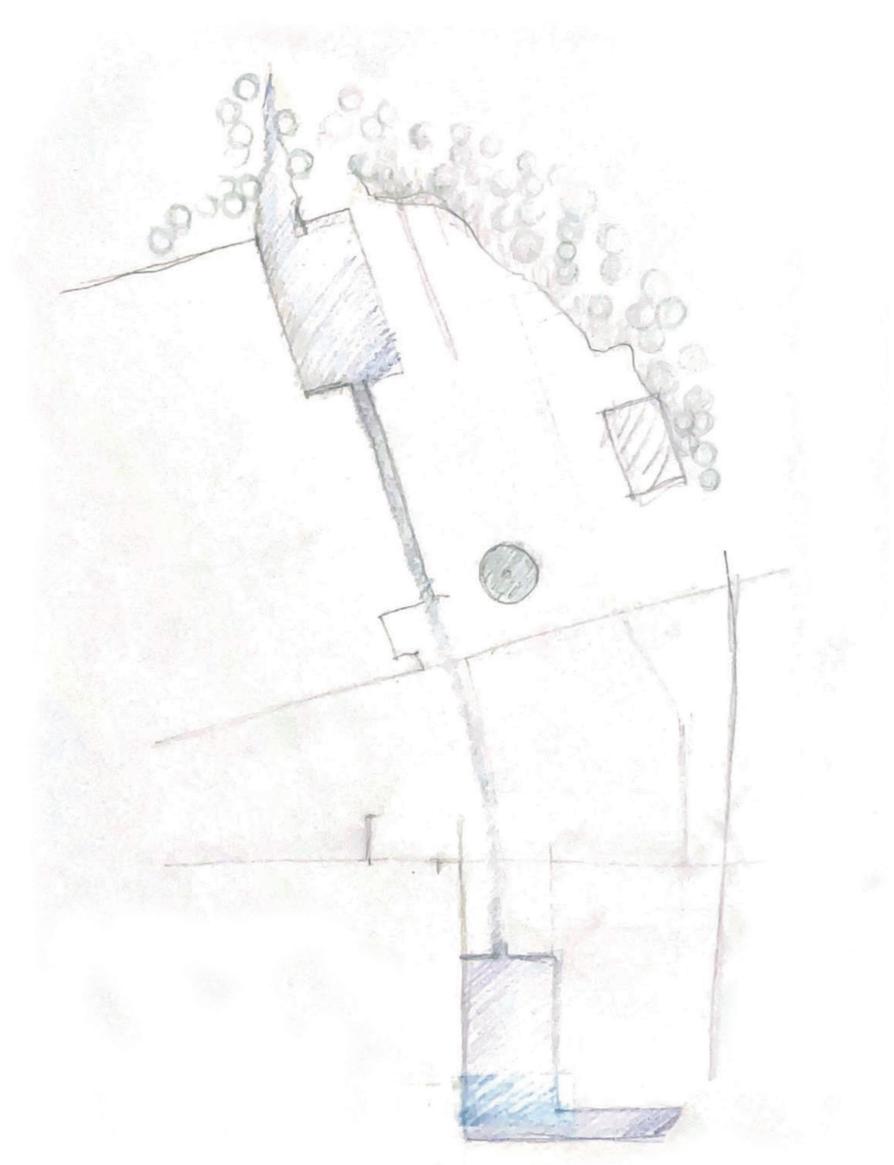


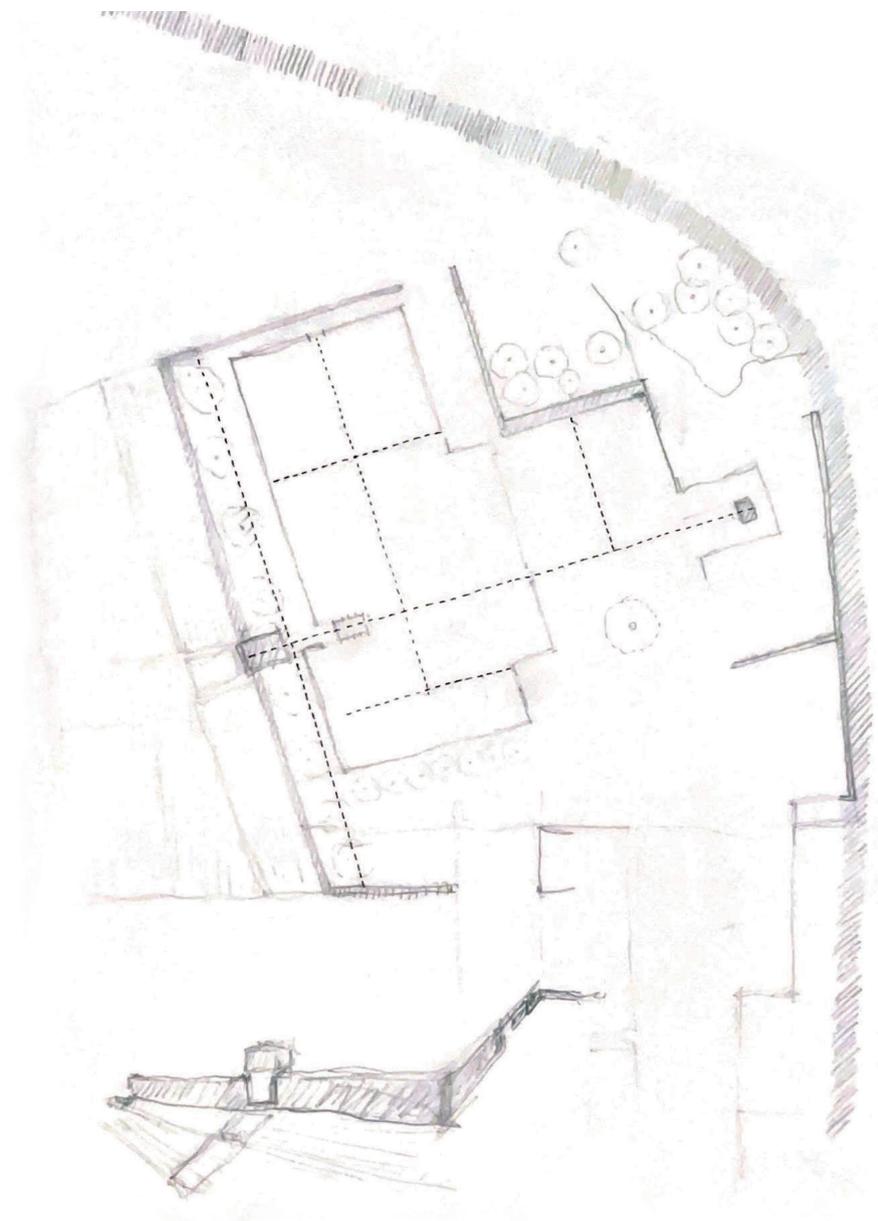
Maqueta da Costa da Caparica realizada pelo grupo de investigação



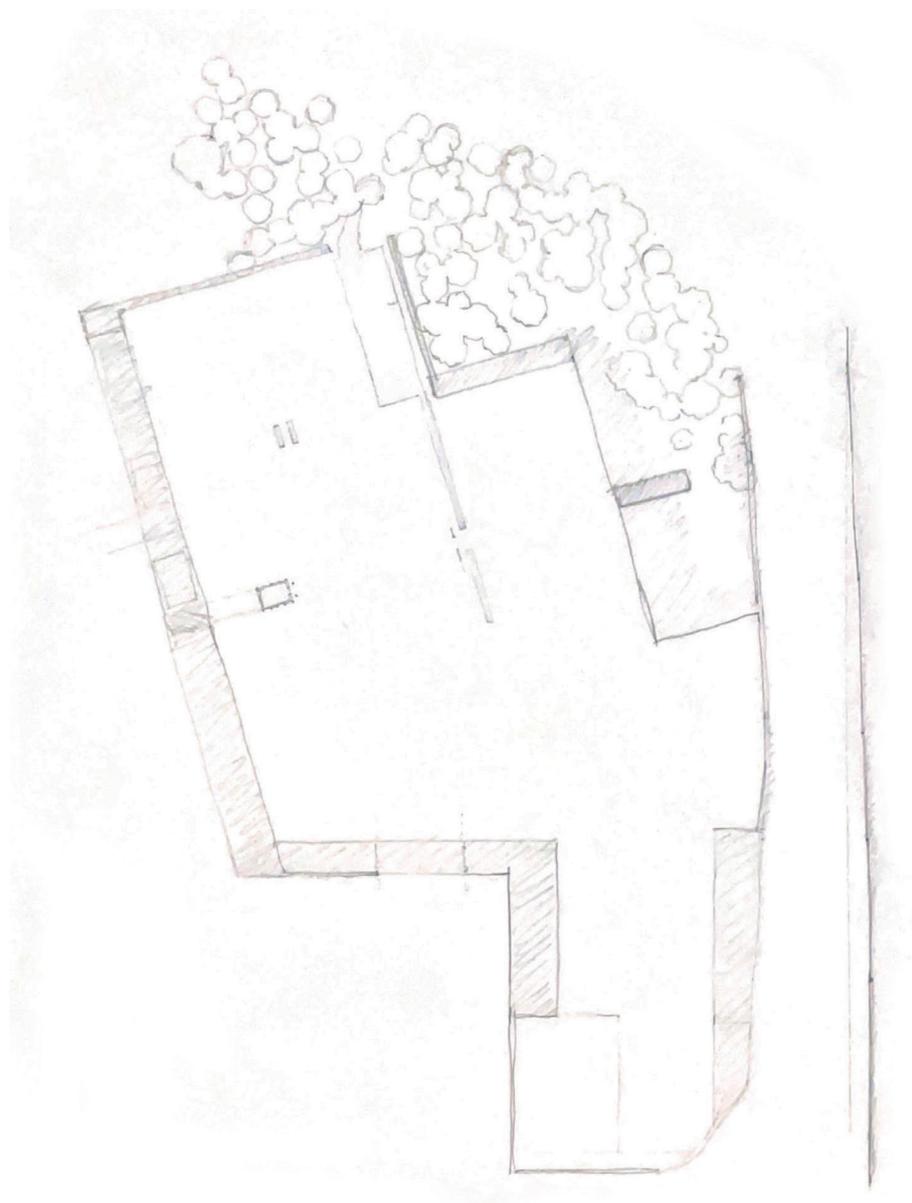
Planta com estudo do percurso da água (1)



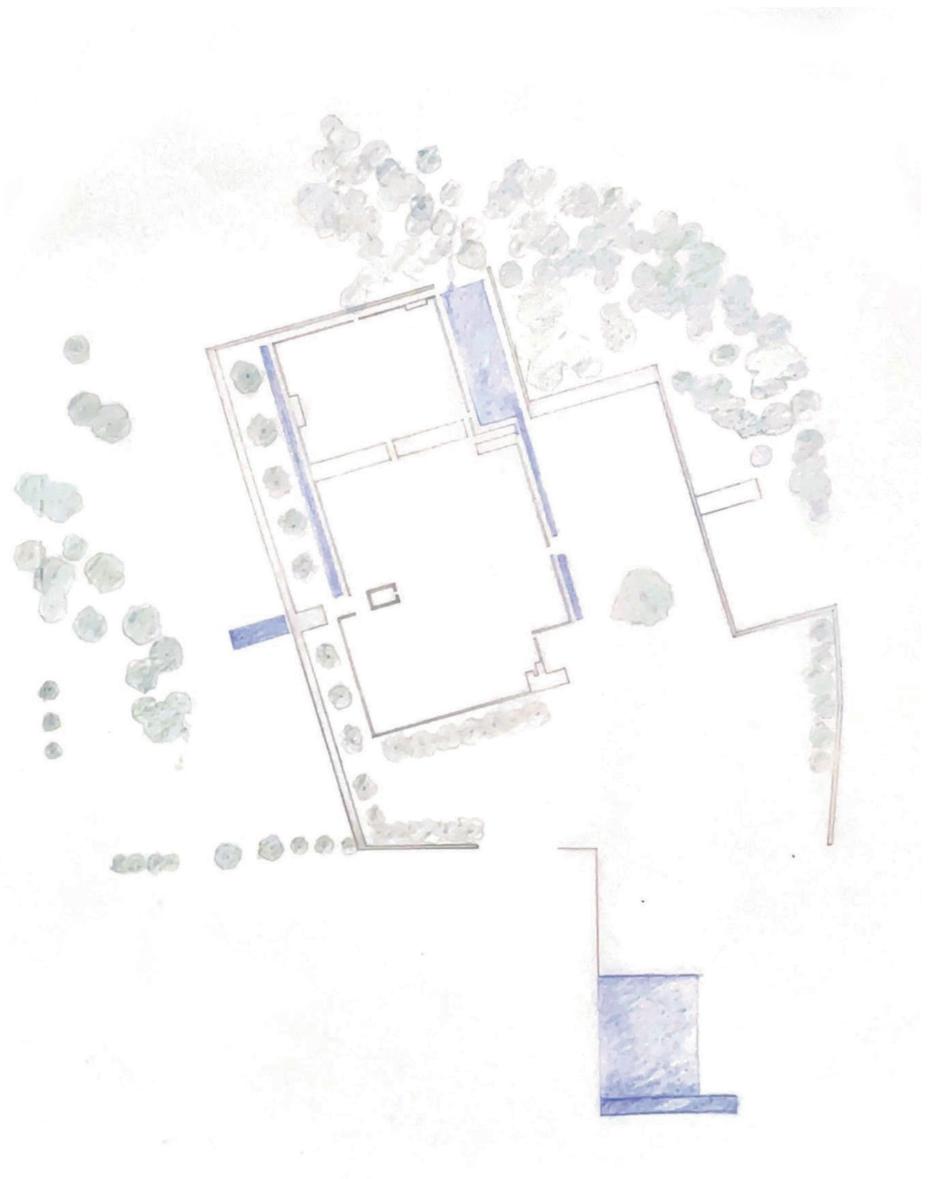


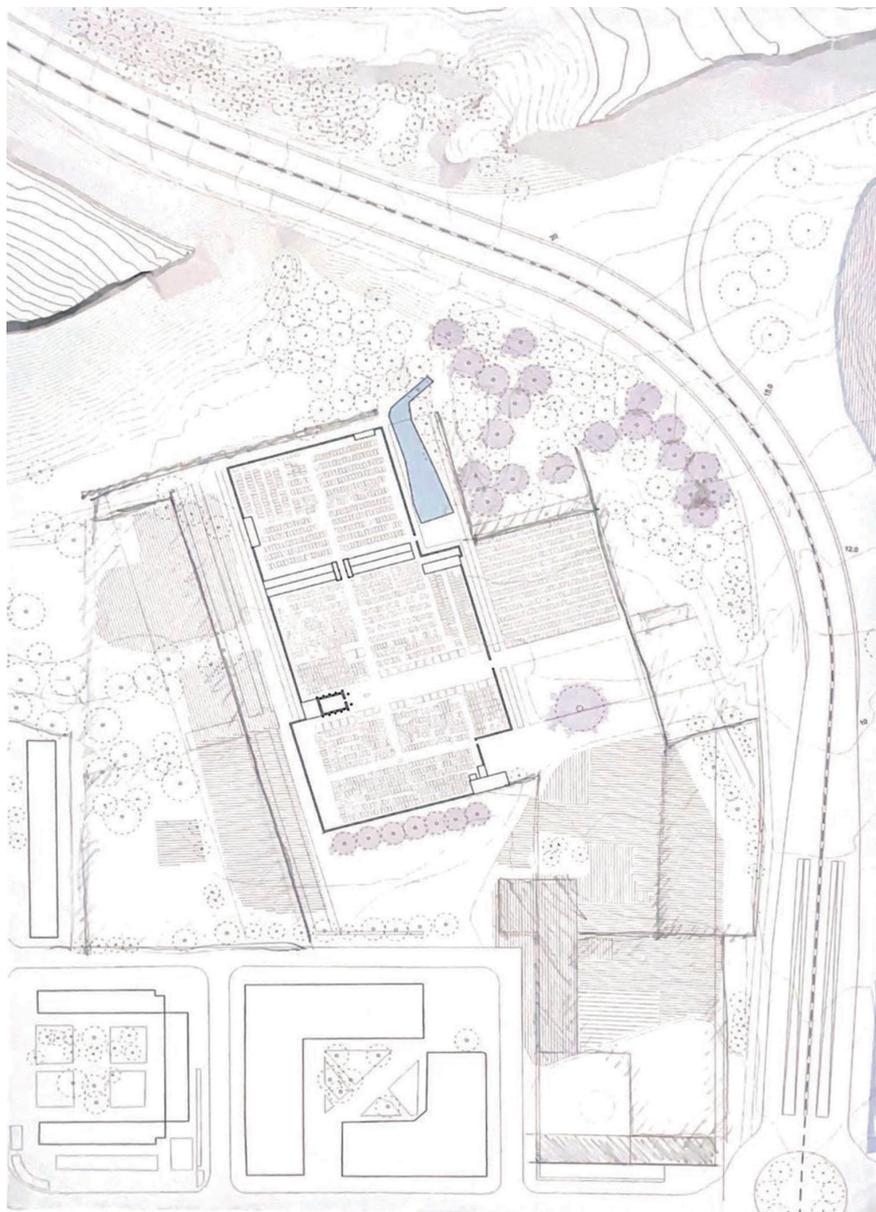


Planta com principais eixos assinalados  
129

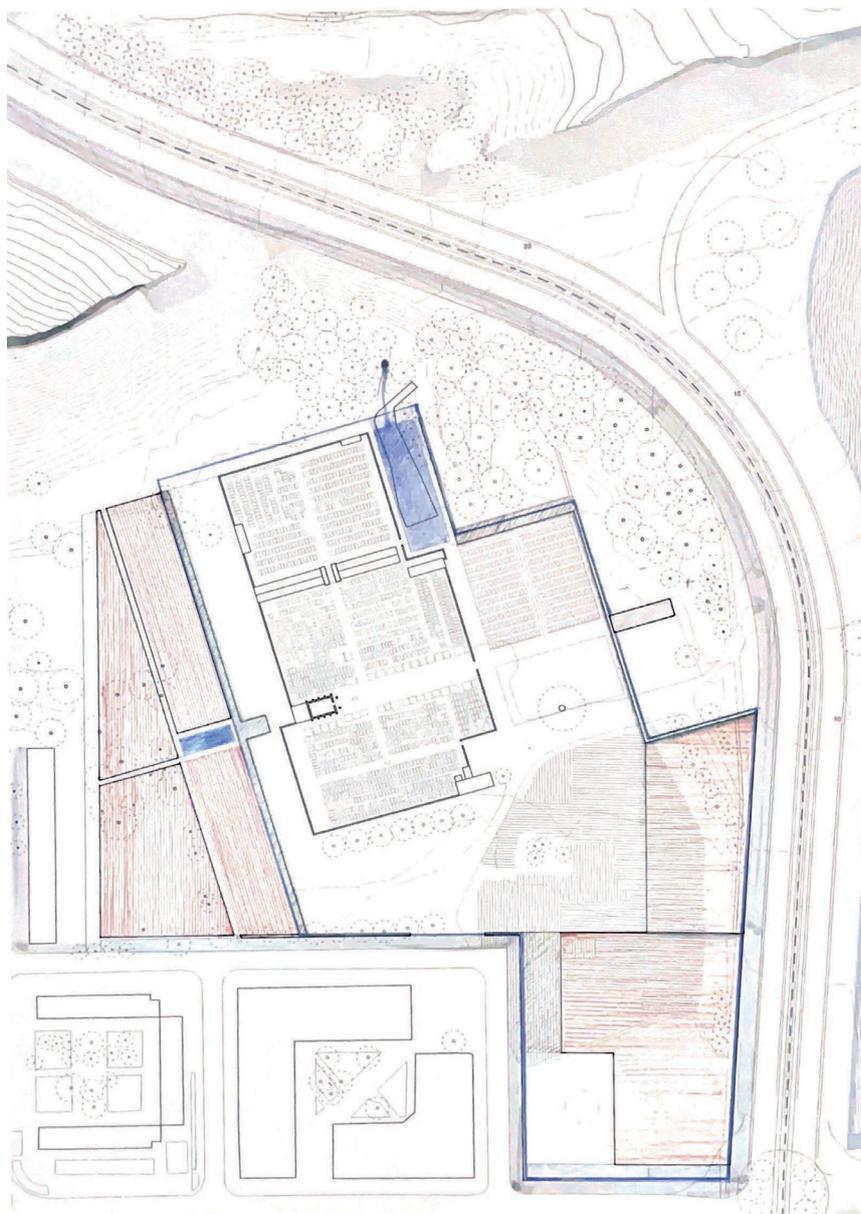


Planta com estudo do desenho do limite

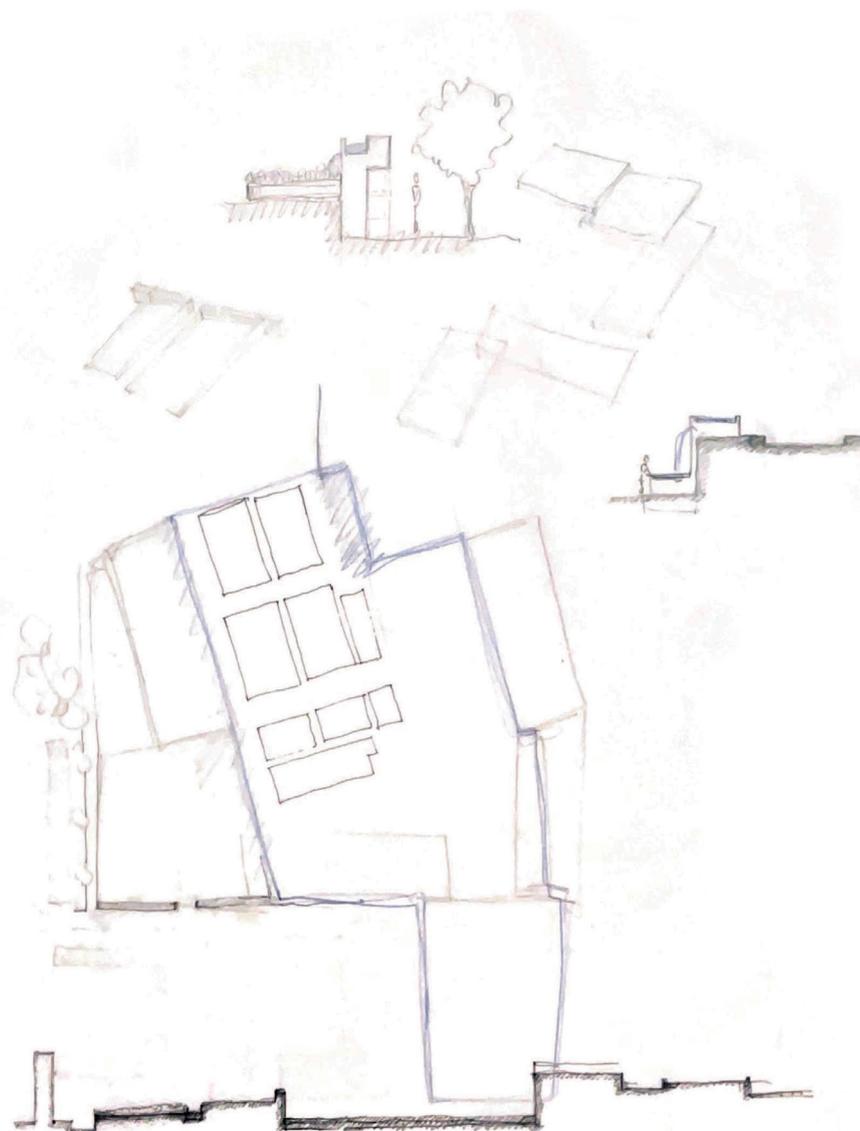




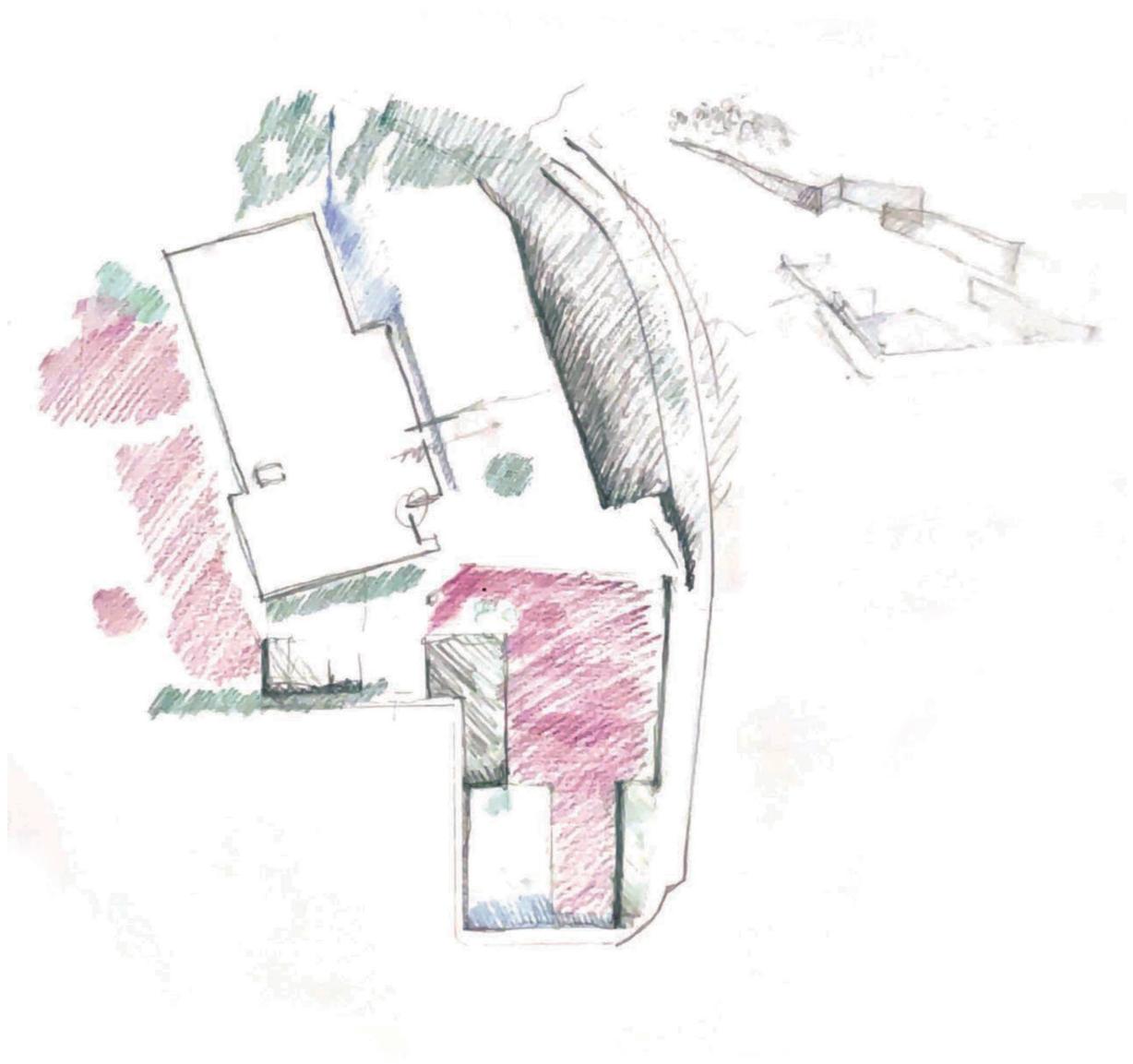
Planta com campos existentes

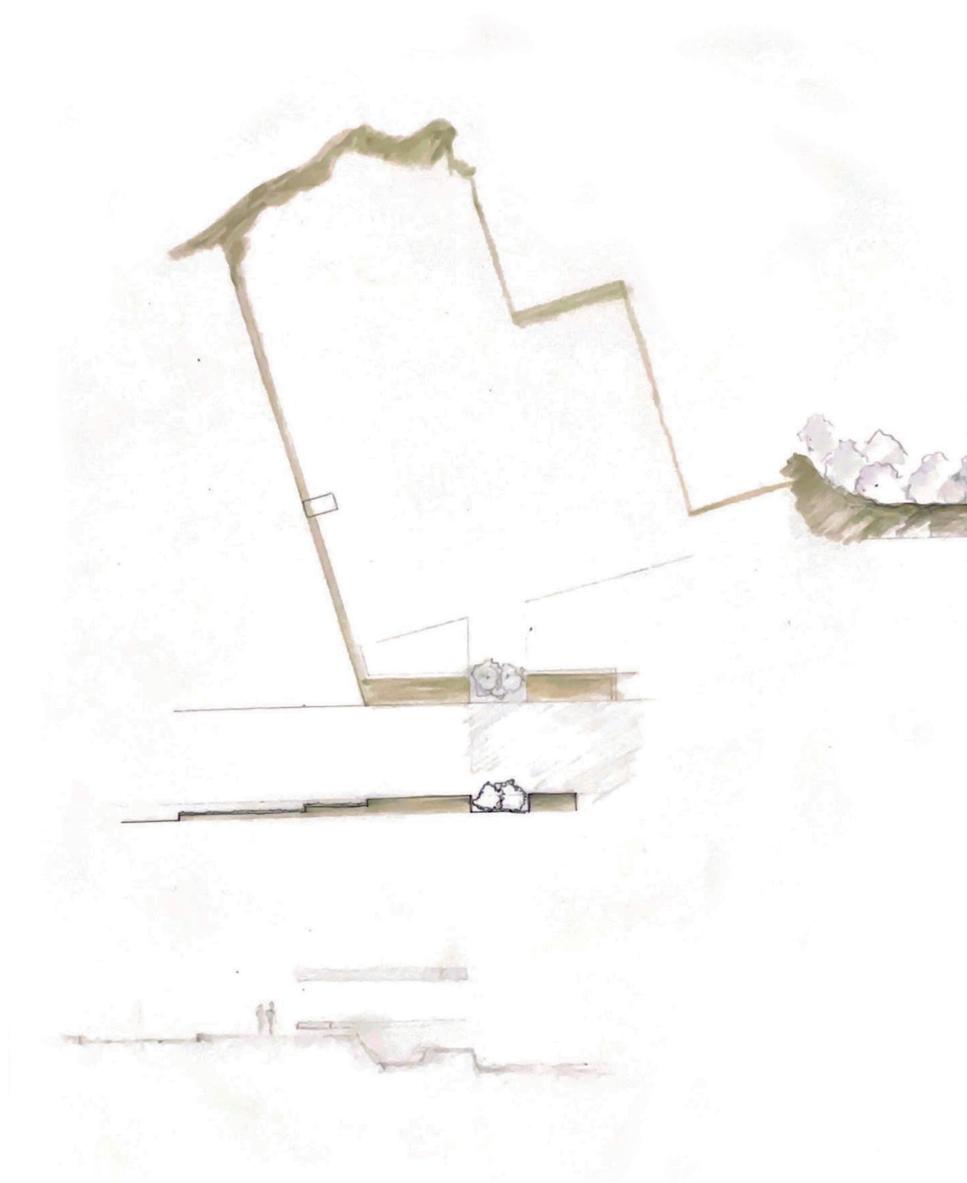


Planta com estudo dos campos e do percurso da água

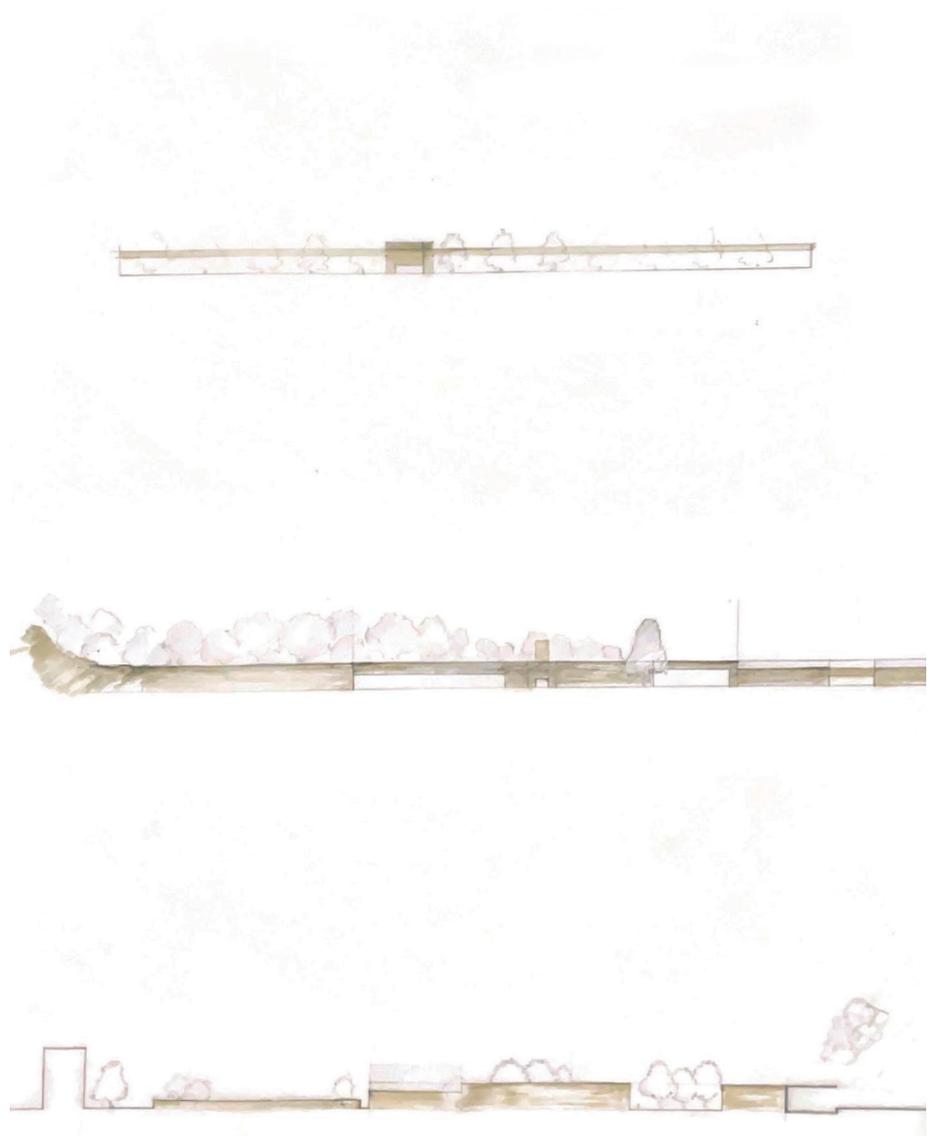


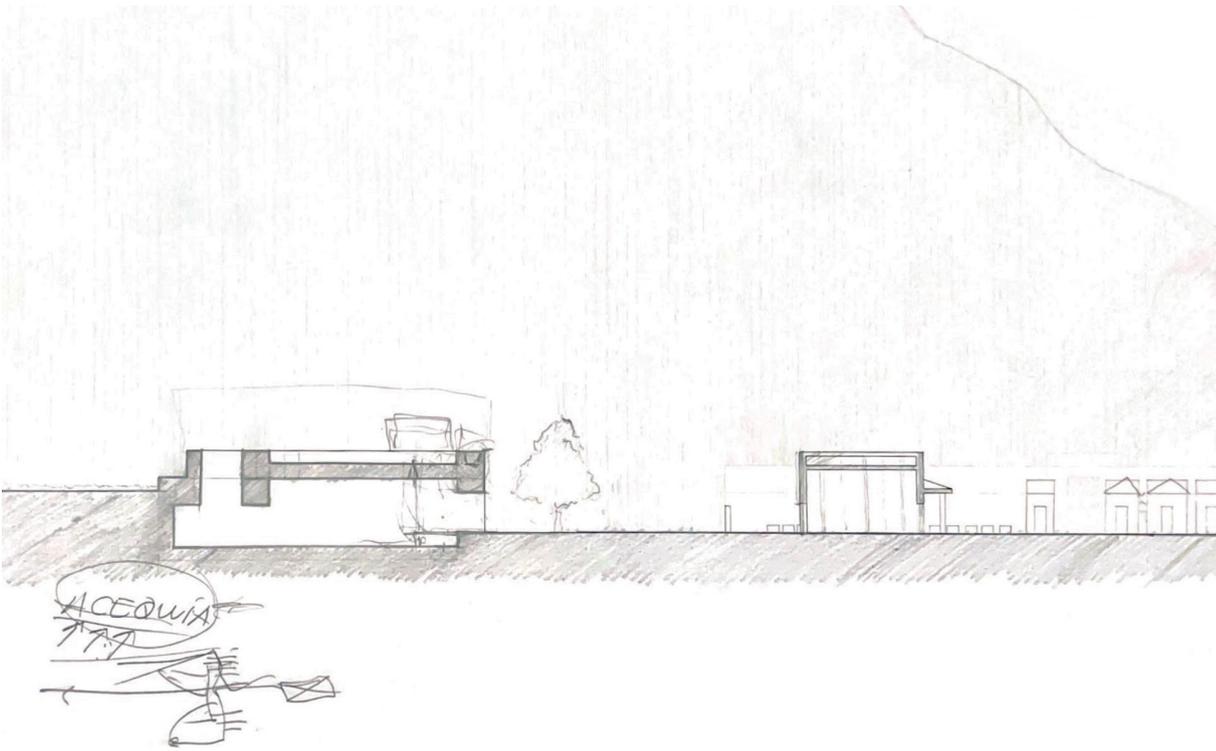
Planta da intervenção e Cortes esquemáticos

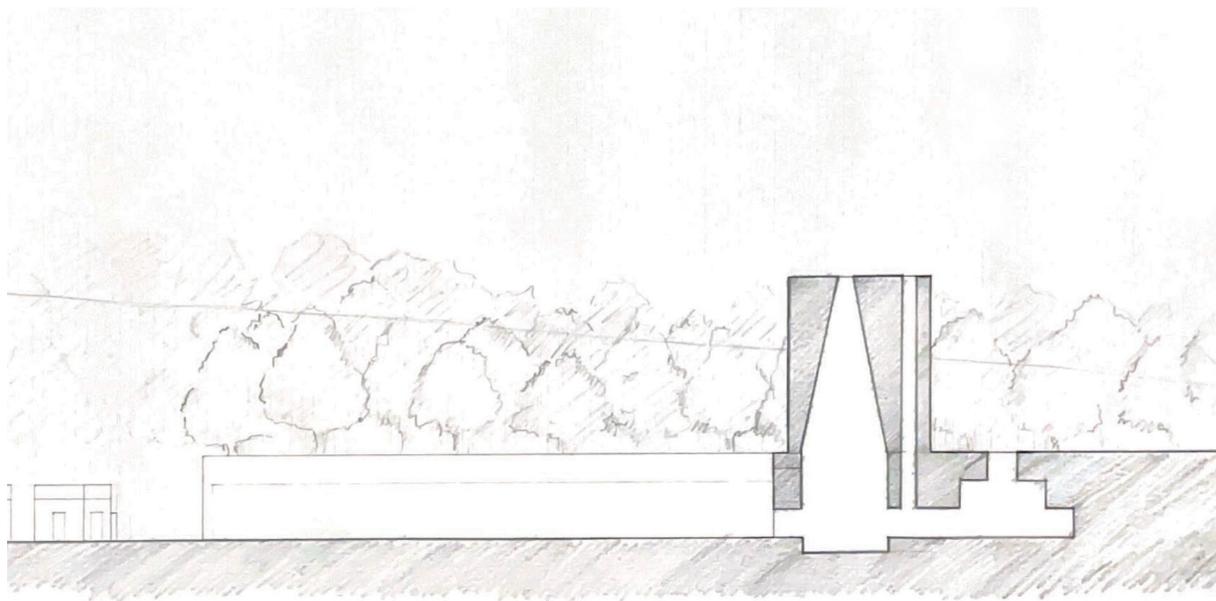


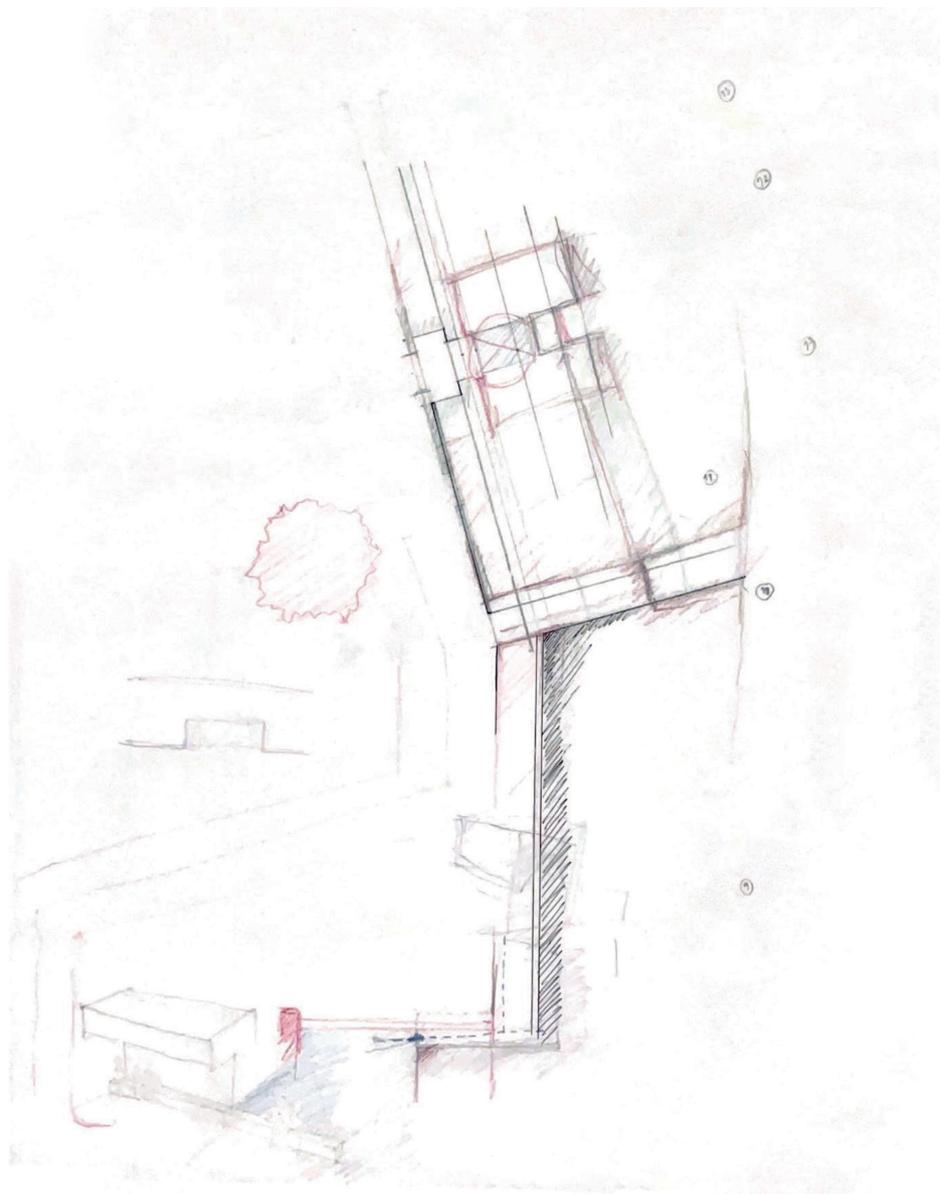


Planta com estudo do muro e da sua materialidade

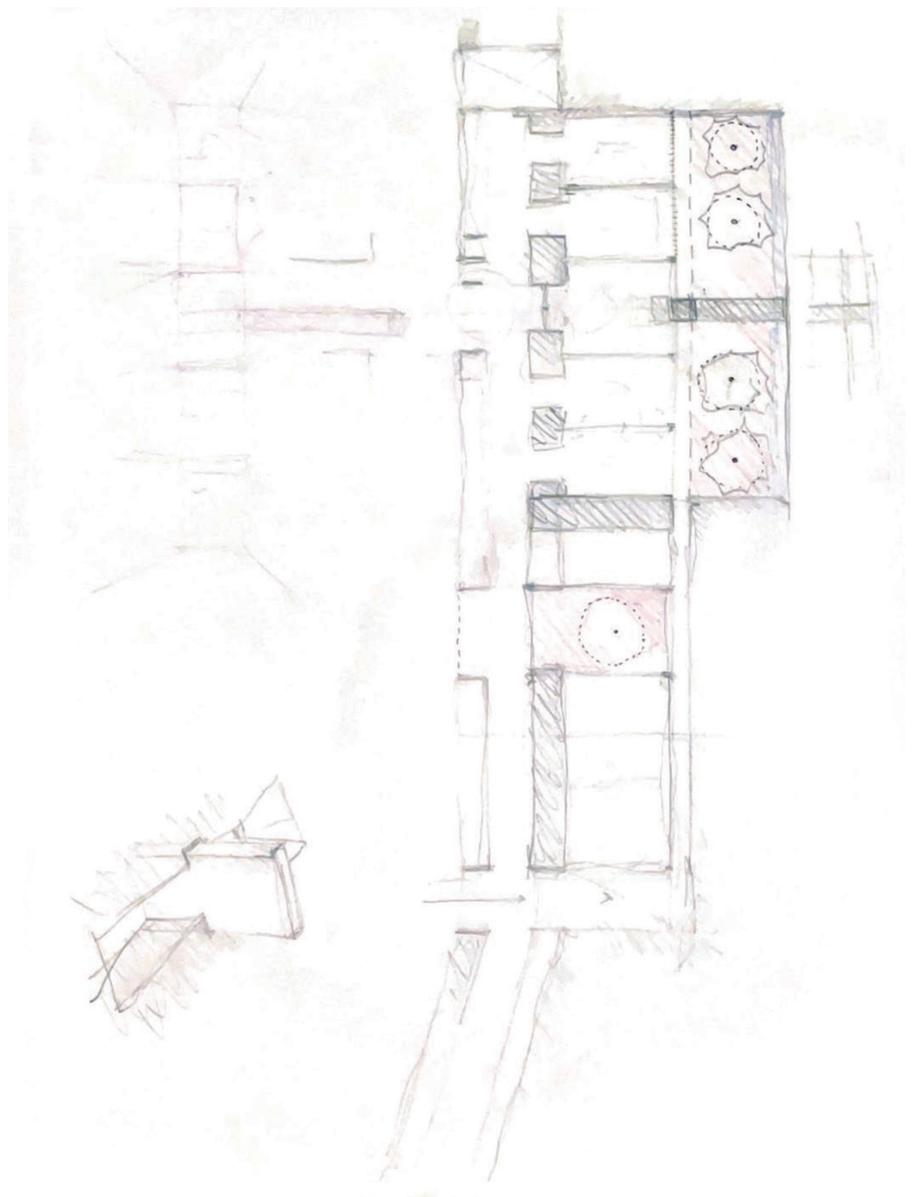




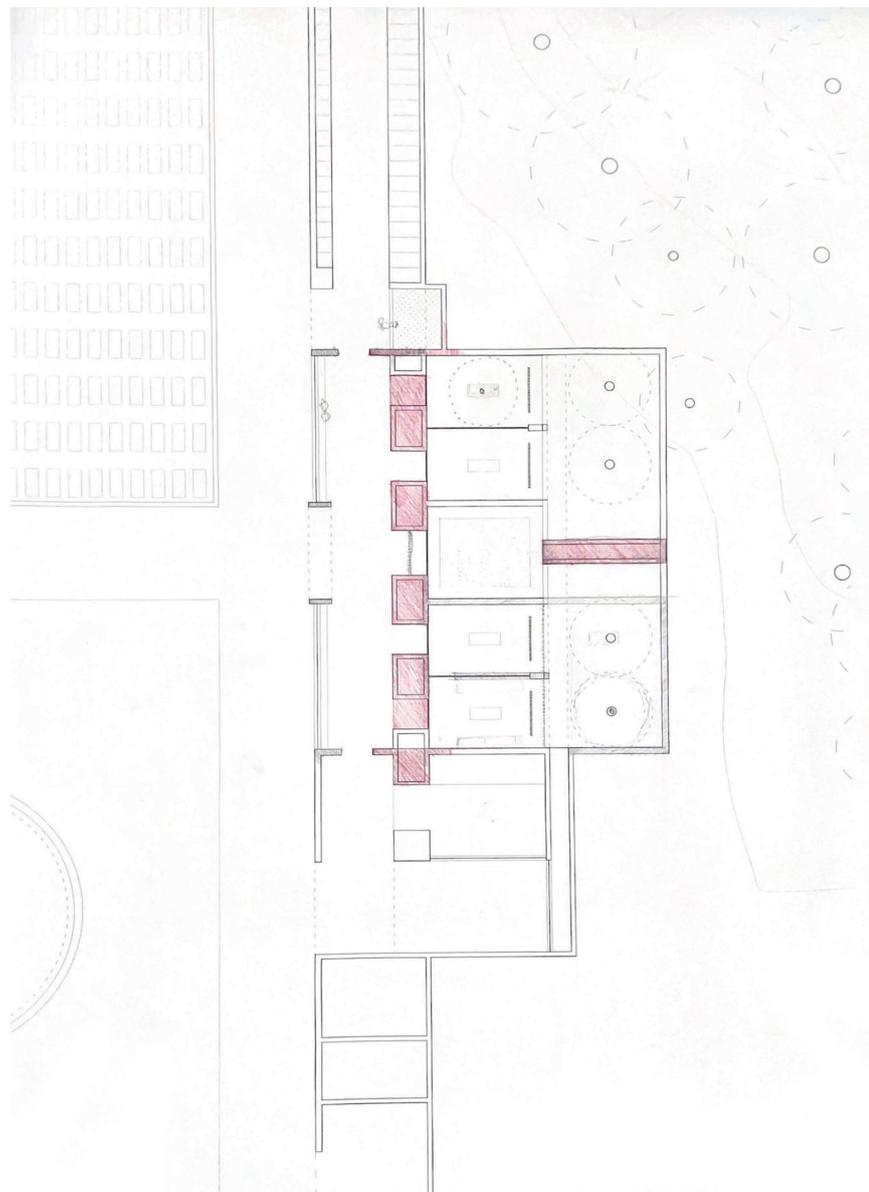




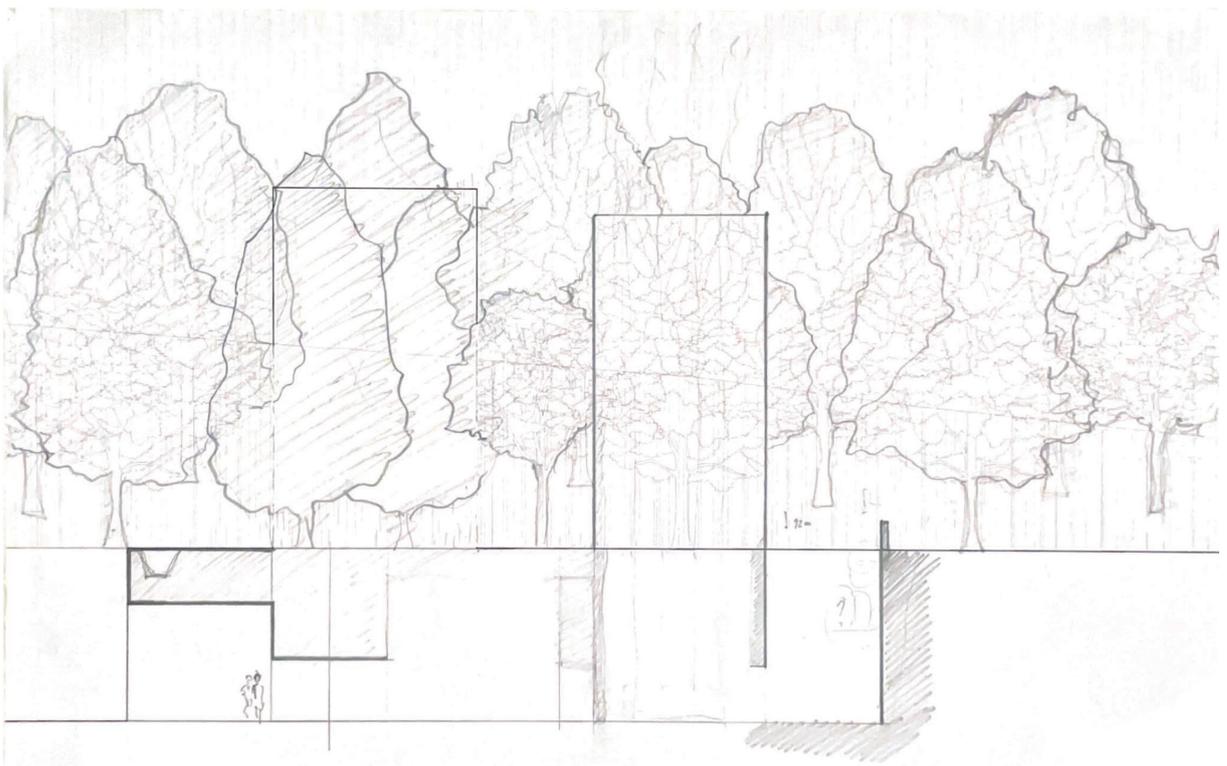
Planta de estudo do Crematório



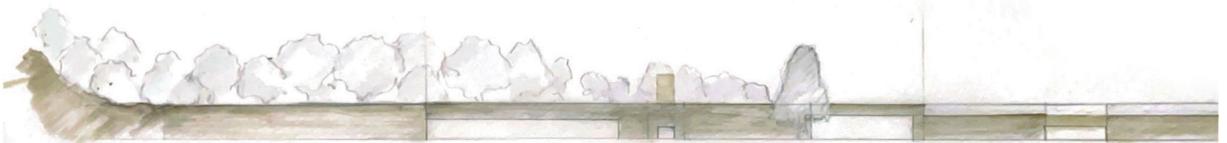
Planta de estudo do Crematório (2)



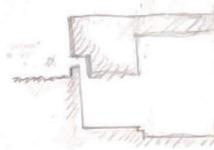
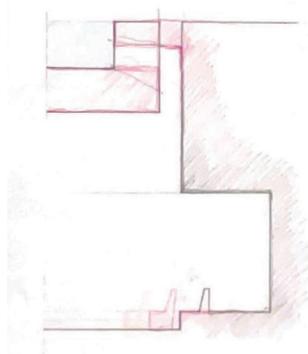
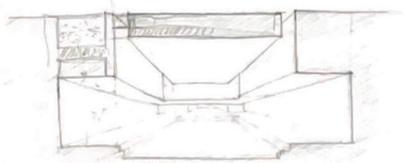
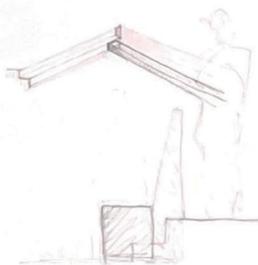
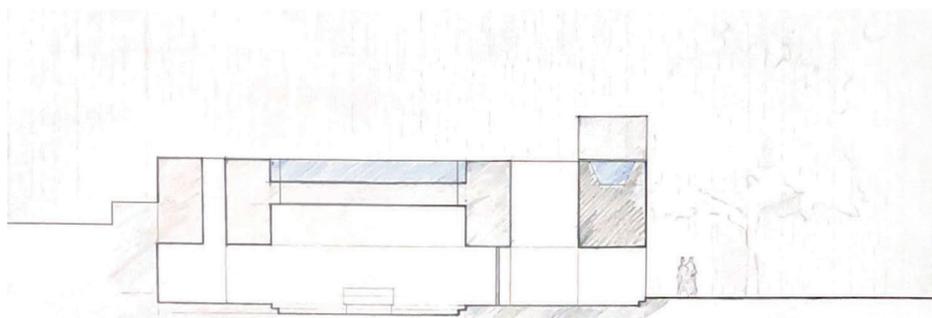
Planta de estudo do Crematório (3)

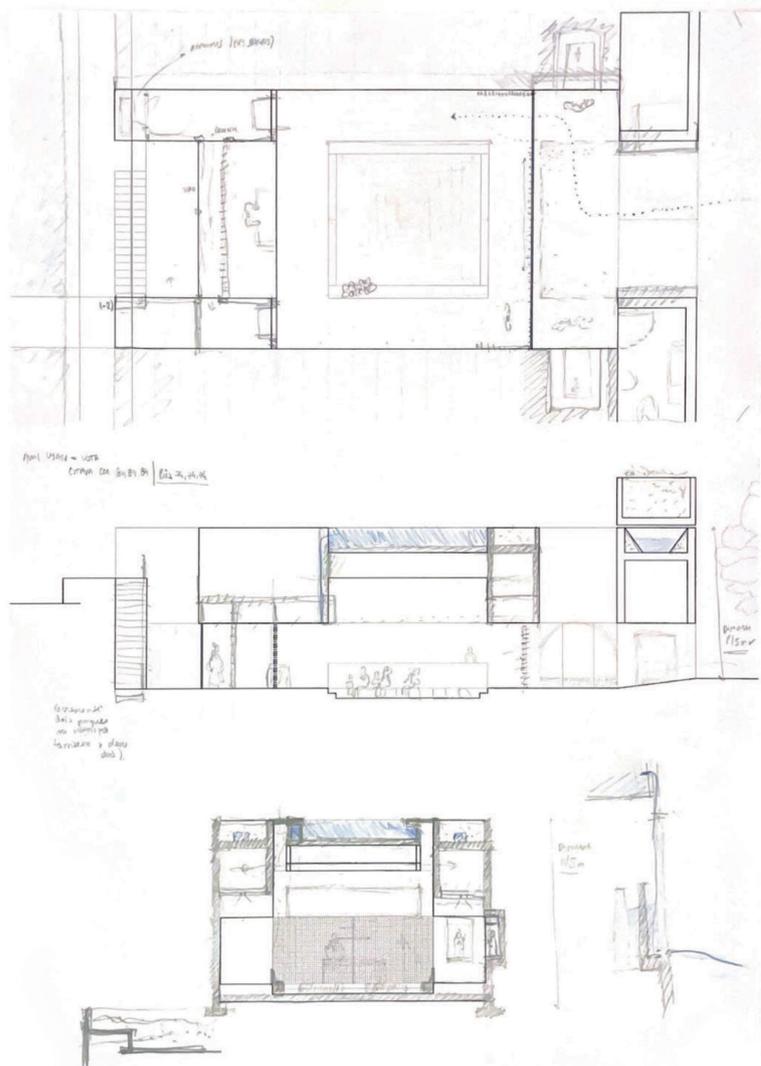


Corte de estudo do Crematório



Estudo do Alçado do Crematório  
143





Planta e Cortes de estudo da Capela  
145